

Coleção  
Fábulas Indianas – Pañcatantra  
Vol. 3

पञ्चतन्त्रम्  
PAÑCATANTRA

*Cinco Tratados*

Coleção de narrativas populares da Índia antiga ≈ século I d.C.

Livros IV e V

Organização e Tradução do sânscrito para o português

Maria da Graça Tesheiner  
Marianne Erps Fleming  
Maria Valéria Aderson de Mello Vargas



fflch

FACULDADE DE FILOSOFIA,  
LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO



Coleção  
Fábulas Indianas – Pañcatantra  
Vol. 3

PañTan}aMa(

PAÑCATANTRA  
Livros IV e V



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

**Reitor:** Carlos Gilberto Carlotti Junior

**Vice-Reitora:** Maria Arminda do Nascimento Arruda



FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

**Diretor:** Paulo Martins

**Vice-Diretora:** Ana Paula Torres Megiani

SERVIÇO DE EDITORAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

Rua do Lago, 717 – Cid. Universitária

05508-080 – São Paulo – SP – Brasil

Tel. (11) 3091-0458

e-mail: [editoraffch@usp.br](mailto:editoraffch@usp.br)

DOI 10.11606/9786587621975

Coleção  
Fábulas Indianas – Pañcatantra  
Vol. 3

PañTan}aMa(

PAÑCATANTRA

*Cinco Tratados*

Coleção de narrativas populares da Índia antiga ≅ século I d.C.

Livros IV e V

Organização e Tradução do sânscrito para o português

Maria da Graça Tesheiner  
Marianne Erps Fleming  
Maria Valéria Aderson de Mello Vargas

 fflch  
FACULDADE DE FILOSOFIA,  
LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

São Paulo, 2022



Catálogo na Publicação (CIP)  
Serviço de Biblioteca e Documentação da FFLCH/USP  
Maria Imaculada da Conceição – CRB-8/6409

---

P188 Pañcatantra [recurso eletrônico] : cinco tratados : livros IV e V / Organização e tradução do sânscrito para o português por Maria da Graça Tesheiner, Marianne Erps Fleming, Maria Valíria Aderson de Mello Vargas. -- São Paulo : FFLCH/USP, 2022.  
1.200 Kb ; PDF. -- (Fábulas indianas – Pañcatantra, v. 3)

Coleção de narrativas populares da Índia antiga ≅ século I d.C.

ISBN 978-65-87621-97-5  
DOI 10.11606/9786587621975

1. Literatura védica. 2. Literatura indiana clássica. 3. Fábula (Coletânea).  
I. Série. II. Tesheiner, Maria da Graça. III. Fleming, Marianne Erps. IV. Vargas, Maria Valíria Aderson de Mello.

CDD 891.22

---



Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria e respeitando a Licença *Creative Commons* indicada

SERVIÇO DE EDITORAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

*Coordenação Editorial*  
M<sup>a</sup>. Helena G. Rodrigues – MTb n. 28.840

*Capa*  
Angela Susan Fleming

*Projeto Gráfico e Diagramação*  
Selma Consoli – MTb n. 28.839

*Revisão*  
Tradutoras

*Revisão de Provas*  
Ricardo Duarte Marques

उपकारिषु यः साधुः साधुत्वे तस्य को गुणः ।  
अपकारिषु यः साधुः स साधुः सद्भिरुच्यते ॥

Que mérito há na bondade  
daquele que é bom para quem o ajuda?  
  aclamado bom pelos homens sábios  
aquele que é bom para quem o prejudica.

पतति कदाचिन्नभसः खाते पातालतखऽपि जलमेति ।  
दैवमचिन्त्यं बलवद्वलवान्ननु पुरुषकारोऽपि ॥

 s vezes a água cai das nuvens,  
 s vezes flui das regiões inferiores até o poço.  
O destino   incompreensível e poderoso,  
mas não é assim também a a o humana?



# Sumário



Prefácio.....	9
Equivalência de sinais.....	15

## *Pañcatantra*


### Livro IV

A perda do bem conquistado.....	21
Fábula I – Gaṅgadatta e Priyadarçana.....	29
Fábula II – A história de Karālikesara.....	39
Fábula III – O oleiro chamado Yudhiṣṭhira.....	47
Fábula IV – O casal de leões.....	51
Fábula V – O tintureiro chamado Çuddhapāṭa.....	57
Fábula VI – O comerciante muito rico chamado Īçvara.....	61
Fábula VII – História do carpinteiro.....	65
Fábula VIII – O asceta Çālaṅkāyana.....	73
Fábula IX – Os três irmãos.....	79
Fábula X – História de Kāmātura.....	89
Fábula XI – Um casal de agricultores.....	95
Fábula XII – Um casal de passarinhos.....	101
Fábula XIII – História de um brâmane.....	105
Fábula XIV – O rei Nanda.....	113
Fábula XV – O carpinteiro Mandamati.....	117
Fábula XVI – O chagal chamado Mahācaturaka.....	123
Fábula XVII – O cão chamado Citrāṅga.....	129



Livro V	
A ação impensada.....	135
Fábula I – O brâmane Devaçarman.....	143
Fábula II – História do homem portador de uma roda na cabeça.....	147
Fábula III – Os brâmanes estúpidos que ressuscitaram um leão.....	157
Fábula IV – Os eruditos mentecaptos.....	163
Fábula V – A rã e os peixes.....	169
Fábula VI – O jumento Uddhata.....	175
Fábula VII – O tecelão chamado Mantharaka.....	181
Fábula VIII – O brâmane chamado Svabhāvakṛpaṇa.....	189
Fábula IX – O rei Candra.....	193
Fábula X – O rei chamado Bhadrasena.....	203
Fábula XI – O rei chamado Madhusena.....	209
Fábula XII – O <i>rākṣasa</i> chamado Caṇḍakarman.....	213
Fábula XIII – História do pássaro <i>bhāraṇḍa</i> .....	221
Fábula XIV – História do brâmane chamado Brahmadata.....	225
Bibliografia.....	229

## PREFÁCIO

 om o presente volume, concluímos a tradução do terceiro conjunto de textos da coleção de fábulas indianas *Pañcatantra* (*Cinco Tratados*), compiladas em sânscrito por volta do século I de nossa era.

A ideia de traduzir essa obra originou-se de um projeto de pesquisa de iniciação científica, levado a efeito por Maria da Graça Tesheiner e Marianne Fleming, sob a orientação da Professora Maria Valéria Aderson de Mello Vargas, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. O objetivo principal do projeto era traduzir o primeiro livro do *Pañcatantra*, porém, ao término do período de vigência da bolsa do CNPq, ampliou-se para uma proposta de tradução dos cinco livros da coleção.

O primeiro volume, publicado pela Editora Humanitas em 2003 (2. ed., 2004), consistiu na tradução das vinte e duas fábulas que compõem o Livro I (*A desunião de amigos*) da coleção. O segundo volume, publicado pela mesma editora em 2008, reuniu as seis fábulas do Livro II (*A aquisição de amigos*) e as treze do Livro III (*A história dos corvos e das corujas*).

No volume que ora apresentamos, reúnem-se os textos dos Livros IV (*A perda do bem conquistado*) e V (*A ação impensada*), traduzidos, em sua maior parte, por Maria da Graça e Marianne. Maria Valéria traduziu o início do Livro V e encarregou-se da revisão final de todo o material.

Em cada um dos cinco livros do *Pañcatantra*, narra-se uma história que vai adquirindo consistência por meio do entrelaçamento de fábulas, para compor espécies de tratados, independentes entre si, sobre a conduta na guerra, na paz e na vida prática. No prólogo da coleção, informa-se que um rei recomendara a educação de seus filhos, jovens príncipes, ao brâmane Viṣṇuçarman e que este prometera dotá-los do conhecimento que um *kṣatriya* (membro da classe guerreira) deveria deter, tanto em relação ao comportamento na guerra e na paz quanto nas mais variadas situações da realidade social.

Por meio da narração das fábulas, o brâmane transmite aos príncipes normas de comportamento presentes nos códigos de leis e de ética, mas também adágios que veiculam a sabedoria secular. Tais ensinamentos, propagados originalmente por meio dos *çloka* (conjunto de dois versos de dezesseis sílabas cada um), têm a mesma função dos provérbios e ditados, que conferem ao discurso uma espécie de autoridade indiscutível, proveniente da sabedoria dos antigos. Passam a funcionar como eficiente meio para quem procura afirmar a verdade de seus enunciados ou dotá-los de uma aparência de verdade.

Os personagens das histórias ganham voz incessantemente para expor situações ou lembrar frases da sabedoria popular e, desse modo, revelam seu caráter, reforçam o tom de conversa, deixando às claras a situação enunciativa.

Além disso, a reiteração de certas expressões dialógicas (*Como foi isso?*, *O que quer dizer isso?*, *Conta-se o que segue*, *Por isso eu digo*) evidencia um modo peculiar de explicitar o já dito; constituem-se verdadeiros procedimentos de discursivização realizados pelos sujeitos, na exposição de crenças e de experiências que julgam compartilhar com o “outro”, promovendo, desse modo, a prática efetiva da linguagem.



No Livro IV da coleção, a intenção é provar que, por imprudência, frequentemente se perde um bem conquistado. Consiste numa espécie de advertência dirigida aos homens, para que ajam com prudência e lucidez. Apresenta-se como narrativa central a história da grande amizade que se originou e se manteve por certo tempo, entre um macaco e uma criatura do mar, mas que foi desfeita por influência da mulher daquele ser marinho. As fábulas emaranham-se entre inúmeros ensinamentos e preceitos, relacionados, sobretudo, nesse livro, ao comportamento da mulher, que manipula, ludibria e acaba convencendo o homem a agir de determinada maneira.

Um bom exemplo de demonstração desse comportamento da mulher encontra-se na história do carpinteiro, *cujas esposa era namorada e alvo de mexericos*. Ao ponderar se deveria investigar esse comportamento, o marido recorda-se de vários ensinamentos e verdades gerais, como, por exemplo: *Não se deve investigar a pureza dos rios, das linhagens, dos ascetas e dos magnânimos, nem a má-conduta das mulheres; se o fogo fosse gelado, ou se a lua fosse causticante, se o homem cruel fosse amável, então haveria fidelidade conjugal das mulheres*. Pondera, ainda, que somente poderia ter certeza da honestidade ou desonestidade da mulher, ouvindo as conversas do povo, e cita o ditado: *O povo sabe tudo o que se passa no interior do Ovo de Brahman, até o que não se vê nem se ouve, nem se aprende nos Veda e nos tratados*.

Já o Livro V tem como principal propósito mostrar as más consequências resultantes das ações precipitadas, da avidez e da falta de bom senso diante de situações inusitadas. Trata-se do livro em que mais se percebe a falta de unidade nas histórias, o que leva a considerar-se a hipótese de que vários autores participaram da compilação e da organização desse quinto conjunto de textos. A história-quadro inicia-se com um mercador que,

colocando em prática o que vira em sonho, bate na cabeça de um monge jainista e este se transforma em ouro, relíquia dos antepassados do mercador. Um barbeiro, que assistira à proeza, ansioso por também conseguir ouro, dirige-se a um monastério, onde passa a ferir e a matar uma série de monges. Por essa razão, é preso e condenado ao empalamento. Para justificar essa pena, os juízes contam-lhe a fábula do brâmane, sua mulher e o mangusto, demonstrando, assim, o perigo da ação impensada e, dentro dessa história, a esposa do brâmane conta a ele outra, que passa a ser a principal, pois até o final do livro não se menciona mais o barbeiro.

Um tanto insólita é, por exemplo, a história do tecelão que, para desfrutar de um benefício concedido a ele por uma divindade, coloca em prática o conselho da esposa e pede à divindade outra cabeça e mais um par de braços. Ao ver aquela figura, o povo, julgando tratar-se de uma entidade demoníaca, ataca-o a golpes de cajados e pedras e ele morre.

Também nesse quinto livro narra-se a história do brâmane ávido por riquezas, que sonha com a venda de um pote cheio de farinha e com as coisas que conseguiria mais e mais com as vendas subsequentes dos bens adquiridos, até que, distraidamente, no auge de seu “sonho”, atinge, com um pontapé, o pote de farinha que se quebra, cobrindo de branco o brâmane ambicioso. No caminho dessa fábula para o ocidente, o brâmane foi substituído por uma mulher e, dentre outros reflexos do texto indiano, encontra-se a história da leiteira, no *Auto de Mofina Mendes*, de Gil Vicente, e em *A leiteira e o pote de leite*, de La Fontaine. Monteiro Lobato baseou-se no texto de La Fontaine para recriar *A menina do leite*.

Conforme o procedimento adotado na tradução dos livros anteriores, conservamos, neste volume, a opção por apresentar uma tradução bem anotada, e o mais próxima possível do

original, sobretudo, para que o leitor tenha a oportunidade de compreender os significados dos nomes atribuídos aos personagens e aos lugares em que se localizam as histórias, e para que possa, ainda, observar as repetições dos ensinamentos do próprio *Pañcatantra* e também de outras obras da literatura sânscrita e dos tratados de boa conduta e de ética da Índia antiga.

A fonte principal do texto sânscrito foi novamente a edição de Kāle (Delhi, 1ª ed., 1912) e, sempre que se fez necessário, consultou-se a edição de Bühler (Bombay, 1868, 1869) e a de Çrīçyāmācaraṇapāṇḍeya (Vārāṇasī, 1975), que também apresentam o texto sânscrito original. Para o cotejo entre traduções, foram utilizadas as obras de Bolufer (Madrid, 1908), a de Lancereau (Paris, 1871), a de Chandiramani (New Delhi, 1991), a de Ryder (Bombay, 1992) e a de Robles e Gil (Lisboa, 1975).

Registramos um especial agradecimento a Luiz Carlos Tesheiner, que contribuiu com preciosas sugestões na definição de palavras e expressões de difícil adaptação ao português, além do incentivo e apoio incondicional à esposa Maria da Graça, desde o início do desenvolvimento do projeto de tradução do *Pañcatantra*.

Esse agradecimento estende-se a Angela Susan Fleming, pela realização do projeto de capa dos três volumes da tradução.

Cabe, por fim, uma menção ao apoio da Editora Humanitas, que tornou possível a divulgação dos resultados desse projeto vinculado à área de estudos de língua e literatura sânscritas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Maria Valéria A. M. Vargas



**EQUIVALÊNCIA DE SINAIS (ENTRE OS ALFABETOS  
DEVANĀGARĪE LATINO, DE ACORDO COM O  
CONGRESSO DE ORIENTALISTAS DE GENEBRA, DE  
1894)**

**Vogais:**

अ	a	a breve, como em “bola”.
आ	ā	a longo, como em “vaso”.
इ	i	i breve, como em “única”.
ई	ī	i longo, como em “colina”.
उ	u	u breve, como em “buraco”.
ऊ	ū	u longo, como em “madura”.
ऋ	ṛ	r vocálico breve, como em “carne”, como é pronunciado no interior de S. Paulo.
ॠ	ṝ	r vocálico longo, como o anterior, mas mais prolongado.
ऌ	ḷ	l vocálico breve, como em “sul”, como é pronunciado no Rio Grande do Sul.
ॡ	ḹ	l vocálico longo, como o anterior, mas mais prolongado.
ए	e	e (fechado), como em “pena”.
ऐ	ai	ai, como em “pai”.
ओ	o	o (fechado), como em “Roma”.
औ	au	au, como em “causa”.

## Consoantes:

क्	k	<b>k</b> , como em “casa”.
ख्	kh	<b>k</b> aspirado, como em “ <i>inkhorn</i> ”, em inglês.
ग्	g	<b>g</b> , como em “gato”.
घ्	gh	<b>g</b> aspirado, como em “ <i>loghut</i> ”, em inglês.
ङ्	ñ	<b>n</b> gutural, como em “ <i>manga</i> ”.
च्	c	<b>c</b> , como em “ <i>dolce</i> ”, em italiano, ou como na expressão gaúcha “ <i>tché</i> ”.
छ्	ch	<b>ch</b> aspirado, como em “ <i>churchhill</i> ”, em inglês.
ज्	j	<b>j</b> , como em “ <i>jump</i> ”, em inglês, ou no nome próprio “Djalma”.
झ्	jh	<b>j</b> aspirado, como em “ <i>hedgehog</i> ” ( <i>hejhog</i> ), em inglês.
ञ्	ñ	<b>n</b> palatal, como em “ <i>anjo</i> ”.
ट्	ʈ	<b>t</b> cacuminal (com a ponta da língua tocando o céu da boca), como em “ <i>true</i> ”, em inglês.
ठ्	ʈh	<b>t</b> cacuminal aspirado (com a ponta da língua tocando o céu da boca), como em “ <i>anthill</i> ”, em inglês.
ड्	ɖ	<b>d</b> cacuminal (com a ponta da língua tocando o céu da boca), como em “ <i>drum</i> ”, em inglês.
ढ्	ɖh	<b>d</b> cacuminal aspirado (com a ponta da língua tocando o céu da boca), como em “ <i>redhaired</i> ”, em inglês.
ण्	ɳ	<b>n</b> cacuminal (com a ponta da língua tocando o céu da boca), como em “ <i>none</i> ”, em inglês.
त्	t	<b>t</b> , como em “tudo”.
थ्	th	<b>t</b> aspirado, como em “ <i>nuthook</i> ”, em inglês.
द	d	<b>d</b> , como em “dado”.
ध्	dh	<b>d</b> aspirado, como “ <i>adhere</i> ”, em inglês.
न्	n	<b>n</b> , como em “nada”.

प	p	<b>p</b> , como em “ <b>pata</b> ”.
फ	ph	<b>p</b> aspirado, como em “ <i><b>uphill</b></i> ”, em inglês.
ब	b	<b>b</b> , como em “ <b>bola</b> ”.
भ	bh	<b>b</b> aspirado, como em “ <i><b>abhor</b></i> ”, em inglês.
म्	m	<b>m</b> , como em “ <b>amor</b> ”.
य्	y	<b>i</b> semi-vogal, como em “ <b>história</b> ”.
र्	r	<b>r</b> , como em “ <b>para</b> ”.
ल्	l	<b>l</b> , como em “ <b>mola</b> ”.
व्	v	<b>v</b> , como em “ <b>ovo</b> ”.
श्	ç	<b>ch</b> , como em “ <b>chave</b> ”.
ष्	ş	<b>ch</b> cacuminal, como em “ <i><b>shun</b></i> ”, em inglês.
स्	s	<b>s</b> , como em “ <b>sapo</b> ”.
ह	h	<b>h</b> aspirado, como em “ <i><b>hear</b></i> ”, em inglês.

### Outros sinais:

- ṁ, ṃ (Anusvāra) indicação de nasalização da vogal precedente, como em “**bom**”.
- : ḥ (Visarga) indicação de aspiração da vogal precedente.





**LIVRO IV**



## A PERDA DO BEM CONQUISTADO

**Q**omeça aqui o quarto livro, intitulado **A perda do bem conquistado**, cuja primeira estrofe é esta:

Aquele que conserva a presença de espírito quando surgem imprevistos supera as dificuldades, como fez o macaco que estava no meio da água. (1)<sup>1</sup>

Assim, eis o que se conta:

Havia em certa região junto ao mar um grande pé de jambolão, sempre carregado de frutos. E lá morava um macaco chamado Raktamukha.<sup>2</sup>

Um belo dia, um monstro marinho<sup>3</sup> chamado Karālamukha<sup>4</sup> saiu da água e acomodou-se em baixo daquela árvore sobre a praia de areia fina.

<sup>1</sup> Como nos dois volumes anteriores, os números entre parêntesis indicam a ordem em que são apresentados, no texto original, em *devanāgarī*, os versos interpolados à narrativa. A maioria dessas estrofes metrificadas são *çloka*, designação do conjunto de dois versos de dezesseis sílabas cada um. Como as regras de metrificação do português são diferentes, preferimos ser fiéis ao conteúdo dos textos, sem utilizar metrificação, nem rimas.

<sup>2</sup> Raktamukha, “que tem cara vermelha”.

<sup>3</sup> *makara*, espécie de monstro marinho, que é confundido muitas vezes com “crocodilo”, “tubarão”, “golfinho” etc. Alguns tradutores optaram pela identificação do monstro com um crocodilo, devido à sua boca assustadora, mas nós preferimos manter o amplo espectro da concepção do texto sânscrito.

<sup>4</sup> Karālamukha, “que tem cara (ou boca) assustadora”.

O macaco então o saudou:

– Bom dia! O senhor é um hóspede bem-vindo. Coma esses frutos de jambolão, que são saborosos como ambrosia, pois os sábios ensinam:

O hóspede que chega após o ritual de sacrifício a todos os deuses<sup>5</sup>, seja ele querido ou odiado, seja néscio ou sábio, é uma estrada que conduz ao céu. (2)

Ao hóspede que chega após o ritual de sacrifício aos antepassados ou a todos os deuses não se deve perguntar qual é a sua escola védica, nem qual é sua família, seu conhecimento dos textos sagrados, nem sua casta. Assim falou Manu<sup>6</sup>. (3)

O hóspede que chega exausto pela fadiga da longa jornada, após o ritual de sacrifício a todos os deuses, deve ser reverenciado, para que o anfitrião alcance uma existência superior. (4)

As divindades e os antepassados se afastam do dono da casa e voltam-lhe as costas quando um hóspede não é reverenciado e sai dessa casa ressentido. (5)<sup>7</sup>

Dito isso, o macaco ofereceu à criatura do mar os frutos do jambolão. Comeram e conversaram amavelmente durante muito tempo. Depois, o monstro retornou ao seu lar.

A partir de então, Raktamukha e Karālamukha, sentados à sombra do jambolão, passavam longas horas em agradáveis conversas sobre diversos tratados de ciência. Em seguida, o monstro ia para casa e oferecia sobras dos frutos à esposa. Certo dia, ela lhe perguntou:

<sup>5</sup> O sacrifício a todos os deuses deve ser realizado antes das refeições matinais e vesperais com comida recém preparada, todos os dias (cf. *Manusmṛiti* [Código de Manu], III, 84 e seg.).

<sup>6</sup> Manu, autor do *Manavadharmaśāstra* [Código de leis de Manu].

<sup>7</sup> As estrofes de 2 a 5 tratam do dever de hospitalidade como parte dos rituais religiosos cotidianos.

– Esposo, onde você encontra essa espécie de frutos que parecem ambrosia?

– Querida, é o meu amigo símio, chamado Raktamukha, quem gentilmente me dá esses frutos – respondeu ele.

Ela então disse:

– Já que ele sempre come esses frutos que parecem ambrosia, deve ter o coração já transformado em ambrosia. Se você quiser prazeres conjugais, traga-me o coração do seu amigo para que eu o coma e fique livre da velhice e da morte<sup>8</sup> e, depois, possa gozar de todas as delícias com você.

– Não fale assim, querida! Ele agora é como se fosse nosso irmão. Por esse motivo, não podemos matá-lo. Abandone esse propósito absurdo, pois é dito:

A mãe gera um tipo de filho; a palavra gera outro. O irmão que nasce da palavra, dizem os sábios, é superior ao irmão de mesmo sangue. (6)

A mulher do monstro contestou:

– Nunca antes você se recusou a me obedecer. Com certeza aquele macaco é uma fêmea, pois é a atração por ela que faz você ir lá todos os dias. Conheço você muito bem:

Você não me responde com alegria, nem me satisfaz os desejos; à noite, quase sempre suspira e arde como as chamas do fogo; recebe meus abraços com frieza e me beija sem carinho. Isso tudo é porque em seu coração, mentiroso, mora uma amante diferente de mim. (7)

---

<sup>8</sup> A comparação dos frutos do jambolão com a ambrosia (em sânscrito, *amṛta*, “imortalidade”, “bebida da imortalidade”) fez a esposa do monstro pensar que poderia conseguir a imortalidade ao comer o coração supostamente transformado em ambrosia. A opção de traduzir *amṛta* por “ambrosia” se deve à origem etimológica deste vocábulo: do grego *ambrosía*, nome do alimento dos deuses, que conferiria imortalidade a quem o provasse.

O ser marinho abraçou os pés da esposa com respeito, colocou-a sobre o seu regaço e, vendo que ela estava extremamente enfurecida, disse com pesar:

Eu caí aos seus pés e me tornei seu escravo. Ó esposa mais cara que a vida, você está enfurecida, por que ficou com raiva de mim? (8)

Ao ouvir essas palavras, com o rosto banhado em lágrimas, ela respondeu ao marido:

Mentiroso! Com mais de mil desejos, permanece em sua mente essa mulher amada, sedutora pelos carinhos fingidos. Não há aí nenhum lugar para mim; por isso, pare com essa pantomima de cair aos meus pés. (9)

– Além disso, se ela não é sua amada, por que você não a mata, como eu pedi? Se, porém, seu amigo é mesmo um macho, que afeição você tem por ele? Em suma, se eu não comer o coração daquele macaco, saiba que ficarei em jejum até morrer.

Ao compreender a resolução da mulher, angustiado com esse pensamento, o monstro suspirou:

– Ai, ai! É bem verdade o que se diz:

Mesmo um único ato de agarrar do cimento *vajralepa*<sup>9</sup>, do tolo, das mulheres e do caranguejo é como o dos peixes, do anil e da bebida inebriante.<sup>10</sup> (10)

– O que devo fazer agora? Como farei para matá-lo?

Imerso em pensamentos, aproximou-se do macaco que, ao vê-lo chegar tão tarde e com semblante perturbado, perguntou:

– Olá, amigo! Por que hoje você demorou a chegar? E não me fala com alegria, nem recita sábios conselhos?

<sup>9</sup> *vajralepa*, “cimento de diamante”, substância empregada em construções.

<sup>10</sup> Estrofe idêntica à de número 263 do primeiro livro da coleção (cf. 1º volume, p. 145). O monstro do mar recita essa estrofe para indicar que uma resolução, uma vez tomada, fica “agarrada” à pessoa que a tomou.



Karālamukha respondeu:

– Amigo, hoje a sua cunhada<sup>11</sup> me disse estas palavras muito cruéis: “Ingrato, não apareça mais à minha frente, pois você convive sempre com o seu amigo e retorna sem lhe retribuir, nem ao menos mostrando a nossa casa. Não há mesmo perdão para você, pois

Os homens de mérito prescrevem expiações para o que mata um brāmane, para o que se embriaga, para o ladrão e para o que quebra uma promessa; para o ingrato, porém, não há expiação. (11)

Vá agora buscar o meu cunhado”, ordenou-me ela, “e traga-o aqui, para que eu perdoe você; do contrário, você só me verá no outro mundo.” Ela me falou desse modo e eu vim logo buscá-lo. Ela brigou comigo por sua causa o dia todo, por isso me atrasei tanto. Venha à minha casa. Sua cunhada preparou a varanda, adornou-se com belas roupas, jóias de rubis e outras pedras e postou-se ansiosa junto à porta que enfeitou com guirlandas de folhas.

Raktamukha concordou:

– Sim, amigo! Minha cunhada está com a razão, pois dizem:

O homem mais sábio deve evitar o amigo que age como um tecelão, que está sempre puxando para junto de si com avidez.<sup>12</sup> (12)

– E também:

---

<sup>11</sup> Forma de tratamento afetuoso: considerando o macaco como se fosse seu irmão, este seria cunhado da sua esposa e vice-versa.

<sup>12</sup> Alusão aos movimentos do tecelão no tear: ele puxa para si o pente e o fio da trama, para que o tecido fique compacto.

Dar e receber, perguntar e contar segredos, aceitar comida e convidar a comer: eis seis maneiras de sinalizar amizade.<sup>13</sup> (13)

– Entretanto – o macaco objetou –, eu sou habitante da floresta e a sua casa fica dentro da água. Como poderei ir até lá? Traga aqui a minha cunhada para que eu a reverencie e receba as suas bênçãos.

Sugeriu então o habitante das águas:

– Veja, amigo, a nossa casa fica numa ilha muito aprazível no meio do mar. Venha, com prazer e sem medo, montado nas minhas costas.

Ouvindo essa proposta, o macaco concordou com alegria:

– Se é assim, meu caro, por que hesitar? Vamos rápido. Já montei nas suas costas.

Depois disso, porém, quando o símio viu o monstro nadando em águas profundas, tremeu de medo e pediu:

– Devagar, irmão, vá devagar! Meu corpo está submergindo nas ondas do mar.

Karālamukha, ao ouvi-lo, pensou:

– Rodeado pela água, ele está sob o meu poder. Montado nas minhas costas, ele não consegue se mover nem um pouquinho. Vou então contar-lhe a minha verdadeira intenção para que ele invoque a sua divindade favorita.

E, em voz alta, disse ao macaco:

– Amigo, eu o trouxe aqui para matá-lo, depois de lhe ter inspirado confiança com a história da minha mulher. Reze para o deus de sua devoção.

Raktamukha ficou confuso:

---

<sup>13</sup> Estrofe idêntica à de número 49 do segundo livro da coleção (cf. 2º. volume, p. 34).

– Irmão, que mal eu cometi contra ela ou contra você, para que tenham decidido me matar?

– Minha mulher ficou com desejos de comer o seu coração, pois é adoçado com o suco dos frutos de ambrosia que você come sempre – respondeu o outro.

Com presença de espírito, o macaco objetou:

– Mas se é assim, meu amigo, por que você não me disse antes? Eu teria trazido para a cunhada o coração que eu mantenho escondido no oco do jambolão. Você me trouxe até aqui sem o coração, para quê?

Ouvindo-o, a criatura marinha disse com alegria:

– Meu caro, nesse caso, traga-me o coração para que a esposa indigna o coma e desista de fazer jejum. Eu o levarei até a árvore.

Assim dizendo, retornou e o conduziu até lá. O macaco, com muita dificuldade, murmurando preces reverentes a diversas divindades, conseguiu alcançar a margem. Querendo afastar-se para bem longe, subiu logo no jambolão, enquanto pensava:

– Puxa! Acabo de recobrar a vida! Ou melhor, também se pode dizer:

Não se deve confiar em quem desconfia, nem se deve confiar no confiante: o perigo que brota da confiança extirpa até as raízes.<sup>14</sup> (14)

– Assim, este dia de hoje é como se fosse o dia do meu novo nascimento.

Enquanto ele estava pensando, o monstro exigiu:

– Amigo, entregue-me logo o coração para que a sua cunhada o coma e desista do jejum.

---

<sup>14</sup> Estrofe idêntica à de número 43 do segundo livro da coleção (cf. 2º. volume, p. 32).

Rindo e zombando, o símio lhe respondeu:

– Ora, ora, traidor imbecil! Acreditou nisso? Que pode haver dois tipos de coração? Suma já daqui e não apareça mais embaixo desta árvore. Eis o que se ensina:

Quem deseja reconciliar-se com um ente querido que se tornou inimigo acolhe a morte, como a mula acolhe o feto.<sup>15</sup> (15)

Ao ouvir isso, o monstro percebeu a tolice que fizera e pensou:

– Que burrada! Por que eu revelei a minha intenção? Contudo, talvez haja um modo de fazê-lo acreditar em mim outra vez. Tentarei inspirar-lhe confiança novamente.

Então disse:

– Amigo, eu só queria fazer uma brincadeira! Que necessidade teria a minha mulher de comer o seu coração? Venha à nossa casa como hóspede. A sua cunhada o aguarda ansiosamente.

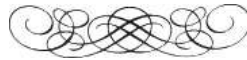
Raktamukha retrucou:

– Vá embora, mal-intencionado! Não irei, nunca mais! Pois dizem:

Quem não comete crimes quando esfaimado? Os homens empobrecidos tornam-se impiedosos. Cara senhora, diga a Priyadarçana<sup>16</sup> que Gaṅgadatta<sup>17</sup> não irá ao poço novamente. (16)

– O que quer dizer isso? – perguntou Karālamukha.

O macaco contou:



<sup>15</sup> Estrofe que se assemelha a de número 33 do segundo livro da coleção (cf. 2º. volume, p. 30).

<sup>16</sup> Priyadarçana, “que tem aparência agradável”.

<sup>17</sup> Gaṅgadatta, “dado pelo Ganges”.



# **FÁBULA I**

Gaṅgadatta e Priyadarçana





Gaṅgadatta, rei das rãs, morava em um poço. Certa vez, intimidado pelos seus parentes, subiu no balde cuja correia passava pela roldana e saiu. Ele se perguntava:

– De que modo planejarei uma represália a esses parentes?

Como diz a tradição:

Eu considero como homem renascido aquele que castiga quem o prejudica no infortúnio e quem o ridiculariza nas circunstâncias adversas. (17)

Enquanto assim refletia, viu uma serpente negra entrar numa toca. Percebendo isso, continuou suas reflexões:

– Se eu levar essa serpente até o poço, poderei eliminar todos os parentes, pois assim é ensinado:

Para alcançar um objetivo, convém opor um inimigo aos outros inimigos e, contra os fortes, enviar alguém ainda mais forte, pois a derrota de quaisquer dentre eles não acarretará danos a si mesmo. (18)

– E também:

Para recuperar o bem-estar, o homem sagaz deve aniquilar um adversário irritante por meio de irritantes adversários, da mesma forma que extrai um espinho doloroso por meio de outro espinho. (19)

Feitas essas considerações, o rei das rãs aproximou-se da entrada da toca e chamou:

– Venha, Priyadarçana! Venha cá!

Ouvindo o chamado, a serpente ficou surpresa:

– Esse que me interpela não pertence à minha espécie, pois essa voz não é de ofídio. Não tenho relação de amizade com ninguém no mundo dos mortais, por isso ficarei quieta aqui, como numa fortaleza, até que saiba quem é esse aí, pois:

Assim falou Bṛhaspati<sup>18</sup>: “Não se deve andar junto daquele de quem não se conhece o caráter, a família e o local de residência.”<sup>19</sup> (20)

– Talvez algum mestre em poções ou encantamentos esteja me chamando para me pôr em cativeiro. Ou então talvez algum homem dominado pelo inimigo esteja me convocando para morder alguém. – Então perguntou:

– Quem é?

– Sou Gaṅgadatta, o rei das rãs – foi a resposta. – Venho até você para obter sua amizade.

A serpente, ao ouvir isso, exclamou:

– Ora, isso é incrível! A união do feno com o fogo! Até se diz:

Quando se sabe que a presença de alguém significa morte certa, não convém a proximidade dessa pessoa, nem mesmo em sonhos. Por que você está dizendo isso? (21)

Gaṅgadatta ponderou:

– Isso é verdade: você é um inimigo natural da minha espécie. Entretanto, eu vim até a sua presença por ter sofrido ameaças, e dizem:

Quando se perde tudo e até a vida está em risco, a reverência a um inimigo pode salvar a vida e os bens. (22)

Priyadarçana indagou:

---

<sup>18</sup> Bṛhaspati, autor de um tratado de leis.

<sup>19</sup> Estrofe semelhante à de número 61 do segundo livro da coleção (cf. 2º volume, p. 38).



– Diga-me, quem ameaçou você?  
– Os meus parentes – respondeu a rã.  
– Onde você mora? – perguntou a serpente. – Açude, poço, tanque ou lago? Conte-me como é a sua casa.

A rã explicou:

– Moro num poço revestido de pedras.  
– Que azar! – replicou a serpente. – Não tenho pés, lá não há entrada para mim e, se entrar, não há local onde me acomodar para matar seus parentes. Vá embora, então, pois dizem:

O homem que deseja o seu bem-estar deve ingerir o alimento que se pode comer, que depois de comido pode ser digerido e que é saudável na digestão.<sup>20</sup> (23)

Gaṅgadatta rebateu:

– Ora, venha comigo! Farei você entrar com facilidade no poço, onde há uma toca muito confortável ao nível da água. Acomodando-se ali, você poderá matar meus parentes por puro divertimento.

Ouvindo isso, Priyadarçana pensou:

– Estou envelhecendo; é com dificuldade que, às vezes, consigo pegar um rato. Esse que quer dizimar sua espécie me apresenta um meio de vida bem prazeroso. Irei para lá e comerei aquelas rãs, pois é verdade o que se diz:

Com a vida se esvaindo e perdendo os companheiros, o homem inteligente deve providenciar qualquer meio fácil de subsistência. (24)

Com isso no pensamento, a serpente falou:

---

<sup>20</sup> Esta estrofe é atribuída a Vyāsa, numerada, na obra *Subhāṣitāvalī*, como 2749. Também se encontra na epopeia *Mahābhārata*, V, 34, 14.

– Certo, Gaṅgadatta, se é assim, vá à minha frente mostrando o caminho para a sua casa.

O rei das rãs assentiu:

– Sim, Priyadarçana, eu conduzirei você até lá facilmente e lhe mostrarei o local; você, entretanto, deverá preservar os meus amigos e comer apenas aquelas rãs que eu lhe indicar.

A serpente concordou:

– Você agora se tornou meu amigo, por isso não tenha receio: comerei os seus parentes de acordo com o que você decidir.

Tendo feito essa promessa, saiu da toca, abraçou Gaṅgadatta e partiu com ele.

Quando chegaram ao poço, Gaṅgadatta acompanhou a serpente, passando pelo balde preso à corda movida pela roldana, até a toca, onde a instalou; depois mostrou-lhe os parentes, que ela foi comendo um a um.

Quando não havia mais rãs, a serpente negra reclamou:

– Amigo, acabei com todos os seus desafetos. Ofereça-me agora outro alimento, pois foi você quem me trouxe até aqui.

– Amiga – respondeu ele –, você já cumpriu o dever de amizade. Vá-se embora, então, pelo mesmo caminho do balde e da roldana.

Retrucou Priyadarçana:

– Ora, ora! O que você disse não está certo. Como poderei voltar para lá? A toca, minha fortaleza, estará ocupada por outrem, portanto ficarei aqui. Traga-me rãs da sua própria família, senão comerei todas de uma vez.

Gaṅgadatta, ao ouvir isso, ficou pensando preocupado:

– Que horror! Cometi um erro ao trazer essa pérfida! Se eu lhe negar as rãs, ela comerá todas! E, a propósito, isto é dito com razão:

Tornar-se amigo de um inimigo superior em força é preparar para si mesmo uma refeição de veneno, sem dúvida. (25)

– A cada dia darei a ela um dos amigos – cogitou ele –, pois dizem:

Os homens de discernimento satisfazem, com pequenas doações, o adversário capaz de lhes tomar todos os bens, tal como faz o oceano para o fogo submarino<sup>21</sup>. (26)

– E assim:

O fraco que não entrega com boa vontade nem um pouco do que foi pedido por uma pessoa mais forte, nem concede o que é indicado, será depois compelido a dar um *khārin*<sup>22</sup> de farinha. (27)

– E também:

Na iminência de perder tudo, o homem prudente desiste da metade e, com a metade que mantém, faz o que pode ser feito, pois a perda total é difícil de ser superada. (28)

O homem inteligente não deve causar a perda de muito por causa de pouco, pois a sabedoria é justamente a preservação de muito à custa de pouco.<sup>23</sup> (29)

---

<sup>21</sup> Esse “fogo submarino” foi gerado pelo calor da concentração da mente do asceta Aurva que, irado com os inimigos que haviam chacinado a sua família, decidira destruir todos os mundos. O fogo assim gerado começou a queimar tudo o que encontrava pela frente, até que os antepassados do asceta suplicaram-lhe que o apagasse. Sendo impossível apagá-lo, Aurva encerrou no fundo do oceano aquele fogo, que tomou a forma de uma cabeça de cavalo que lança chamas pela boca e bebe a água que o oceano lhe concede. (cf. *Mahābhārata*, I, 169-171).

<sup>22</sup> *Khārin*, unidade de medida de peso, utilizada para pesar grãos.

<sup>23</sup> Estrofe idêntica à de número 19 do primeiro livro da coleção (cf. 1º. volume, p.32).

Tendo tomado essa resolução, Gaṅgadatta sempre escolhia uma rã de cada vez. A serpente, porém, depois de comê-la, comia mais outras na ausência dele; e é bem certo o que se diz:

Da mesma forma que um homem com roupas sujas se senta em qualquer lugar, o que se afastou da conduta virtuosa não preserva o resto da virtude.<sup>24</sup> (30)

Foi então que, certo dia, depois de ter comido outras rãs, a serpente comeu Yamunādatta<sup>25</sup>, filho de Gaṅgadatta. Ao perceber o que acontecera, o rei das rãs prorrrompeu em lamentações infundáveis em altos brados:

– Basta! Já é demais!

E, por mais que se esforçasse, não conseguia parar. Sua esposa então recitou:

Por que você, que causou a destruição da própria espécie, está chorando em vão? Quando a nossa espécie estiver dizimada, para que servirá um protetor? (31)

– Pense agora – instou ela – na sua fuga ou num modo de acabar com esse flagelo.

Com o passar do tempo, porém, todas as rãs foram devoradas. A única que permaneceu foi Gaṅgadatta. Disse então Priyadarçana:

– Estou com muita fome, Gaṅgadatta! Não sobrou nenhuma rã! Dê-me algum alimento, pois foi você quem me trouxe para esta toca.

Ele a tranquilizou:

---

<sup>24</sup> Esta estrofe é atribuída a Vyāsa, numerada, na obra *Subhāṣitāvalī*, como 3049.

<sup>25</sup> Yamunādatta, “dado pelo rio Yamunā”.

– Amiga, enquanto eu viver, você não precisa se preocupar com isso. Se você me der licença, irei obter a confiança das rãs que moram em outros poços e as trarei até aqui.

A serpente respondeu:

– Não posso comer você, pois ocupa o lugar de meu irmão. Se você fizer o que se propõe, ficará no lugar de meu pai. Faça isso, sim.

Mal ouviu essas palavras, ele já foi entrando no balde atado à corda da roldana e, enquanto prometia homenagens e oblações a diversas divindades, foi-se embora do poço.

Priyadarçana, por sua vez, lá ficou postada, esperando ansiosamente pelo retorno dele. Depois de muito tempo, como ele não retornasse, ela conversou com a lagartixa que morava em outra cavidade:

– Cara senhora, faça-me um pequeno favor. Já que conhece Gaṅgadatta há muito tempo, vá procurá-lo em outros poços por aí e diga-lhe esta mensagem: “Venha logo; não importa se vier sozinho, sem a companhia das outras rãs. Eu não posso viver aqui sem você. Meus atos meritórios serão a garantia de que quando eu me aproximar de você será sem hostilidade.”

Cedendo ao apelo dessas palavras, a lagartixa prontamente procurou pelo rei das rãs, a quem disse:

– Caro Gaṅgadatta, a sua amiga Priyadarçana o aguarda olhando continuamente para o caminho que você tomou. Volte rápido. Ela lhe oferece seus atos meritórios como garantia contra agressões. Venha, sem nenhum medo no coração.

Depois de escutá-la, Gaṅgadatta retrucou:

Quem não comete crimes quando esfaimado? Os homens empobrecidos tornam-se impiedosos. Cara senhora, diga a Priyadarçana que Gaṅgadatta não irá ao poço novamente. (32) [*çloka* 16]

Com essas palavras, Gaṅgadatta despediu a lagartixa.

Terminada a história, o macaco Raktamukha acrescentou:

– Animal aquático perverso! Eu, seguindo o exemplo de Gaṅgadatta, nunca mais irei à sua casa!

Ao ouvi-lo, Karālamukha se lamentou:

– Ai, amigo! Isso não é justo. Perdoe a minha ingratidão e retorne à minha casa. Do contrário, ficarei aqui sem comer e morrerei por sua causa.

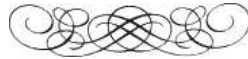
– Que bobalhão! – respondeu Raktamukha. – Por que seria eu tão pateta como o jumento Lambakarṇa<sup>26</sup>, que, apesar de saber que corria perigo, voltou para ser morto?

Ele veio e partiu ao ver a ferocidade do leão, mas como era um nés-cio, sem orelhas e sem coração, voltou para as garras da morte. (33)

O monstro do mar perguntou:

– Meu caro, quem é esse Lambakarṇa? Como é que foi morto, apesar de ter visto o perigo? Conte-me isso.

O macaco contou:



---

<sup>26</sup> Lambakarṇa, “que tem orelhas grandes ou pendentes”.



## **FÁBULA II**

A história de Karālikesara









Havia um leão chamado Karālakēsara<sup>27</sup> que vivia em certa região de florestas. Seu acompanhante, um chagal de nome Dhūsaraka<sup>28</sup>, seguia-o por toda parte.

Uma vez, lutando com um elefante, o leão recebeu no corpo tantas feridas e tão severas que não conseguia mover nem uma pata. Por causa dessa imobilidade, também Dhūsaraka enfraquecia e ficava com a garganta ressequida pela fome, até que um dia reclamou:

– Senhor, estou tão exaurido pela fome que nem posso mover uma pata depois da outra. De que modo serei capaz de prestar serviços ao senhor?

Ordenou-lhe o leão:

– Vá e procure algum animal para que eu o possa matar, embora esteja nessas condições.

Obediente, o chagal saiu a caçar. Chegou a uma vila próxima, onde avistou um jumento chamado Lambakarṇa, que comia com dificuldade escassos brotos de grama à beira de um poço. Aproximou-se dele e o cumprimentou:

– Tio<sup>29</sup>, aceite minha saudação. Há quanto tempo não o vejo? Diga-me, como ficou assim tão magro?

O burro respondeu:

---

<sup>27</sup> Karālakēsara, “que tem juba enorme ou assustadora”.

<sup>28</sup> Dhūsaraka, “que tem cor de poeira; cinzento”.

<sup>29</sup> Forma de tratamento informal adotada por pessoa mais jovem ou de classe social inferior ao se dirigir a pessoa mais idosa ou de classe social mais elevada. Reciprocamente, “sobrinho” é forma de tratamento de um idoso ou superior para um jovem ou inferior.

– Ai, sobrinho! O que posso dizer? Aquele tintureiro impiedoso me deixa exausto com excesso de cargas e não me oferece nem um bocado de comida. Só posso comer esses brotos de grama cobertos de pó. De onde viria a gordura para o meu corpo?

O chagal o convidou:

– Tio, se é esse o caso, existe uma região, a mais aprazível do mundo, banhada por um rio e coberta de grama tenra, verde como esmeraldas. Depois de chegarmos lá, você e eu passaremos o tempo empenhados em conversas instrutivas e narrações de histórias.

Lambakarna hesitou:

– O que você está dizendo, sobrinho, é muito atraente, porém nós, os animais domésticos, somos vítimas das feras selvagens. De que adianta ir para essa bela região?

Dhūsaraka protestou:

– Tio, não fale assim! A região é inteiramente defendida pelo poder dos meus braços. Não há intrusão de nenhum animal hostil. Bem ao contrário. E devido aos maus tratos daquele tintureiro, lá estão agora três jumentas sem marido, que ficaram roliças e inquietas por causa da juventude. Elas assim me falaram: “Se você for nosso tio realmente, então vá até uma aldeia e traga um esposo adequado para nós.” Por isso quero levá-lo para lá.

Ao ouvir as palavras do chagal, o jumento sentiu no corpo os efeitos da paixão e exclamou:

– Amigo, nesse caso vá à frente para que eu o siga. Pode-se dizer isso com certeza:

Não há ambrosia nem veneno quando se rejeita uma bela de nádegas redondas: sua companhia é vida, sua ausência é morte.<sup>30</sup> (34)

---

<sup>30</sup> Estrofe que se encontra na obra *Çṛṅgāraçataka*, de *Bharṭṭhari*, n. 78.

– E também:

Se apenas o nome delas pode fazer nascer o amor, sem visão nem contato, então, com visão e contato, seria um prodígio não derreter de paixão. (35)

Resolvido o problema, Lambakarṇa foi conduzido pelo chagal para perto do leão, que se levantou ao avistá-lo, embora tremesse de dores. O jumento tratou de fugir correndo, mas, enquanto ele fugia, o leão ainda tentou lhe dar uma patada. O golpe, porém, foi inútil, como esforço de azarado.

Com isso, o chagal ficou bastante irritado e ralhou com o leão:

– Arre! Que tipo de golpe é esse? Até um burro, que estava bem à sua frente, consegue forças para fugir. Diga-me, como o senhor poderá lutar contra um elefante? Com essa força que foi exibida agora?

O leão se desculpou, com um sorriso envergonhado:

– Ai, ai! O que posso fazer? Eu não estava com a posição de ataque em prontidão. De outro modo, até um elefante golpeado por mim, em posição de ataque, não consegue escapar.

Dhūsaraka suspirou:

– Terei de trazê-lo à sua presença outra vez. Enquanto isso, fique aí, com a pata em riste.

O leão teve dúvidas:

– Meu caro, ele fugiu depois de me ter visto bem diante dos olhos. De que modo você o trará de volta? Por favor, procure outro animal.

– Não se preocupe com isso – respondeu o chagal –, apenas mantenha a pata em prontidão.

Assim combinado, o chagal seguiu pelo caminho tomado pelo jumento e o avistou, pastando, lá no mesmo lugar de antes.

Ao vê-lo chegar, Lambakarṇa ironizou:

– Meu sobrinho! Você me levou a um lugar esplêndido! Direto para as garras da morte! Diga-me, que criatura é aquela? Tem um golpe de mão que parece um raio devastador. Nem sei como consegui escapar.

Escutando essas palavras, o chacal riu-se e respondeu:

– Ora, ora, meu amigo! Uma das jumentas percebeu a sua chegada e saltou para lhe dar um abraço apaixonado. Você fugiu por covardia. Ela, contudo, não pode ficar sem você. Quando você estava fugindo, ela estendeu a pata só para segurá-lo, por nenhuma outra razão. Vamos! Ela se sentou à espera da morte por sua causa e disse: “Se Lambakarṇa não se casar comigo, eu me jogarei no fogo ou na água ou então tomarei veneno. Não serei capaz de suportar a sua ausência.” Meu caro tio, tenha a bondade de ir até lá, senão a sua esposa vai morrer. Além disso, o bem-aventurado Kāma<sup>31</sup> ficará enraivecido com você, como é dito:

Ao rejeitar a mulher, que é a insígnia vitoriosa de Kāma e criadora da posse de todas as riquezas, os tolos sem discernimento vão à procura de frutos ilusórios e são destruídos por esse que é o mais impiedoso dos deuses: alguns andam nus, outros raspam a cabeça, outros vestem roupas vermelhas, outros trançam os cabelos e outros têm um crânio para receber esmolas.<sup>32</sup> (36)

O jumento escutou tudo isso com credulidade e acompanhou o chacal outra vez. É com razão que se diz isto:

<sup>31</sup> Kāma, “amor”; deus do amor.

<sup>32</sup> Estrofe que se encontra na obra *Çṛīṅgāraçataka*, de *Bhartṛhari*, n. 67. Aqui o ascetismo dos jainistas, dos budistas, dos xivaitas e de outros monges mendicantes é considerado como resultante da cólera do deus do amor contra os homens que não seguem seus ensinamentos.

Levado pelos deuses, um homem, apesar de sábio, pode cometer um ato do qual se arrependerá. De que outro modo alguém no mundo desejaria praticar um ato que o prejudicasse? (37)

Desta vez, com a pata em riste, o leão retalhou Lambakarna. Depois de matá-lo, deixou o chacal como vigia e foi até o rio para se purificar. O chacal, porém, morrendo de fome, comeu as orelhas e o coração do jumento.

Quando o leão voltou, depois de se ter purificado, homenageado os deuses e oferecido libações às hostes ancestrais, encontrou o jumento sem as orelhas e sem o coração. Vendo isso, tomado de fúria, gritou para o chacal:

– Celerado! Você cometeu uma ação ignóbil! Tendo comido as orelhas e o coração do jumento você o transformou em resto<sup>33</sup>.

O chacal respondeu com respeito:

– Senhor, não diga isso! Esse jumento não possuía orelhas nem coração, porque, mesmo depois de vir aqui e ver o senhor, ele ainda veio outra vez<sup>34</sup>.

O leão considerou essa explicação razoável e, com a mente tranquila, repartiu a carne com o chacal.

Por isso eu digo:

---

<sup>33</sup> Para ser vítima em sacrifícios ritualísticos, o animal deve estar inteiro.

<sup>34</sup> Para entender o argumento do chacal é preciso lembrar que o ensino dos *Veda* e das ciências na sociedade ágrafa da Índia antiga se fazia por transmissão oral: o mestre recitava os textos e o aluno os decorava. Nesse processo os alunos utilizavam a audição e a memória, por meio dos ouvidos para ouvir e do coração para decorar (o coração era considerado como sede de sentimentos e emoções, mas também de pensamentos e operações mentais). O chacal quis dizer que, se o jumento tivesse orelhas, ouviria as lições dos mestres e, se tivesse coração, teria capacidade de aprender essas lições e não seria o néscio que era.

Ele veio e partiu... [*çloka* 33]

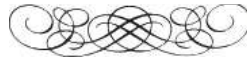
Terminada a história, o macaco Raktamukha prosseguiu:

– Você, imbecil, conseguiu me enganar realmente, mas seguiu o exemplo de Yudhiṣṭhira<sup>35</sup> e deitou tudo a perder dizendo a verdade. Pode-se dizer isso de modo mais compreensível:

O impostor que, em detrimento de seu próprio interesse, diz a verdade é um débil mental. Arruína suas aspirações como fez o outro Yudhiṣṭhira. (38)

– Como foi isso? – perguntou Karālamukha.

O símio contou:



---

<sup>35</sup> Yudhiṣṭhira, “valoroso na guerra”; nome de um oleiro, protagonista da próxima fábula. Um dos heróis da epopéia *Mahābhārata* tem o mesmo nome, mas nenhuma semelhança de caráter.



## **FÁBULA III**

O oleiro chamado Yudhiṣṭhira





morava um oleiro numa pequena vila. Certo dia, embriagado, correu aos trancos e caiu em cima da borda afiada de uma tigela quebrada ao meio. Seu rosto foi cortado pela aresta da tigela e seu corpo ficou coberto de sangue, mas, embora com dificuldade, ele conseguiu levantar-se e ir para casa.

Devido à negligência do tratamento, ele ficou prostrado, com a ferida aberta, que demorou muito tempo para cicatrizar.

Certa vez, quando o país foi devastado pela seca, sentindo a garganta ressecada pela fome, o oleiro acompanhou alguns servidores do rei na viagem para outra região, onde entraram para o serviço do soberano local.

Ao ver aquela cicatriz impressionante no rosto de Yudhiṣṭhira, o monarca pensou:

– Esse homem é um herói, pois essa cicatriz no seu rosto é o resultado de um golpe recebido face a face.

Por isso o rei demonstrava-lhe favor especial, com honrarias e outras gentilezas, diante de todos os guerreiros. Alguns dentre eles perceberam esses favores excessivos e suportaram a injustiça com imensa inveja, mas nada disseram por receio do soberano.

Certo dia, o senhor da terra convocou uma reunião de guerreiros porque o reino estava na iminência de uma guerra. Enquanto os elefantes eram equipados, os cavalos encilhados e os soldados se perfilavam, em certo momento o rei se encontrou a sós com o oleiro e perguntou-lhe:

– Guerreiro, que batalha trouxe como resultado essa cicatriz em seu rosto?



– Majestade – respondeu o oleiro –, essa marca não foi causada por uma arma. Meu nome é Yudhiṣṭhira e tenho a profissão de ceramista. Em minha casa havia muitas vasilhas de barro. Numa ocasião em que fiquei bêbado, ao sair correndo, caí em cima de uma tigela quebrada. A cicatriz daquele ferimento deixou meu rosto assim desfigurado.

O rei, aborrecido com o que ouvira, chamou seus guardas:

– Ora, vejam só! Fui enganado por esse ceramista que fingia ser guerreiro. Rápido, expulsem-no daqui!

Quando os guardas já iam expulsá-lo, o oleiro implorou:

– Não, não faça isso, Majestade! Saiba que eu posso utilizar minha habilidade manual com as armas na batalha.

O soberano respondeu:

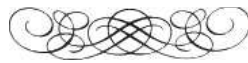
– Ora, você pode possuir todas as boas qualidades, mas vá embora. Assim dizem:

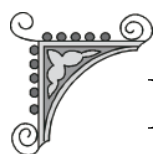
Você é corajoso, é sábio e é belo, meu filhinho, mas lá na família onde você nasceu não se matam elefantes. (39)

O oleiro perguntou:

– O que quer dizer isso?

O rei contou:





**FÁBULA IV**  
O casal de leões





Em uma região selvagem morava um casal de leões. Certa vez a leoa pariu dois filhotes, por isso o leão sempre dividia com a companheira os animais que caçava na floresta. Um dia, porém, ele não conseguiu nada. Ainda percorria o matagal, quando o sol sumiu no poente. No caminho de retorno para casa encontrou um filhotinho de chagal. Achando-o muito pequeno, segurou-o entre os dentes com muito cuidado e o entregou bem vivo à leoa, que lhe perguntou:

– Meu amor, você trouxe alguma comida para nós?

– Querida – respondeu o leão –, excetuando este filhote de chagal, hoje não consegui pegar nenhuma caça. Achei-o muito pequeno; por isso não o matei, pois é dito:

Mesmo em risco de perder a vida, um homem nunca deve atacar uma mulher, um sacerdote, um asceta ou um bebezinho, principalmente os que nele confiaram. (40)

– Coma-o você, que lhe fará bem. Ao amanhecer irei procurar outra criatura.

Ela recusou:

– Não, meu amor! Você o achou muito pequeno e não o quis matar. Como poderia eu destruí-lo por causa do meu estômago? Também é dito:

Mesmo na iminência de perder a vida, não se deve praticar uma ação repreensível, mas também não se deve deixar de praticar uma boa ação. Essa é a lei eterna. (41)

– Esse chagalzinho será meu terceiro filho.

Assim dizendo, ela o amamentou com seu próprio leite.

Foi desse modo que os três filhotes passaram a infância brincando todos juntos sem perceber que eram de espécies diferentes.

Certo dia, quando perambulavam pela floresta, encontraram um elefante selvagem. Ao vê-lo, os dois leõezinhos correram contra ele com as carinhas cheias de cólera, enquanto o chacalzinho os advertia:

– Ei! Esse é um elefante. É inimigo natural da nossa espécie. Não devemos ir ao seu encontro.

E, assim dizendo, fugiu para casa.

Os outros dois, por causa da deserção do irmão mais velho, perderam o ímpeto. Isso, porém, pode ser dito de modo mais enfático:

Com apenas um homem firme e corajoso, o exército ganha coragem para a guerra; com a fraqueza desse homem, o exército é derrotado. (42)

É por isso que os monarcas preferem guerreiros muito fortes, que sejam soldados firmes e corajosos e rejeitam os homens covardes. (43)

Então, quando os leõezinhos chegaram à sua casa, diante dos pais, zombaram do comportamento do irmão mais velho, relatando como ele desaparecera na distância ao ver o elefante.

O chacalzinho se enraiveceu ao ouvir as zombarias. Com o lábio inferior tremendo como folha ao vento, os olhos vermelhos, as sobrancelhas franzidas em forma de tridente, ele ameaçou os irmãos, dizendo-lhes palavras extremamente injuriosas.

A leoa puxou-o à parte e o admoestou:

– Filho, nunca fale assim com seus irmãos menores.

Enfurecido, ele retrucou:

– Serei eu inferior a eles em coragem, formosura, aplicação ao estudo e sagacidade, para que eles façam troça de mim? Sou obrigado a destruí-los.

Ouvindo-o falar desse modo, a leoa riu consigo mesma e, desejando preservar-lhe a vida, respondeu:

Você é corajoso, é sábio e é belo, meu filhinho, mas lá na família onde você nasceu não se matam elefantes. (44) [*çloka* 39]

– Agora, ouça-me, menino! – continuou ela. – Você é um filhote de chacal. Eu o amamentei com meu próprio leite por compaixão. Vá para bem longe daqui e fique junto com os da sua espécie, antes que os irmãozinhos saibam quem você é; do contrário, será atacado por eles e encontrará o caminho da morte.

O chacalzinho ficou muito assustado ao ouvir isso e desapareceu no mesmo instante.

Tendo terminado de contar a história do chacalzinho, o rei fez a Yudhiṣṭhira a seguinte advertência:

– Quanto a você, fuja daqui para um lugar bem distante, enquanto os guerreiros ainda não sabem que você é um ceramista, senão você passará por muitos vexames diante deles.

Ouvindo esse conselho, o oleiro desapareceu em seguida.

É por isso que eu digo:

O impostor que, em detrimento... [*çloka* 38]

O macaco Raktamukha, quando acabou de contar essas histórias, continuou a recriminar a criatura marinha:

– Você também, monstro pérfido, assim como aquele oleiro, você se traiu por suas próprias palavras. Há, porém, um modo mais adequado de dizer isso:

Os papagaios e os mainás são presos por culpa de seus bicos; as garças, porém, não são presas. O silêncio é o meio de conseguir tudo. (45)

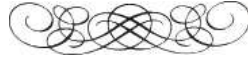
– E também se diz:

Apesar de cuidadosamente vigiado, exibindo uma figura assustadora, coberto por uma pele de tigre, o asno foi morto por causa do seu zurro. (46)

Karālamukha, o monstro do mar, perguntou:

– Como foi isso?

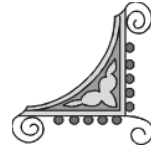
O macaco contou:





## **FÁBULA V**

O tintureiro chamado  
Çuddhapata





ivia em certa localidade um tintureiro chamado Çuddhapata<sup>36</sup>, que possuía um jumento chamado Madoddhata<sup>37</sup>. Este, por falta de comida, chegara ao estado de inanição. Todavia, o tintureiro achou uma pele de tigre quando perambulava pela floresta e então teve uma idéia:

– Que bom! Que achado promissor! Cobrirei o jumento com essa pele e o soltarei à noite no campo de cevada. Os moradores da vizinhança pensarão que é um tigre e não o expulsarão.

Assim feito, o asno passou a comer cevada à vontade todas as noites e, ao clarear da aurora, o dono o puxava de volta para a sua casa. Em pouco tempo Madoddhata adquiriu formas roliças, ficando cada vez mais difícil puxá-lo pela rédea.

Certa ocasião, ouvindo ao longe o zurrar de uma jumenta, excitado pelo cio, ele respondeu estrepitosamente. Com isso, os guardas do campo, tendo percebido que ele era apenas um asno coberto por uma pele de tigre, mataram-no a golpes de cajados, pedradas e flechadas.

Por isso eu digo:

Apesar de cuidadosamente vigiado... [çloka 46]

Com o fim da história, o macaco tornou à sua arenga:

– Será que você, como Çyāmalaka<sup>38</sup>, suportará muito desprezo e só partirá quando for agarrado pelo pescoço e lançado para longe?

<sup>36</sup> Çuddhapata, “que tem roupas lavadas”, “tintureiro”.

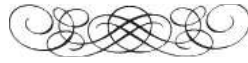
<sup>37</sup> Madoddhata, “cheio de paixão”, “excitado pelo cio”.

<sup>38</sup> Çyāmalaka, “de cor escura”, “escuro”.



– Como assim? O que quer dizer isso? – perguntou o monstro.

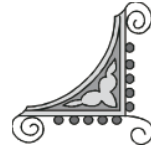
O macaco contou:





## **FÁBULA VI**

O comerciante muito rico  
chamado Īçvara





Havia aqui na superfície da terra uma cidade de nome Vikaṅṭaka<sup>39</sup>, onde morava um comerciante muito rico chamado Īçvara<sup>40</sup>. Seus quatro genros, que residiam na região de Avantī<sup>41</sup>, vieram para a sua casa como hóspedes. Foram acolhidos com respeitadas reverências pelo dono da casa, que lhes ofereceu comida, roupas e outras gentilezas. Assim eles ficaram morando lá durante seis meses.

Īçvara então conversou com sua esposa:

– Esses genros receberam tantas demonstrações de respeito que agora não têm intenção de voltar para as suas casas. O que se pode fazer? Sem desrespeito, eles não irão embora. Hoje, na hora da refeição, não vamos lhes oferecer a água para a purificação dos pés. Quando eles perceberem que estão sendo desrespeitados, partirão em seguida.

Como consequência desse plano, Garga foi embora por não ter recebido a água para purificar os pés; Soma, por receber uma cadeira pequena, e Datta, porque a comida estava ruim. Os três saíram e voltaram para as suas casas. O quarto genro, Çyāmalaka, só saiu depois que o agarraram pelo pescoço e o lançaram para fora da casa.

É por isso que eu digo:

Garga se foi por causa da limpeza dos pés; Soma, porque lhe deram uma cadeira pequena; Datta, por comer alimento mal feito, e Çyāmalaka, porque o seguraram pelo pescoço e o jogaram na rua. (47)

<sup>39</sup> Vikaṅṭaka, “sem espinhos”, “sem asperezas”.

<sup>40</sup> Īçvara, “senhor”, “rei”, “proprietário”.

<sup>41</sup> Avantī, “favorável”, “agradável”, “aprazível”; nome antigo da cidade indiana de Ujjain.

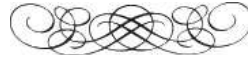
Raktamukha, depois que terminou a história, continuou a esbravejar:

– Que mais, então? Seria eu tão idiota quanto certo carpinteiro e ainda confiaria em você, mesmo depois de perceber a transformação dos seus sentimentos? Assim dizem:

Um bronco é apaziguado com palavras conciliadoras, até quando a maldade é feita diante de seus olhos; um carpinteiro transportou sobre os ombros a esposa e o amante dela. (48)

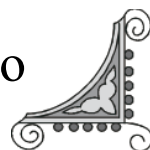
– O que significa isso? – perguntou o monstro Karālamukha.

O macaco contou:





**FÁBULA VII**  
História do carpinteiro





vivia numa pequena povoação um carpinteiro, cuja esposa era namorada e alvo de mexericos. Ele ponderou longamente, desejando inteirar-se do comportamento dela:

– De que maneira eu poderia comprovar os fatos? Não é coisa que se deva fazer, pois:

Não se deve investigar a pureza dos rios, das linhagens, dos ascetas e dos magnânimos, nem a má-conduta das mulheres. (49)

O asceta Parācara possuiu Satyavatī, gerada pelo sêmen de Vasu e assim nasceu Vyāsa<sup>42</sup>, morada de cem virtudes. O que mais se pode dizer? Ele dividiu e ordenou os *Veda*<sup>43</sup>, regenerou a dinastia de Kuru<sup>44</sup> que definhava e se tornou venerável. As veredas do destino são imprevisíveis!<sup>45</sup> (50)

---

<sup>42</sup> Vyāsa, autor da epopéia *Mahābhārata*.

<sup>43</sup> Veda, nome dado ao conjunto de quatro livros de sabedoria.

<sup>44</sup> Kuru, ancestral da família que protagoniza a epopéia *Mahābhārata*.

<sup>45</sup> Esta estrofe menciona a origem de Vyāsa e diversos outros acontecimentos que são narrados no *Mahābhārata*, I, 105, 6 e seg. Resumindo, a história é a seguinte: Vasu, também chamado de Uparicara, tomara o reino de Cedi por ordem do deus Indra. Certa ocasião, sua esposa anunciou-lhe que estava em seu período fértil. Feliz, o rei foi caçar antes de se encontrar com ela, mas na floresta expeliu seu sêmen, que recolheu numa folha. Para aproveitá-lo, pediu a um gavião que o levasse à esposa; o pássaro, porém, foi abalroado por outro, que queria disputar o que parecia um pedaço de carne. Com isso, o sêmen caiu no rio Yamunā, onde vivia uma *apsarā* (entidade mítica, semelhante às ninfas gregas), Adrikā, que fora amaldiçoada e transformada em peixe. Ela engoliu o sêmen de Vasu. No décimo mês ela foi capturada por um pescador que a abriu e encontrou duas crianças em suas entranhas. O pescador ofereceu-as ao rei, que ficou com o menino (Matsya) e devolveu a menina (Satyavatī), porque ela tinha cheiro de peixe. Um dia, Satyavatī conduzia a barcaça que atravessava o rio, levando Parācara, que viajava em peregrinação. O asceta apaixonou-se pela jovem que se deixou possuir em troca

– Em relação às dinastias – ele continuou a pensar –, mesmo no caso dos magnânimos Paṇḍava<sup>46</sup>, não se deve investigar a origem, pois sempre se encontra um *kṣetrāja*<sup>47</sup>. Quando se observa a má-conduta das mulheres, aparecem muitos deslizes, como se pode ver:

Se o fogo fosse gelado ou se a lua fosse causticante, se o homem cruel fosse amável, então haveria fidelidade conjugal das mulheres. (51)

– De qualquer modo, só posso saber da honestidade ou desonestidade da minha mulher ouvindo as conversas do povo:

O povo sabe tudo o que se passa no interior do Ovo de Brahman<sup>48</sup>, até o que não se vê nem se ouve, nem se aprende nos *Veda* e nos tratados. (52)

Depois de muito ponderar, foi anunciar à esposa:

– Querida, vou para outra aldeia amanhã cedo e lá ficarei durante vários dias. Prepare um alimento adequado para eu comer no caminho.

---

de não perder a virgindade e de ter um cheiro agradável. No mesmo dia, ela deu à luz numa ilha a Kṛṣṇa Dvaipāyana, o Vyāsa, que imediatamente atingiu plena maturidade e pleno conhecimento do Veda, que dividiu em quatro partes. Depois Satyavatī casou-se com o rei Çāntanu, a quem deu dois filhos: Citrāṅga e Vicitravīrya. O primeiro morreu antes de se casar e o segundo, apesar de ter duas belas esposas, filhas do rei de Kaçī, adoeceu e morreu sem descendentes. Satyavatī então chamou Vyāsa para gerar filhos de Vicitravīrya em suas esposas, impedindo a extinção da dinastia de Kuru.

<sup>46</sup> Paṇḍava, “descendente de Paṇḍu”; como são chamados os cinco irmãos heróis do *Mahābhārata*.

<sup>47</sup> *kṣetrāja*, “nascido do útero”; filho gerado na esposa por alguém indicado como representante do esposo (em caso de morte ou impossibilidade de progeneração).

<sup>48</sup> “Ovo de Brahman” é uma forma de designar o universo. Brahman é a primeira divindade da tríade do hinduísmo – Brahman, Viṣṇu e Çiva.

Ao ouvir o que ele dissera, a esposa se sentiu feliz e ansiosa, deixou de lado todas as tarefas caseiras e cozinhou alimentos com manteiga clarificada e açúcar em abundância. Também se pode dizer, com certeza:

Em dia de mau tempo, escuro pelas nuvens, nas ruas intransitáveis da cidade, na ida do marido para outro país, há o máximo prazer para a mulher lasciva.<sup>49</sup> (53)

Na manhã seguinte, o carpinteiro levantou-se cedo e saiu de casa.

Quando a esposa percebeu que ele se fora, pôs-se a enfeitar-se toda, cheia de ansiedade e com um sorriso nas faces. Depois foi até a casa de um homem que ela já conhecia, fazendo-lhe este convite:

– Aquele meu marido desalmado foi para outro povoado, por isso você deve ir à minha casa quando todos estiverem dormindo.

Enquanto isso, o carpinteiro, que passara o dia no bosque, voltou para casa ao anoitecer, entrou pela porta dos fundos e se escondeu em baixo da cama.

Logo depois Devadatta<sup>50</sup> chegou e se sentou na cama. Ao vê-lo, o carpinteiro ficou furioso, mas ponderou consigo mesmo:

– Devo levantar-me e atacá-lo? Ou será mais fácil matar os dois quando estiverem adormecidos? Antes, porém, quero ver o que ela vai fazer e ouvir o que eles vão conversar.

---

<sup>49</sup> Estrofe semelhante, com mínimas modificações, à de número 174 do primeiro livro da coleção (cf. 1º. volume, p. 86).

<sup>50</sup> Devadatta, “dado pelos deuses” ou “dado aos deuses”; nome geralmente utilizado para designar uma pessoa qualquer.



Nesse meio tempo, a esposa trancou a porta da casa e subiu para o estrado do leito, mas, quando estava subindo, seu pé tocou o corpo do carpinteiro e, então, ela pensou:

– Decerto esse desalmado do meu marido está aí com intenção de me espreitar. Vou, então, utilizar algumas artimanhas femininas.

Enquanto ela estava pensando, Devadatta ficou impaciente e tentou tocá-la. Ela, entretanto, pondo as mãos em gesto de súplica, falou em tom solene:

– Senhor de nobre coração! Não deve tocar o meu corpo, pois sou muito virtuosa e fiel ao meu marido; do contrário, transformá-lo-ei em cinzas com uma maldição.

Devadatta protestou:

– Se é assim, você me convidou para quê?

– Por favor! – pediu ela – ouça-me com atenção. Hoje de manhã, eu fui ao santuário de Caṇḍikā<sup>51</sup>, para adorar a divindade. Lá, de repente, soou uma voz: “Filha, o que farei? Você é minha fiel devota, entretanto ficará viúva dentro de seis meses por decreto do destino.” Aí, então, eu falei: “Tendo em vista que a Bem Aventurada conhece o mal, certamente pode criar um remédio. Deve existir um meio para que o meu marido possa chegar aos cem anos.” Ela me respondeu: “Menina, existe, mas é como se não existisse, pois esse remédio depende de você.” Ao ouvir isso, eu implorei: “Deusa, mesmo que seja ao custo da minha vida, ensine-me esse remédio para que eu o faça.” A deusa me ensinou: “Se hoje mesmo você for para a cama com um homem estranho e permanecer com ele em longo abraço, nesse caso a morte inexorável que ameaça o seu esposo será

---

<sup>51</sup> Caṇḍikā, “cruel”, “feroz”; epíteto da deusa Durgā (“inatingível”), esposa de Çiva (“propício”, “benevolente”; terceira divindade da tríade do hinduísmo).

transferida para esse estranho, deixando o seu esposo livre para viver até os cem anos.” Foi por isso que eu o convidei à minha casa. Agora faça o que seu coração mandar, pois tenho certeza de que tudo acontecerá assim como a divindade previu, e não de outro modo.

Depois de ouvir tudo isso, Devadatta, com o rosto traindo um secreto sorriso zombeteiro, procedeu de acordo com a instrução de Caṇḍikā.

Foi então que o tolo carpinteiro, que também ouvira o que sua esposa dissera, saiu de baixo do leito e exclamou radiante de prazer:

– Muito bem, esposa devotada! Muito bem, alegria da família! Eu estava com o coração desconfiado por causa da maledicência do povo e, por isso, fingi que ia para outra aldeia, mas fiquei escondido aqui em baixo da cama. Venha cá, abrace-me!

Assim dizendo, ele a abraçou e a colocou sobre um ombro. Depois disse para Devadatta:

– Senhor de nobre coração! O senhor veio aqui por causa das minhas ações meritórias. Por sua bondade, ganhei hoje cem anos de vida. E agora me abrace e depois suba no outro ombro.

Tagarelando sem parar, o carpinteiro abraçou Devadatta, embora contra a vontade deste, e o colocou sobre o outro ombro. Sem se importar com os protestos dos dois, ele passou diante das portas de todas as casas, como se dançasse ao ritmo da *tūryā*<sup>52</sup>.

Por isso eu digo:

Um bronco é apaziguado... [*çloka* 48]

---

<sup>52</sup> *tūryā*, instrumento musical da família dos tambores.

– Mas você, seu monstro idiota! – continuou o macaco Raktamukha – você mostrou muito bem a mudança de sentimentos. Por que eu iria agora até a sua casa? É verdade que, se você não me inspira confiança, não é por culpa sua, pois a sua espécie possui tanta maldade natural que, embora em companhia de pessoas educadas, não é capaz de praticar o bem. Ou seja, essa é a natureza dos malvados, como bem dizem:

Mesmo ensinada por homens virtuosos, a alma perversa cuja força é a maldade nunca atinge o estado de pureza, do mesmo modo que o carvão, embora bem esfregado, nunca embranquece. (54)

– Afinal, é bem certo o que se diz:

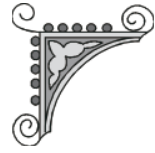
Depois de descartar como marido o sol, a nuvem, o vento e a montanha, a ratinha preferiu um marido da sua própria espécie: a própria espécie é difícil de transcender. (55)

A criatura marinha perguntou:

– Como foi isso?

O macaco contou:





**FÁBULA VIII**  
O asceta Çālañkāyana





Havia em certa região uma floresta frequentada por eremitas para onde fora um asceta a fim de se banhar no rio Jāhnavī<sup>53</sup>. Enquanto ele fazia sua saudação ao sol, próximo dali, um falcão agarrara uma ratinha com suas garras de unhas afiadíssimas.

Ao ver o que acontecera, o monge sentiu-se enternecido de compaixão e lançou uma pedra na ave, gritando:

– Solte! Solte!

O choque com a pedra fez o falcão perder os sentidos e cair no chão, largando a ratinha. Esta, a tremer de medo, sem saber o que fazer, postou-se junto aos pés do monge murmurando:

– Proteja-me! Proteja-me!

O falcão, que recuperara a consciência, interpelou Çālañkāyana:

– Ora, ora, monge! Não foi correta essa sua ação de me ferir com uma pedra. Como é? Você não teme agir contra a justiça? Então, entregue-me essa ratinha. Do contrário, você acumulará deméritos em abundância.

O falcão assim expôs seu ponto de vista, mas o asceta retrucou:

– Pássaro abjeto! A vida das criaturas deve ser preservada, os maus devem ser castigados, os virtuosos devem ser respeitados e os deuses devem ser louvados. Por que você fica tagarelando sem coerência?

A ave retorquiou:

---

<sup>53</sup> Jāhnavī, “filha de Jahnu”, isto é, Gaṅgā, “Ganges”. Os vocábulos que designam rios, em sânscrito, são femininos.

– Monge, você não conhece a lei dos elementos? Pois aqui no mundo, quando a criação aconteceu, essa regra criou a comida para todas as criaturas. Os ratos e outros animais estão prescritos para mim, assim como o alimento vegetal é apropriado para outros seres vivos. Por que, então, você me desaprova por desejar a minha própria subsistência? Não dizem isto?

Quando se come o alimento prescrito, não existe crime; haveria grande crime em comer o que não se deve; por isso não há alternativa para o que se deve fazer. (56)

A bebida alcoólica é proibida para os brâmanes e a oferenda sacrificial, para os que costumam tomar bebidas alcoólicas; esses alimentos se tornam proibidos para uns e não para outros, ó brâmane! (57)

A satisfação é para os que comem o alimento adequado, mas para os que comem alimento inadequado há imenso sofrimento. Por que, então, você acha que pode me punir como se eu tivesse conduta imprópria? (58)

– Além disso – prosseguiu o falcão –, esse não é o dever dos ascetas, pois lhes é recomendado não ver o que foi visto, não ouvir o que foi ouvido, não ter desejos nem inimigos, como diz a tradição:

Tratamento igual ao amigo e ao inimigo, avaliação equivalente de um torrão de terra ou de uma pedra ou de uma pepita de ouro, indiferença ao aliado e ao amigo, neutralidade entre adversários e familiares, (59)

mesmo conceito de virtuosos e de malvados – eis o que mais se preza nos homens iluminados e irrepreensíveis, que seguem os caminhos da virtude. (60)

O ioguim deve sempre se concentrar em si mesmo e permanecer solitário.<sup>54</sup>

---

<sup>54</sup> Essa sentença e as estrofes de número 59 e 60 são formadas por partes das estrofes de número VI. 8, VI. 9 e XII. 18 retiradas da *Bhagavadgītā* (“Canção do Venerável”).

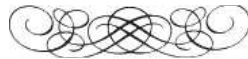
– Por causa do que você fez, perdeu todos os benefícios que obtivera com a meditação, pois se diz:

“Solte! Solte!” e caiu um; “Não, não solte!” e caiu o segundo. Ao ver a queda dos dois, o terceiro permaneceu em silêncio: este é o modo de conseguir tudo. (61)

Çālañkāyana perguntou:

– O que quer dizer isso?

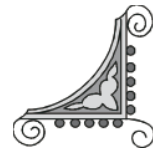
O falcão contou:





# FÁBULA IX

Os três irmãos







À margem de um rio, faziam meditações três irmãos ascetas, chamados Ekata, Dvita e Trita<sup>55</sup>. Enquanto eles se banhavam juntos, o poder gerado por suas meditações mantinha no ar, sem suporte, as suas roupas limpas e molhadas, para evitar que se sujassem em contato com o solo.

Certo dia, quando eu<sup>56</sup> voava segurando uma rãzinha com força e avidez, o mais velho dos irmãos percebeu isso e, tal como você, ficou enternecido de compaixão e gritou para mim:

– Solte! Solte!

No mesmo instante, a sua vestimenta, que pairava limpa no ar, caiu no chão. Ao ver a queda, o segundo exclamou, cheio de medo:

– Não solte! Não solte!

Contudo, a roupa dele também caiu. O terceiro, vendo que as vestes dos outros dois haviam caído no chão, permaneceu em silêncio.

Então eu digo:

“Solte! Solte!” e caiu um... [çloka 61]

Ouvindo essa história, o asceta sorriu e depois disse:

– Pássaro tolo! Isso acontecia na Kṛtayuga<sup>57</sup>: naquela era produzia-se o mal com a sua mera enunciação. As roupas limpas caíram porque foram monges mal-ensinados que fizeram a enunciação e não porque houvesse crime na elocução dos

<sup>55</sup> Ekata, Dvita e Trita, respectivamente “Primeiro”, “Segundo” e “Terceiro”.

<sup>56</sup> A fábula IX é narrada na 1ª. pessoa pelo falcão.

<sup>57</sup> Kṛtayuga, a primeira das quatro idades ou eras do mundo; equivalente à “idade do ouro”, da mitologia grega.

virtuosos. Agora estamos na Kaliyuga,<sup>58</sup> em que todos são maus por natureza; apesar disso, a ação não realizada não produz o mal, como diz a tradição:

Nas outras eras, o mal se transmitia de uma criatura para outra, mas na Kaliyuga, impregnada de mal, só o que comete o delito fica corrompido. (62)

– E também:

O mal se espalha apenas se houver ação, como sentar, deitar, andar, reunir-se ou até comer, do mesmo modo que uma gota de óleo se espalha na superfície da água. (63)

– Para que perder tempo com essa conversa fiada? Vá embora, senão lançarei uma maldição contra você – completou Çālañkāyana.

Então, quando o falcão se foi, a ratinha pediu ao asceta:

– Venerável, leve-me para a sua habitação, do contrário alguma outra ave perversa me matará. Lá na sua casa, porém, poderei sobreviver com os bocados de comida que sobrar.

Com bondade e compaixão, ele ponderou:

– Como poderei levar essa ratinha na mão sem provocar o riso do povo? Vou transformá-la em menina antes de levá-la comigo.

Assim a ratinha virou menina.

Depois de tudo isso, quando a esposa do monge os viu chegar, perguntou:

– Venerável, quem é essa garotinha?

– Esta é uma ratinha – respondeu ele –, que procurou meu auxílio com medo de um falcão. Eu a transformei em menina e a trouxe para você. Cuide dela com afeição. Depois vou transformá-la de novo em ratinha.

---

<sup>58</sup> Kaliyuga, a quarta e atual era do mundo, a pior de todas.

A esposa protestou:

– Venerável, não faça isso. Você se tornou pai dela por meio de um ato religioso. E dizem:

De acordo com os códigos de leis, estes cinco – o genitor, o mestre espiritual, o que ensina ciências, o que alimenta e o que protege do perigo – são pais. (64)

– Você lhe proporcionou outra forma de vida – continuou a brâmani<sup>59</sup> –, além disso, eu não tenho herdeiros, portanto ela será minha filha.

Assim ficou decidido. A menina foi crescendo como a parte brilhante da lua em sua fase crescente e logo chegou à adolescência, sempre obediente aos ensinamentos do asceta e da sua esposa.

Quando Çālañkāyana percebeu que a filha estava em idade de casar, disse para a esposa:

– Querida, essa menina está em idade de casar. Não convém que ela continue morando em nossa casa, pois diz a tradição:

Se um pai permite que uma moça solteira chegue à puberdade ainda na sua casa, provoca a queda dos ancestrais que estão no céu pelos deméritos de sua negligência. (65)

Ele prosseguiu:

– Ela deve ser dada a um pretendente especial, pois:

A moça escolhe o belo noivo; a mãe, a riqueza; o pai, a sabedoria; os parentes preferem família ilustre e as outras pessoas, comida saborosa. (66)

– E então:

---

<sup>59</sup> Forma portuguesa de *brahmanī*, mulher da casta dos brâmanes.

Deve-se casar uma menina antes que comece a ter pudores, enquanto ainda brinca na terra e se mantém no caminho correto. (67)

Se a mãe, o pai e também o irmão mais velho perceberem que a jovem já está com menstruação, irão todos eles para o inferno<sup>60</sup>. (68)

– Além disso:

Família, integridade, boa proteção, sabedoria, riqueza, aparência e vigor – são as sete qualidades que os prudentes devem examinar antes de dar sua filha em matrimônio e depois não necessitam se preocupar com mais nada. (69)

– Mas por outro lado:

Os prudentes não devem dar sua filha aos que moram em local longínquo, aos ignorantes, aos devotados à liberação final, aos heróis guerreiros e aos que não têm propriedades. (70)

– Portanto – ele acrescentou –, invocarei o venerável Āditya<sup>61</sup> para casar com ela, se ela o quiser, pois dizem:

Se o pai deseja o melhor para a filha, não deve dá-la a um pretendente que ela não queira, mesmo que tenha bela aparência. (71)

A esposa concordou:

– Não há inconveniente nisso. Faça assim mesmo.

Convidado por Çālañkāyana, Savitṛ<sup>62</sup> chegou num instante e disse:

– Venerável, diga por que motivo me chamou.

<sup>60</sup> Local de tormento temporário, entre encarnações, para os que cometeram atos condenáveis.

<sup>61</sup> Āditya, “filho de Aditi”, nome dado às sete divindades da esfera celeste (nos textos védicos) ou às doze divindades que são as aparências do sol a cada mês do ano (nos textos bramânicos); epíteto do sol personificado.

<sup>62</sup> Savitṛ, “estimulador”; epíteto do sol personificado.

– Eis minha filha – respondeu o asceta –; se ela gostar de Vossa Divindade, case-se com ela.

Em seguida, indicou-o para a jovem e indagou:

– Filha, esse majestoso venerável que ilumina os três mundos é do seu agrado?

Ela respondeu:

– Papai, ele tem uma natureza ardente demais. Eu não o quero. Por isso, invoque alguém que seja superior.

Quando o Refulgente ouviu o que ela dissera e percebeu que ela era apenas uma ratinha, não se perturbou e disse ao monge:

– Venerável, existe Megha<sup>63</sup>, que me supera; quando me encobre, eu desapareço completamente.

Então o asceta invocou Megha e perguntou para a filha:

– E desse pretendente você gosta?

– Esse é escuro e úmido – queixou-se a menina –, por isso, entregue-me a outro, algum que seja superior.

Çālañkāyana interrogou:

– Há alguém que seja superior a Vossa Divindade?

Respondeu a deidade:

– Existe alguém mais forte do que eu: Vāyu<sup>64</sup>. Quando ele sopra, eu me disperso em mil direções.

Tendo ouvido isso, o asceta chamou Vāyu e tentou obter a aprovação da moça:

– Filhinha, esse aqui não lhe parece excelente para casar?

– Paizinho – comentou ela –, esse é violento e inconstante. Traga alguém superior.

---

<sup>63</sup> Megha, “nuvem”.

<sup>64</sup> Vāyu, “vento”.

O pai sondou o deus:

– Vāyu, existe alguém que seja superior a Vossa Divindade?

Ele informou:

– Superior a mim existe Parvata<sup>65</sup>, que me faz parar e me segura, apesar da minha força.

O monge, em seguida, invocou Parvata. Apresentou o noivo à jovem:

– Filhinha, eu ofereço esse noivo a você.

Ela recusou:

– Papai, esse é duro e imóvel. Dê-me para outro.

Paciente, o asceta perguntou:

– Ó grande Parvata, existe alguém superior a Vossa Divindade?

Parvata respondeu:

– Superiores a mim existem os ratos que, com seu esforço, fazem desagregar meu corpo inteiro.

Ao saber disso, Çālañkāyana invocou o rato e o apresentou à menina:

– Filhinha, o que você acha desse rei dos ratos, para que se faça o que é necessário?

A jovem olhou para o rato e, pensando “ele pertence à minha espécie”, com os pelos eriçados de alegria, exclamou:

– Papai, torne-me rata de novo e dê-me para esse, a fim de que eu desempenhe o dever de dona de casa prescrito para a minha espécie.

Ouvindo isso, o asceta, que conhecia muito bem os deveres conjugais, transformou-a de novo em ratinha e a ofereceu ao rato. Isso, porém, pode ser dito de um modo mais adequado:

---

<sup>65</sup> Parvata, “montanha”.

As mulheres apaixonadas manifestam menor preferência por ouro, jóias ou pelo gozo da realeza do que pelo noivo bem-amado. (72)

E o macaco Raktamukha acrescentou:

– Assim como essa ratinha deu as costas à condição de divindade e se casou com um ser desprezível por injunção da própria espécie, também você, monstro indigno, apesar de receber a minha companhia e a minha amizade, retornou aos hábitos perversos da sua natureza. É por isso que eu digo:

Depois de haver recusado... [*çloka* 55]

O macaco, entretanto, ainda tinha muitas reprimendas a dar:

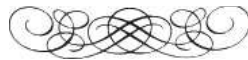
– Cabeça dura, apegado à mulher e dominado por ela! Você e outros do mesmo tipo abandonam o dever, a posição e a amizade por causa dela. Não é à toa que se diz:

Esta, que sempre me fugiu, agora me abraça. Seja feliz, você que me propiciou este prazer! Leve tudo o que é meu. (73)

O monstro do mar quis saber:

– O que quer dizer isso?

O símio contou:





**FÁBULA X**  
História de Kāmātura







Havia em certa cidade um comerciante idoso e muito rico que se chamava Kāmātura<sup>66</sup>. Após a morte de sua esposa, apaixonou-se pela filha de um comerciante pobre, ofereceu-lhe um bom dote e a desposou. Ela, entretanto, tomada de tristeza, não conseguia nem olhar para o idoso comerciante. Há, porém, um modo mais adequado de dizer isso:

A brancura dos cabelos que toma conta da cabeça dos homens é motivo de extremo desprezo. As jovens se afastam deles, evitando-os como a um poço de *cāṇḍāla*<sup>67</sup> com um pedaço de osso pendurado sobre ele.<sup>68</sup> (74)

E também:

O corpo se encurva, os passos vacilam, os dentes caem, a visão se enfraquece, a beleza murcha, a boca saliva; os parentes não seguem seus conselhos e a esposa não o escuta mais. Ai, que infelicidade! O homem decrépito é desrespeitado até pelos filhos!<sup>69</sup> (75)

Uma vez, estavam os dois a sós deitados na cama, mas a moça tinha voltado as costas para ele, quando um ladrão entrou na casa. Ao ver o intruso, ela ficou perturbada pelo medo e abraçou o velho rejeitado. Este, todo arrepiado pela surpresa, ponderou em seu íntimo:

<sup>66</sup> Kāmātura, “que sofre por amor”.

<sup>67</sup> *cāṇḍāla*, “pária”. Em tempos antigos, era costume pendurar um osso de asno ou cavalo sobre os poços utilizados pelos párias, para distingui-los dos outros poços.

<sup>68</sup> Esta estrofe se encontra na obra de Bhartṛhari, *Vairāgyaṭataka* (*Centúria do ascetismo*), 75.

<sup>69</sup> Esta estrofe se encontra na obra de Bhartṛhari, *Vairāgyaṭataka* (*Centúria do ascetismo*), 74.

– Uau! Por que ela agora está me abraçando? Que coisa maravilhosa!

Então observou com cuidado e viu que o ladrão que entrara estava num canto do quarto. E concluiu:

– Ela me abraça agora por medo desse gatuno.

Tendo percebido isso, recitou para o outro:

Esta, que sempre me fugiu, agora me abraça. Seja feliz, você que me propiciou este prazer! Leve tudo o que é meu. (76)

E, vendo que o ladrão ia embora, disse outra vez:

– Ó amigo, venha todas as noites! Darei toda a minha riqueza para você.

É por isso que eu digo:

Esta, que sempre me fugiu... [*çloka* 73]

– Em resumo – completou o macaco –, por desejar a esposa em excesso, ele ofereceu toda a sua fortuna ao ladrão. E você agiu de modo bem semelhante.

Enquanto ele recriminava o monstro do mar, chegou um habitante das águas que anunciou:

– Ai, Karālamukha! Sua esposa sentou-se à espera da morte porque você se ausentou por muito tempo e desdenhou a afeição dela. E agora ela morreu.

Ouvindo essa notícia, o monstro, no maior desespero, lamentou:

– Ai! Que desgraça é essa que me aconteceu? É certo isto:

Uma casa não é a casa, dizem; a dona da casa é chamada “a casa”, pois uma casa sem a dona é muito pior que um deserto.<sup>70</sup> (77)

---

<sup>70</sup> Estrofe que se assemelha à de número 146, do terceiro livro da coleção (cf. 2º. volume, p. 170).

A casa é onde está a mulher amada, até mesmo na raiz de uma árvore; sem a amada, até um palácio é considerado uma terra selvagem. (78)

– Portanto:

Aquele que não tem em sua casa uma mãe ou uma esposa amável deve ir para o deserto, pois não passa de um deserto a sua casa. (79)

– Amigo – continuou ele –, perdoe-me pelo grande mal que lhe fiz. Agora que fiquei sem a esposa, vou lançar-me ao fogo.

Escutando essas palavras, o macaco Raktamukha riu-se e comentou:

– Ora, eu sabia desde o princípio que você obedecia às ordens da sua mulher como se fosse seu servo. E isso acaba de ser confirmado. Seu tolo! Na hora em que deveria ficar feliz, você cai em depressão. Quando morre uma esposa tão má, convém festejar, como dizem:

Os homens sagazes devem considerar a esposa malvada e briguenta como se fosse uma velha bruxa na forma de esposa. (80)

Por isso aquele que almejar a própria felicidade deve fugir a todo custo até do nome de todas as mulheres aqui na terra. (81)

Diga-me, quem nunca se arruinou por uma falsa impressão e se aproximou de uma mulher de belos quadris, considerando-a desejável, tal como as mariposas se aproximam da luz? (82)

Por dentro, venenosas ao extremo e, por fora, encantadoras de fato, semelhantes ao fruto da *guñjā*<sup>71</sup>. Assim são as mulheres por sua própria natureza.<sup>72</sup> (83)

---

<sup>71</sup> *guñjā*, *Abrus precatorius*, arbusto que produz frutinhas vermelhas e pretas.

<sup>72</sup> Estrofe que se assemelha à de número 197, do primeiro livro da coleção (cf. 1º. volume, p. 92).

O que pensam no íntimo não põem na língua; o que têm na língua não apresentam no exterior; o que mostram no exterior não executam. Que comportamento tão inconsequente têm as mulheres! (84)

Não adianta espancá-las com cajados, nem retalhá-las com espadas, pois as jovens não se submetem; e nem com presentes, nem com louvores. (85)

Basta! Para que falar mais sobre outras maldades das mulheres? Elas matam o próprio filho que levam no útero. (86)

Só um ingênuo pode atribuir a existência de afeição nas jovens agressivas, extrema ternura nas cruéis e sentimento nas insensíveis. (87)

A criatura marinha ponderou:

– Isso é verdade, amigo, mas o que posso fazer? Aconteceram-me duas desgraças: uma é a ruína da família e outra, a perda da afeição de um amigo como você. Talvez seja essa a quota de sofrimento para os que são feridos pelos deuses, pois dizem:

Seja qual for o meu saber, o seu é duas vezes maior; se não há mais marido nem amante, para o que você está olhando, mulher nua? (88)

– O que quer dizer isso? – perguntou o símio intrigado.

O monstro contou:





# FÁBULA XI

Um casal de agricultores





ívia, em certa povoação, um casal de camponeses. A esposa, em razão da velhice do marido, não conseguia de modo nenhum permanecer em casa tranquila, pois estava sempre com o pensamento em outros homens, à procura dos quais saía e perambulava sozinha.

Certo dia, um velhaco dado a roubar os bens alheios encontrou-a num lugar deserto e disse, galanteador:

– Formosa! Eu, que sou viúvo, fui ferido no coração pela seta de Smara<sup>73</sup> ao contemplar as suas formas encantadoras. Ofereça-me a dádiva do seu amor.

A camponesa, então, lhe fez esta proposta:

– Se é assim, ó formoso, meu marido tem uma fortuna considerável, mas, por causa de sua velhice, está incapaz de se mover. Vou buscar o dinheiro e volto. Depois irei com você para outro lugar a fim de aproveitar à vontade os prazeres do amor.

O embusteiro respondeu:

– Para mim está esplêndido. O encontro deve ser aqui ao raiar do dia, para que eu vá com você para uma cidade mais aprazível, onde poderemos gozar a felicidade do mundo dos vivos.

Ela concordou e foi para casa com o rosto sorridente. À noite, enquanto o marido dormia, pegou todo o dinheiro e, ao raiar do dia, correu para o local combinado.

Partiram apressados, ela e o malandro, com intenção de encontrar refúgio na direção do sul. Haviam caminhado a distância de duas *yojana*<sup>74</sup>, quando um rio apareceu diante deles. O velhaco pensou:

---

<sup>73</sup> Smara, “lembrança”, “recordação”; epíteto de Kāma, deus do amor.

<sup>74</sup> *yojana*, medida de distância, correspondente a 5 milhas.

– O que vou fazer com essa mulher que já vive o final da sua juventude? E se, em algum momento, chegar alguém à procura dela? Eu ficaria em péssima situação. Vou pegar o dinheiro e fugir sozinho.

Tendo assim decidido, sugeriu para a camponesa:

– Querida, este rio é difícil de atravessar. Por isso eu vou até a outra margem levando apenas o fardo e volto. Depois levarei só você, montada nos meus ombros, para atravessar com mais facilidade.

– Faça isso, formoso! – respondeu ela, entregando-lhe toda a riqueza.

Ele também recomendou:

– Querida, dê-me suas roupas, a saia e o manto<sup>75</sup>, para poder atravessar sem receio de molhá-las na água do rio.

Dito isso, o malandro pegou as roupas e o dinheiro e foi embora na direção pretendida, enquanto a mulher permanecia sentada à margem do rio, amedrontada, com as mãos sobre o peito.

Foi então que uma fêmea de chacal se aproximou dali, segurando um pedaço de carne na boca. Ao chegar, viu um peixe muito grande que havia saltado para fora das águas e caíra na margem do rio. Imediatamente, ela deixou cair o pedaço de carne e se lançou sobre o peixe.

Enquanto isso, uma ave de rapina desceu do céu, apanhou o naco de carne e voou de volta para o alto. E o peixe, vendo a criatura selvagem, pulou para dentro do rio.

---

<sup>75</sup> *paridhānācchādanavastra*, “vestuário superior e inferior”. O vestuário dos indianos é praticamente o mesmo para homens e mulheres. Geralmente eles se cobrem com tecidos pregueados em volta do corpo, presos por cintos ou alfinetes. O vestuário inferior é preso em torno da cintura por um cinto ou corda, como uma saia, e o superior é enrolado como um xale sobre os ombros. (cf. Basham, p. 212)

Percebendo a inutilidade do seu esforço, a chacal ficou olhando para a ave de rapina e ouviu o riso da mulher nua, que lhe recitou:

A carne foi roubada pela ave de rapina e o peixe mergulhou na água; se o peixe e a carne sumiram, para o que você está olhando, chacal? (90)

Ouvindo isso e compreendendo que a mulher perdera o marido, a riqueza e o amante, a chacal respondeu com riso sarcástico:

Seja qual for o meu saber, o seu é duas vezes maior; se não há mais marido nem amante, para o que você está olhando, mulher nua? (91)  
[çloka 89]

Quando o monstro do mar terminou de contar essa fábula, o habitante das águas veio de novo para anunciar:

– Ai, que desgraça! Outro grande monstro marinho apossou-se da sua casa!

Karālamukha ficou muito aflito e, enquanto planejava uma estratégia para expulsar o intruso da sua casa, exclamou:

– Ai! Vejam só como os deuses me perseguem!

O amigo tornou-se inimigo; além disso, a amada morreu e outro ocupou minha casa. O que mais poderá acontecer agora? (92)

– E é certo isto que se diz: “os males penetram pelas rachaduras”<sup>76</sup>. O que devo fazer? Lutar contra o intruso ou tirá-lo da casa convencendo-o com negociação? Ou criar dissensão ou oferecer presentes?<sup>77</sup> É melhor pedir um conselho a esse meu amigo macaco, pois dizem:

---

<sup>76</sup> Citação de parte da estrofe de número 186, do segundo livro da coleção (cf. 2º. volume, p. 100).

<sup>77</sup> A criatura do mar cogita utilizar um dos quatro *upāya* (“estratégia”, “expediente”, “meio de sucesso”; cf. *Manusmṛti*, VII, 198), que são *sāman*



Aquele que só faz o que deve ser feito depois de consultar os mestres que são acessíveis e dão bons conselhos não é vencido por nenhum obstáculo em qualquer empreendimento. (93)

Assim pensando, tornou a perguntar ao símio, que continuava trepado no jambolão:

– Ai, ai, meu amigo! Veja só que má-sorte a minha! Um monstro marinho mais forte do que eu invadiu a minha casa. Então, por isso, eu lhe pergunto: o que devo fazer? Qual é a estratégia adequada aqui, a negociação ou uma das outras?

Raktamukha não quis ajudar:

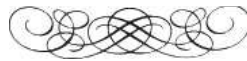
– Ora, seu ingrato! Mesmo rejeitado, por que continua me procurando? Não vou dar conselhos a um tolo como você, pois todos sabem disto:

Conselho não deve ser dado a ninguém, seja quem for; um pássaro de bom ninho foi transformado em sem casa pelo tolo macaco.<sup>78</sup> (94)

O monstro perguntou:

– Como foi isso?

O macaco contou.<sup>79</sup>



(“negociação”, “conciliação”), *bheda* (“desunião”, “dissensão”), *dāna* (“presente”, “suborno”) e *daṇḍa* (“violência”, “ataque”, “combate”).

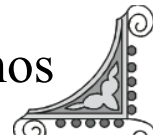
<sup>78</sup> Estrofe idêntica à de número 394, do primeiro livro da coleção (cf. 1.º volume, p. 212).

<sup>79</sup> A fábula XII, “Um casal de passarinhos”, narrada a seguir, tem a mesma trama da fábula XVIII, do primeiro livro da coleção, “O casal de pardais que morava numa árvore *çami*” (cf. 1.º volume, p.215).



## FÁBULA XII

Um casal de passarinhos





Em certa floresta vivia um casal de passarinhos que construía seu ninho no galho de uma árvore.

Um dia, no mês de *māgha*<sup>80</sup>, açoitado pela chuva inclemente e com o corpo tremendo por causa do vento, um macaco aproximou-se das raízes dessa árvore. Seus dentes batiam como castanholas e as mãos e os pés se encolhiam. Compadecida, a pardoca lhe disse:

Provido de mãos e pés és visto como a figura de um homem. És açoitado pelo vento frio. Tolo, por que não fazes uma casa?<sup>81</sup> (95)

Ao escutar isso, o macaco pensou:

– Arre! A humanidade está bem arrumada, já que essa mísera pardoca pensa tão bem de si mesma. E é bem certo isto:

Quem não sente orgulho pelo que concebe em sua própria mente?  
O *ṭiṭṭibha*<sup>82</sup> deita-se com os pés voltados para cima, por receio da queda do céu.<sup>83</sup> (96)

Então ele respondeu:

Bico de agulha, perversa, incapacitada, pretensa sábia! Fica em silêncio, se não eu te deixarei sem casa.<sup>84</sup> (97)

<sup>80</sup> *māgha*, nome do mês que corresponde ao fim de janeiro e começo de fevereiro, em pleno inverno.

<sup>81</sup> Estrofe que se assemelha à de número 395, do primeiro livro da coleção (cf. 1º. volume, p. 215).

<sup>82</sup> *ṭiṭṭibha*, ave da família dos jacanídeos, *Parra jacana*, mesma família da jaçanã ou piaçoca.

<sup>83</sup> Estrofe que se assemelha à de número 317, do primeiro livro da coleção (cf. 1º. volume, p. 169). A estrofe se refere à posição de dormir do *ṭiṭṭibha*, à qual se atribui o objetivo de sustentar o céu.

<sup>84</sup> O primeiro verso dessa estrofe se assemelha ao da de número 396, do primeiro livro da coleção (cf. 1º. volume, p. 215).

Embora repelida pelo macaco, a pardoca de novo insistiu com o conselho de construir um abrigo. Irritado, ele subiu na árvore, destroçou o ninho dela, deixando-o em pedaços.

É por isso que eu digo:

Conselho não deve ser dado... [*çloka* 94]

Depois de ouvir o macaco contar essa história, o monstro do mar tornou a pedir:

– Por favor, amigo! Embora eu seja culpado, fale comigo em consideração à nossa antiga amizade.

O macaco respondeu:

– Eu não falarei, pois você me levou para o meio do mar, onde pretendia me afogar, a pedido de sua mulher. Isso não está certo. Ela até podia ser mais querida do que tudo, mas os amigos, parentes e outras pessoas não devem ser afogados no meio do oceano só porque a esposa pediu. E você, seu grande tolo, dispôs-se a cumprir o desejo dela como se fosse um dever. Ora, não se deve ter confiança nas mulheres de jeito nenhum:

Ela, por quem abandonei minha família e me privei da metade da minha vida, essa insensível me abandona. Que homem pode confiar nas mulheres? (98)

O monstro Karālamukha indagou:

– O que significa isso?

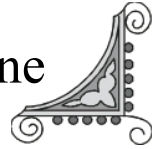
O macaco contou:





## **FÁBULA XIII**

História de um brâmane





Em certa aldeia morava um brâmane que amava sua esposa mais do que a própria vida. Mas ela não sossegava um momento sequer, armando querelas com os familiares todos os dias. O brâmane, não conseguindo suportar aquilo, abandonou sua família por amor à esposa, com quem partiu para uma terra distante.

Iam os dois pelo meio de uma grande floresta, quando a brâmani disse:

– Nobre esposo, estou com muita sede. Traga-me água de algum lugar.

De imediato, obediente a essas palavras, ele saiu para buscar água, mas, ao voltar, encontrou a esposa morta. Ficou desesperado e chorou muito devido à imensa afeição. Foi quando ouviu uma voz nas alturas:

– Se você der a metade da sua vida, ó brâmane, a sua brâmani tornará a viver.

Quando ouviu essa voz, o brâmane purificou-se e, dizendo “dou” três vezes<sup>85</sup>, deu a metade da sua vida. No mesmo instante em que falava, a esposa tornou a viver.

Os dois então beberam água, comeram frutos silvestres e reiniciaram a caminhada. Passo a passo, chegaram aos limites de uma cidade. Tendo entrado em um bosque florido, o brâmane disse:

– Querida, fique aqui até que eu volte trazendo comida para nós.

Dito isso, o brâmane dirigiu-se para o centro da cidade.

---

<sup>85</sup> Em ocasiões solenes, é necessária a repetição das palavras por três vezes, de acordo com o *Taittirīyāranyaka*, II, 18, 6.

Entretanto, naquele bosque florido, um homem aleijado fazia girar a roldana de um poço, enquanto entoava um cântico com voz celestial.

Assim que o ouviu, ferida pelo deus do arco de flores<sup>86</sup>, a brâmani se aproximou dele e o advertiu:

– Querido, se você não me amar, será culpado pela minha morte.

O aleijado objetou:

– O que fará você com um homem doente como eu?

– Por que está dizendo isso? – protestou ela. – Abrace-me! É absolutamente necessário que nos amemos, você e eu.

Ele ouviu e obedeceu.

Logo após o prazer da união, a brâmani declarou:

– A partir de agora, por toda a vida, meu ser pertence a você. Saiba isso e venha conosco.

– Está bem – respondeu o aleijado.

Quando o brâmane chegou com os alimentos, pôs-se a comer junto com a esposa. Ela então falou:

– Esse aleijado está faminto. Dê-lhe um pouco de comida.

Tendo o marido concordado, ela acrescentou:

– Ó sábio, você está sem acompanhante. Além disso, quando você vai ao centro de uma cidade, eu não tenho com quem conversar. Por isso, vamos levar esse aleijado conosco.

Ele relutou:

– Não consigo levar nem a mim mesmo, quanto mais a esse deficiente.

---

<sup>86</sup> Referência a Kâma, deus do amor.

Ela, porém, não cedeu:

– Eu o levarei sobre a minha cabeça, aninhado dentro dessa cesta.

Enganado pelas palavras da esposa, o marido consentiu.

No dia seguinte, quando descansavam à borda de um poço, perdida de amor pelo homem disforme, a mulher empurrou o brâmane, que caiu lá no fundo. Em seguida, carregando o amante, ela foi para uma cidade próxima.

Naquela cidade, os guardas do rei andavam para lá e para cá a fim de prevenir roubos, calotes e outros delitos. Eles viram que a mulher tinha sobre a cabeça uma cesta, que arrebataram à força e levaram para o soberano. Quando este a abriu, deparou com o aleijado.

Foi então que a brâmani, que seguira os guardas, chegou aos prantos. O rei perguntou-lhe:

– Que história é essa?

Ela inventou:

– Esse é meu esposo. Ele foi tomado pela doença e está assustado com a multidão de herdeiros que o persegue. Perturbada, porque o amo muito, eu o trouxe sobre a cabeça à presença de Vossa Majestade.

O rei escutou-a e depois decretou:

– Você será como minha irmã. Ofereço-lhe duas aldeias onde poderá viver feliz, divertindo-se em festas, junto com seu marido.

Enquanto isso, por vontade dos deuses, o brâmane fora retirado do poço por um homem bondoso e perambulava por ali até chegar a essa mesma cidade. Ao vê-lo, sua perversa esposa foi denunciá-lo ao soberano:



– Senhor, esse que chegou é inimigo do meu marido.

O rei então o condenou à morte, mas o brâmane alegou:

– Majestade, algo que me pertence e me foi tomado está em poder dessa mulher. Se Vossa Majestade preza a justiça, faça com que ela me devolva.

– Minha cara, entregue isso que pertence a esse homem e que foi tomado por você – ordenou o rei.

– Majestade, não tenho comigo nada que tenha sido tomado – negou ela.

Contrapôs o brâmane:

– Eu dei a você, em tripla declaração, a metade da minha vida. Devolva-me agora.

Com receio do soberano, ela murmurou:

– Eu devolvo, em tripla declaração, a vida que você me deu.

E morreu.

Atônito, o rei perguntou:

– Mas o que foi que aconteceu?

O brâmane contou-lhe então tudo que acontecera antes.

É por isso que eu digo:

Ela, por quem abandonei minha família... [*çloka* 98]

Terminada essa narrativa, o macaco acrescentou:

– E também é com razão que se conta esta historieta:

O que não dará ou não fará um homem a pedido das mulheres? Às vezes relincha sem ser cavalo, outras vezes raspa a cabeça fora de ocasião adequada. (99)

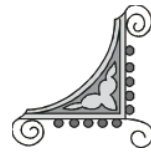
A criatura marinha perguntou com curiosidade:  
– Como aconteceu isso?  
O símio contou:





# FÁBULA XIV

O rei Nanda





Havia um rei chamado Nanda<sup>87</sup>, senhor de uma grande nação a beira-mar. Era famoso pela força e pelo heroísmo, a sua glória era imaculada como a luz do luar de outono, a banqueta a seus pés rebrilhava com a teia densamente trançada pelos raios luminosos das tiaras de muitos soberanos.

Seu ministro Vararuci<sup>88</sup> era versado nos verdadeiros princípios de todas as ciências. A esposa deste, porém, ficara zangada por causa de um desentendimento amoroso. Embora ele fizesse de tudo para contentar essa mulher a quem amava ao extremo, não havia maneira de deixá-la satisfeita. Ele pediu:

– Amada, diga-me o que é necessário para você ficar contente. Eu o farei, certamente.

Ela respondeu a contragosto:

– Se você raspar a cabeça e ajoelhar a meus pés, então eu lhe mostrarei um rosto favorável.

Quando ele assim fez, ela ficou satisfeita.

Enquanto isso, a esposa de Nanda também ficara irritada e, embora o marido procurasse acalmá-la, não conseguia. Ele implorou:

– Amada, não posso viver sem você por um só instante. Caído a seus pés, quero deixá-la contente.

Ela disse:

– Se eu fixar uma rédea na sua boca, subir nas suas costas e fizer você correr, e se você, ao correr, relinchar como um cavalo, então eu ficarei satisfeita.

---

<sup>87</sup> Nanda, “alegria”, “felicidade”.

<sup>88</sup> Vararuci, “que tem prazer em conceder benefícios”.

Foi isso mesmo que Nanda fez.

Na manhã seguinte, o soberano já se encontrava na assembléia quando Vararuci chegou. Ao ver seu ministro, perguntou:

– Ei, Vararuci! Que ocasião especial é essa para ter a cabeça raspada?

O outro respondeu:

O que não dará ou não fará... [*çloka* 99]

O macaco ainda acrescentou:

– E você, seu monstro malvado, foi dominado por sua esposa do mesmo modo que Nanda e Vararuci.

Depois de escutá-lo, a criatura marinha suplicou:

– Ai, companheiro! Sei que tive intenções traiçoeiras, mas, por suprema piedade, faça-me a gentileza de criar uma estratégia infalível para que eu recupere meu lar com facilidade.

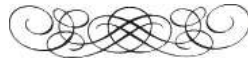
Ouvindo isso, o símio exclamou:

– Ora, imbecil, mesmo que eu lhe dê um conselho, você não fará uso dele, pois:

Quem despreza por ignorância a palavra instrutiva dos sábios encontra a morte, como o camelo que foi morto pelo leão. (100)

– Como foi isso? – perguntou Karālamukha.

Raktamukha contou:





## **FÁBULA XV**

O carpinteiro Mandamati





Em certa aldeia vivia um carpinteiro chamado Mandamati<sup>89</sup>. Como era ignorante em relação à sua profissão, resolveu comprar uma fêmea de camelo. Passava o tempo dando-lhe comida, bebida e outros cuidados. Depois fez o cruzamento dela com um belo macho. Ela ficou prenhe, pariu e deu à luz um filhotinho.

Num campo próximo da aldeia, a camela tornou-se robusta, comendo dia e noite os ramos recém brotados nas árvores *dava*<sup>90</sup>, acácia, *palāça*<sup>91</sup>, mangueira, jambolão, figueira e outras. Do mesmo modo, o filhote tornou-se um belo camelo. Assim, o carpinteiro sempre tinha leite para alimentar sua família. Com afeto, amarrou uma sineta no pescoço do camelinho.

Passado um tempo, um dia, ele pensou:

– Ora, para que servem outros trabalhos penosos? O trabalho com os camelos tornou-se recompensador por alimentar minha família. Para que ter outra profissão, se esta me rende muitas dracmas<sup>92</sup>?

Assim ponderando, foi para casa e disse à esposa:

– Querida, essa profissão é bem rendosa. Poderei ganhar muitas dracmas com camelos. Se você concordar, pegarei dinheiro emprestado de algum homem rico e irei ao distrito de Gurjara<sup>93</sup>, onde se podem comprar jovens camelos. Você cuidará desses dois com carinho enquanto vou até lá, compro outra camela e volto.

---

<sup>89</sup> Mandamati, “que tem raciocínio lento”, “tolo”, “néscio”, “bobalhão”, “débil mental”.

<sup>90</sup> *dava*, *Grislea Tomentosa* ou *Anogeissus Latifolia*.

<sup>91</sup> *palāça*, *Butea Frondosa*, árvore de flores vermelhas.

<sup>92</sup> Em sânscrito, *dramma*, do grego *drachmé*; moeda de alto valor.

<sup>93</sup> Atual região de Gujarat.

Então Mandamati foi ao distrito de Gurjara, comprou uma camela e voltou para casa. Em resumo, tendo feito isso, conseguiu obter muitos camelos e filhotes. Com a formação de um grande rebanho, dava um filhote aos pastores a cada ano e, a cada dia, oferecia-lhes leite para beber. Dedicado então à criação de camelos, vivia ele em perene felicidade.

Certo dia, os camelos saíram a passear por um bosque próximo, à procura de comida. Depois de comerem tenras plantas trepadeiras e de beberem água numa lagoa, na hora do crepúsculo, todos eles voltaram para casa devagar em divertidas brincadeiras. O camelo mais velho do grupo os acompanhava, mas ia atrás, por excesso de orgulho. E os outros comentaram:

– Há, há, há! Esse camelo bobalhão ficou para trás, perdido do rebanho, e lá vem ele tocando a sineta. Se ele for avistado por alguma criatura selvagem, será morto no mesmo instante.

De fato, quando eles haviam entrado na floresta, aproximara-se um leão ao ouvir o som da sineta e ficara observando a passagem do rebanho de camelos e filhotes. Ele percebera que um deles ficara para trás, brincando e comendo as plantas trepadeiras, enquanto os outros bebiam água e voltavam para casa.

Aquele camelo, ao sair do bosque, observou a região e não reconheceu nenhuma trilha. Afastara-se do rebanho pouco a pouco, tocando a sineta, e agora, mal andara uma curta distância, quando se viu diante do leão que seguira o som e preparara o ataque.

Quando o camelo se aproximou, o felino pulou sobre ele, mordeu-lhe o pescoço e o matou.

É por isso que eu digo:

Quem despreza por orgulho... [*çloka* 100]

Depois de ouvir essa história, o monstro do mar insistiu:



– Amigo,

Os homens versados nas ciências dizem que a amizade nasce por meio de sete passos; e eu quero dizer algo a respeito da amizade. Ouça-me. (101)

Os homens generosos e sempre dispostos a dar bons conselhos não encontram percalços aqui neste mundo nem no outro. (102)

– Portanto – continuou ele –, embora eu tenha sido ingrato, tenha a bondade de me dar um conselho, pois:

Que mérito há na bondade daquele que é bom para quem o ajuda? É aclamado bom pelos homens sábios aquele que é bom para quem o prejudica.<sup>94</sup> (103)

Ao escutar essas palavras, o macaco cedeu:

– Se é assim, amigo, vá até a sua casa e lute contra o invasor:

Se morrer, você alcançará o céu; se viver, você retomará a sua casa. Combatendo, as duas possíveis recompensas são excelentes. (104)

E acrescentou:

– É por isso que se diz:

Deve-se reverenciar o mais forte, utilizar a intriga com o corajoso, dar um pequeno suborno ao desprezível e marchar com coragem contra o de força equivalente. (105)

O monstro perguntou:

– Como assim?

O símio contou:

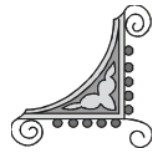


<sup>94</sup> Estrofe idêntica à de número 250, do primeiro livro da coleção (cf. 1º. volume, p. 134).



## **FÁBULA XVI**

O chacal chamado  
Mahācaturaka





Em uma região de densas florestas vivia um chacal de nome Mahācaturaka<sup>95</sup>, que certo dia encontrou um elefante morto por causas naturais. Andou em torno do animal, porém não conseguiu romper o seu couro duro. Enquanto isso, apareceu um leão que vagueava por aquelas paragens. Ao avistá-lo, o chacal baixou a cabeça até o chão, reverenciou-o com as mãos juntas e exclamou:

– Majestade, sou vossa sentinela. Guardei este elefante para Vossa Majestade saborear.

O leão examinou o animal e disse:

– Hum! Não gosto de comer um animal morto por outrem. O elefante é meu presente para você.

O chacal ouviu isso e respondeu com alegria:

– Essa é a conduta correta de um senhor para com seus servidores. E dizem:

Um grande homem, mesmo em situação deplorável, não abandona suas virtudes de senhor, devido à sua nobreza imaculada; uma concha não perde a sua brancura, mesmo que tenha sido consumida pelo fogo. (106)

Depois de ouvir o chacal, o leão foi embora. Em seguida, lá apareceu um tigre. O chacal, ao vê-lo, pensou:

– Afastei um desalmado com humilde reverência, mas agora, como poderei passar por esse? Ele é bem forte; de nenhum modo será subjugado sem uma intriga, pois se diz:

---

<sup>95</sup> Mahācaturaka, “muito esperto”, “muito astuto”.

Quando não se pode utilizar a conciliação ou ainda menos o suborno, deve-se então promover a discórdia, que é um meio eficiente de submissão. (107)

– Até quem possui todas as virtudes pode ser preso devido à discórdia, como se ensina:

Até uma pérola bem branca, compacta, redonda e muito bela, quando é perfurada, fica presa a um colar. O homem que procura a emancipação final, sem mácula, que concorda com a tradição, virtuoso e muito estimado, se estiver dividido em seu íntimo, fica preso ao mundo.<sup>96</sup> (108)

Tendo assim ponderado, o chacal virou a face para o tigre, com o pescoço meio erguido, e exclamou cheio de espanto:

– Tio! Como é que o senhor veio parar aqui, bem nas garras da morte? Um leão abateu esse elefante há pouco tempo, deixou-me como guarda e foi banhar-se. Quando ia saindo, ele me deu instruções: “Se aparecer por aqui algum tigre, você deve me contar em segredo, para que eu possa matá-lo e deixar essa floresta livre desses animais. Certa vez eu matei um elefante em lugar deserto e um tigre comeu uns pedaços, deixando-o com aparência de resto. Desde esse dia eu odeio tigres!”

---

<sup>96</sup> Essa estrofe, em sânscrito, apresenta apenas uma oração, mas admite simultaneamente as duas formas diferentes de leitura explicitadas aqui: a palavra *mauktika* pode significar “pérola” ou “que procura a emancipação final”; a escolha adotada determina o resto da sentença. Nesse trecho da narrativa, há um jogo de palavras centrado na raiz sânscrita *BHID* (“quebrar”, “dividir”, “desunir”, “romper”, “furar”). Derivados dessa raiz são: (1) o nome de uma das estratégias para vencer o inimigo, *bheda* (“divisão”, “desunião”, “discórdia”) e (2) o particípio passado da voz passiva *bhinna* (“dividido”, “desunido”, “furado”). Assim, a perfuração permite o aprisionamento da pérola e a divisão interna aprisiona o devoto a este mundo; em outras palavras, a discórdia pode ser um meio para a prisão de alguém ou de alguma coisa.

O tigre ficou tremendo de medo ao ouvir isso. Depois pediu:

– Por favor, sobrinho! Salve a minha vida. Só conte que eu estive aqui bem depois que ele voltar.

Assim dizendo, sumiu com presteza.

Logo após, um leopardo se aproximou do local.

– Esse aí tem dentes fortes e aguçados. Será por meio dele que conseguirei um corte na couraça do elefante – pensou o chagal ao vê-lo.

Com essa intenção, disse ao leopardo:

– Olá, sobrinho! Há quanto tempo não o vejo! E como você parece faminto! Você é meu hóspede. Um leão matou esse elefante aí e me mandou ficar de sentinela. Então eu faço esta proposta: enquanto o leão não volta, você come a carne desse elefante e, quando estiver satisfeito, vai embora.

O leopardo ponderou:

– Tio, se é assim, não devo me ocupar em comer essa carne, visto que um homem vê centenas de felicidades só enquanto está vivo, pois:

O homem que deseja seu bem-estar deve ingerir o alimento que se pode comer, que depois de comido pode ser digerido e que é saudável na digestão.<sup>97</sup> (109)

– Vou sair daqui imediatamente – concluiu o felino.

O chagal protestou:

– Arre, medroso! Seja confiante e coma. Quando o leão estiver chegando, ainda ao longe, eu avisarei você.

---

<sup>97</sup> Estrofe idêntica à de número 23, deste mesmo livro. Encontra-se na obra *Subhāṣitāvalī*, de Vyāsa, número 2740, e na epopeia *Mahābhārata*, V, 34, 14.

Depois de tudo combinado, quando o chacal percebeu que o couro do elefante estava rasgado, gritou para o leopardo:

– Ei, sobrinho! Fuja! Fuja! O leão está chegando!

Ouvindo a advertência, o felino desapareceu no horizonte.

O chacal se pôs a comer um pouco da carne pela abertura feita pelo leopardo, mas logo surgiu um outro chacal de aspecto violento. Avaliando que o recém-chegado tinha força equivalente à sua, recitou esta estrofe:

Deve-se reverenciar o mais forte, utilizar a intriga com o corajoso, dar um pequeno suborno ao desprezível e marchar com coragem contra o de força equivalente. (110) [*çloka* 105]

Marchou contra ele e o venceu; feriu-o com seus próprios dentes e o afugentou; depois permaneceu tranquilo, comendo a carne do elefante durante muitos dias.

Terminada a história, o macaco retomou a conversa anterior:

– Você também deve lutar contra esse inimigo, que é da sua própria espécie; deve subjugá-lo e obrigá-lo a fugir. Do contrário, depois que o monstro inimigo estiver bem assentado em sua propriedade, vai destruir você. É por isso que dizem:

Deve-se esperar prosperidade das vacas, penitência dos brâmanes, inconstância das mulheres e ameaça dos da própria espécie. (111)

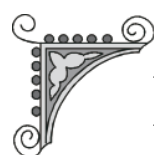
– E também:

Lá existem excelentes alimentos variados e as donas de casa são descuidadas; a terra estrangeira, porém, tem um defeito: é adversária da nossa nação. (112)

A criatura do mar perguntou:

– O que quer dizer isso?

O macaco contou:



## **FÁBULA XVII**

O cão chamado Citrãnga





Havia uma aldeia onde morava um cão chamado Citrãnga<sup>98</sup>. Certa vez aconteceu por lá um longo tempo de escassez. Os cães e outros animais foram perdendo suas famílias por falta de alimento. Citrãnga, com a garganta ressecada pela fome, ouviu dizer que havia fartura em outra região e foi para lá.

Nesse país, em uma residência, graças ao descuido da esposa do brâmane chefe da família, o cão conseguiu entrar e comer à saciedade. Quando saiu da casa, porém, foi rodeado por outros cães que o laceraram com seus dentes afiados. Ele pensou então:

– Ai de mim! É melhor na minha terra, onde todos vivem felizes mesmo com escassez e não lutam uns contra os outros. Vou voltar para lá.

Decidido, retornou à sua aldeia.

Quando ele chegou do país estrangeiro, todos os parentes foram logo perguntando:

– Ei, Citrãnga! Conte para nós a respeito daquela outra terra. Que aspecto ela tem? Como são as pessoas? Como é a comida? Que tipo de negócios existe por lá?

O cão respondeu:

– O que se pode contar a respeito daquele país?

Lá existem excelentes alimentos variados e as donas de casa são descuidadas; a terra estrangeira, porém, tem um defeito: é adversária da nossa nação. (113) [*çloka* 112]

---

<sup>98</sup> Citrãnga, “que tem manchas pelo corpo”, “malhado”; é o mesmo nome da gazela do segundo livro da coleção (cf. 2º. volume, nota 82, p. 93).

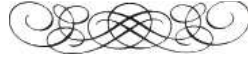


Concluída mais essa narrativa, tendo prestado muita atenção aos conselhos do macaco Raktamukha, o monstro Karālamukha tomou a resolução de lutar até a morte. Despediu-se do amigo e dirigiu-se para a sua casa. Empenhou-se em combate contra o inimigo que usurpara a sua casa e o matou, lutando com firmeza e coragem. Recuperou assim o seu lar, onde viveu feliz durante muitos anos.

Então isto pode ser dito com certeza:

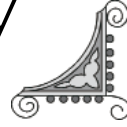
De que vale a riqueza obtida sem bravura, mesmo que possa ser aproveitada? Até um touro velho come as ervas que lhe são dadas pelos deuses. (114)

Conclui-se assim o quarto livro do *Pañcatantra*, intitulado **A perda do bem conquistado**, composto pelo venerável Viṣṇuçarman.





# LIVRO V



## A AÇÃO IMPENSADA

**C**omeça aqui o quinto livro, intitulado **A ação impensada**, cuja primeira estrofe é esta:

O homem não deve fazer o que o barbeiro fez — algo visto de modo indistinto, pouco compreendido, mal ouvido e mal examinado. (1)

Assim se ouve repetidamente:

Na região sul havia uma cidade chamada Pāṭaliputra<sup>99</sup>. Lá vivia um comerciante de prestígio chamado Maṇibhadra<sup>100</sup>, que, por caprichos da sorte, enquanto agia de acordo com as regras de *dharma*, *artha* e *kāma*<sup>101</sup>, perdeu a fortuna. Devido a essa perda e à contínua desonra, caiu em desespero. Certa noite, deitado, ficou pensando:

— Oh! Que horror esta pobreza! Até se diz:

<sup>99</sup> *Pāṭaliputra*, nome antigo da cidade de Patna. Essa cidade, porém, situa-se no norte da Índia e não no sul, como está no texto. Há versões do *Pañcatantra* em que a cidade mencionada é Mahilāropya, como nos três primeiros livros da coleção.

<sup>100</sup> Maṇibhadra, “que tem fortuna em joias”.

<sup>101</sup> “Justiça”, “vida prática” e “amor”, respectivamente; os três grandes domínios das atividades que regem a vida dos indianos das três classes mais altas: brâmanes, nobres e produtores.

A virtude, a integridade, a paciência, a conduta correta, a doçura, o nascimento em boa família, tudo isso, certamente, não brilha no caso do homem destituído dos bens. (2)

A honra, o orgulho, a inteligência, a beleza ou a sabedoria, tudo desaparece ao mesmo tempo, quando o homem perde a riqueza. (3)

Assim como a beleza do inverno, arrastada pelo vento da primavera, dissolve-se gradualmente, o discernimento dos sábios também se esvanece pelo pensamento constante no sustento da família. (4)

A sabedoria, mesmo que em alto grau, do homem de pouca fortuna, desaparece, por ele ter o pensamento constantemente voltado para a manteiga, o sal, o azeite, o arroz, a roupa e a lenha. (5)

A casa daquele que é destituído de fortuna torna-se feia, embora seja agradável à visão; ela é como um crematório inauspicioso, como um lago seco e como um céu sem estrelas. (6)

Os desprovidos de riqueza, insignificantes, não se destacam até quando permanecem na frente; como as bolhas, na superfície da água, desaparecem mal tenham surgido. (7)

Deixando para trás aquele de família nobre, hábil e virtuoso, as multidões de homens inclinam-se sempre para o rico, mesmo destituído de boa família, habilidade e caráter, como se ele fosse a primeira árvore *kalpa*<sup>102</sup>. (8)

O ato meritório praticado previamente é infrutífero aqui no mundo; mesmo os sábios e bem nascidos põem-se a serviço de quem é poderoso. (9)

O mundo não diz espontaneamente que o oceano é desprezível por fazer imenso barulho; tudo o que fazem os opulentos não é considerado vergonhoso aqui no mundo. (10)

---

<sup>102</sup> Árvore *kalpa*, nome de uma das cinco árvores do paraíso do deus Indra; árvore que tem o poder de realizar os desejos.

O comerciante, tendo assim ponderado, decidiu:

— Devo abandonar esta vida, abstendo-me de comer. Para que vale uma vida vã como esta?

E, com essa convicção, adormeceu. Então Padmanidhi<sup>103</sup>, sob a forma de um monge jainista, apareceu no seu sonho e disse-lhe:

— Venerável senhor, não se entregue ao desgosto. Eu sou Padmanidhi, tesouro obtido pelos seus ancestrais. Com esta aparência, virei à sua casa amanhã de manhã. O senhor deve golpear a minha cabeça com uma pancada de bastão, para que eu me transforme em ouro e seja inesgotável.

Na manhã seguinte, bem desperto, o comerciante permaneceu preso à roda de pensamentos voltados para a lembrança do sonho:

— Será? Este sonho tornar-se-á verdade? Não se sabe. Ou talvez não passe de uma ilusão, já que eu me preocupo apenas com dinheiro. Na verdade:

O sonho é vão quando visto pelo homem doente, magoado, absorto no pensamento, apaixonado ou bêbado. (11)

Nesse ínterim, a esposa do comerciante chamara um barbeiro para lhe fazer a limpeza dos pés. E, enquanto isso ocorria, um monge mendicante apareceu de repente, tal como se manifestara no sonho. Ao vê-lo, o comerciante vibrou de alegria e acertou-o na cabeça com um bastão de madeira disponível ali. No mesmo instante, o monge transformou-se em ouro e caiu no chão. Escondendo-o no interior da casa, o comerciante disse ao barbeiro, numa tentativa de agradá-lo:

---

<sup>103</sup> Padmanidhi, “tesouro de lótus”; nome de um dos nove tesouros de Kubera, o deus das riquezas.

— Aceite este dinheiro e estas roupas que lhe dou. Meu amigo, você não deve contar nada desse acontecimento a ninguém.

Mas o barbeiro, ao chegar à sua casa, pensou:

— Certamente todos esses monges que andam nus, transformam-se em ouro quando são golpeados na cabeça com um bastão. Amanhã de manhã convidarei muitos deles à minha casa e baterei nas suas cabeças com um bastão para me tornar rico em ouro.

Assim conjecturando, passou a noite com grande inquietude. Pela manhã, ao levantar-se, deixou pronto um bastão reforçado e dirigiu-se a um monastério de monges jainistas. Caminhou em torno da estátua de Jinendra<sup>104</sup>, dando três voltas, ajoelhou-se com a ponta da veste cobrindo a boca<sup>105</sup> e recitou esta estrofe:

Vitoriosos são os Jina, que possuem o mais alto grau de conhecimento e que, desde o seu nascimento, são tornados pela mente em um terreno estéril para a produção de desejos. (12)

Mais esta:

A língua é a que celebra Jina, o pensamento é o que se compraz em Jina e as mãos dignas de louvar são as mãos que lhe prestam homenagem. (13)

E também:

Em que mulher pensas quando finges estar em meditação e abres os olhos por um momento? Olha esses homens que sofrem por causa do arco de Anañga<sup>106</sup>; embora sejas protetor, não proteges. És falsamente

<sup>104</sup> Jinendra, “senhor dos jainistas”, também chamado de Jina, “vencedor”; fundador da religião jainista.

<sup>105</sup> Os monges jainistas costumavam cobrir a boca para não expelir saliva no ambiente e para não engolir algum inseto inadvertidamente.

<sup>106</sup> Anañga, “sem corpo”; epíteto de Kāma, deus do amor.

compassivo; quem mais teria menos compaixão do que tu? Que o sábio Jina, invocado com inveja pelas mulheres feridas pelo amor, te proteja.<sup>107</sup> (14)

Tendo recitado essas estrofes de louvor, o barbeiro aproximou-se do mestre dos monges mendicantes, ajoelhou-se aos seus pés e o saudou:

– Haja para vós reverência e glória!

Recebeu em troca a bênção para aumentar-lhe a virtude e instruções a respeito dos votos religiosos para atingir a felicidade perene. Depois, dando um nó na ponta do manto, ele pediu com humildade:

– Venerável, quando sairdes hoje para angariar esmolas, ide à minha casa junto com todos os monges.

– Basta, *çrāvaka!*<sup>108</sup> – exclamou o monge. – Conhecendo as regras, como podes falar assim? Acaso somos iguais aos brâmanes, para que tu faças uma proposta como essa? Sempre que vagueamos com a esperança de sermos recebidos com hospitalidade, quando vemos um *çrāvaka* devoto, vamos à casa dele. É com dificuldade que pedimos e, na casa de alguém, só comemos o suficiente para nos manter vivos. Vai-te, e não fales assim de novo.

Ouvindo essa admoestação, o barbeiro replicou:

– Venerável, eu conheço as vossas regras, porém é muito grande o número de devotos que vos convidam. Por outro lado, agora tenho em casa, preparadas adequadamente, peças de tecido muito valiosas e apropriadas para a cobertura de manuscritos. Além disso, acumulei dinheiro para pagar aos copistas que

---

<sup>107</sup> Esta estrofe é o início da *nāndī* (poema introdutório de louvor ou prece a uma divindade) do drama teatral *Nāgānanda* de Harṣa.

<sup>108</sup> *çrāvaka*, “ouvinte”; nome dado aos discípulos da seita jainista.

transcreverem algumas obras para mim. De qualquer modo, deve-se fazer o que for conveniente no momento certo.

E o barbeiro foi para casa.

Chegando lá, procurou o bastão de *khadira*<sup>109</sup> e o colocou junto das duas folhas da porta. Horas depois retornou à porta do mosteiro, de onde saíram todos os monges em fila, e os conduziu à sua casa, com a permissão do mestre. Eles todos, pela cobiça dos tecidos e do dinheiro, abandonaram os *çrāvaka* conhecidos e seguiram o barbeiro, bem depressa e cheios de júbilo. Isso, contudo, pode ser dito com maestria:

Ele é solitário, saiu de casa, usa a mão como vasilha e veste-se com o espaço, mas, mesmo assim, é perseguido no mundo pela cobiça. Vejam que interessante! (15)

Os cabelos do ancião embranquecem, os dentes deterioram, bem como os olhos e os ouvidos; só a sua cobiça rejuvenesce. (16)

Em seguida o barbeiro levou os monges para o interior da casa, fechou a porta e passou a distribuir golpes de bastão na cabeça deles. Sob esse ataque brutal, uns morreram e outros, com as cabeças quebradas lamentavam-se com grande alarido. Ouvindo a gritaria, os guardas da fortaleza se perguntaram:

– Ei, ei! Que barulheira é essa dentro da cidade? Vamos, vamos até lá!

Correram todos e, quando olharam, puderam ver os monges mendicantes fugindo, cobertos de sangue.

Os guardas prenderam o barbeiro e o levaram, junto com os monges sobreviventes, até a corte de justiça. Os magistrados indagaram ao réu:

– Por que o senhor cometeu esse crime execrável?

---

<sup>109</sup> *khadira*, *Mimosa catechu*, “acácia”; árvore de madeira muito dura.



– O que posso fazer? Vi um procedimento semelhante na casa do comerciante Mañibhadra. – E contou a história que ele presenciara.

Os magistrados então convocaram Mañibhadra e lhe indagaram:

– Senhor comerciante, por que o senhor matou um monge?

Ele narrou a todos a aventura completa do monge mendicante. Com essa explicação, os magistrados determinaram:

– Que seja empalado esse barbeiro perverso que não examina detalhadamente o que pretende fazer.

Dada a sentença, eles recitaram esta estrofe:

O homem não deve fazer o que o barbeiro fez — algo visto de modo indistinto, pouco compreendido, mal ouvido e mal examinado. (17)  
[çloka 1]

– E isso – acrescentaram – pode ser dito também de outro modo:

Sem ponderar não se deve agir; deve-se agir depois de muito ponderar; do contrário haverá remorso depois, como aconteceu com a brâmani no caso do mangusto. (18)

Mañibhadra perguntou:

– O que foi que aconteceu?

Os magistrados contaram:





# FÁBULA I

O brâmane Devaçarman





ivia em uma cidade um brâmane chamado Devaçarman<sup>110</sup>. Sua esposa deu à luz um filho e, no mesmo dia, uma mangusta pariu um filhote. Com afeto idêntico ao dedicado ao filho, a brâmani criou também o pequeno mangusto, dando-lhe o leite do seu seio, friccionando-o com unguentos, alimentando-o e cumulando-o de atenções maternas. Ela, porém, não confiava nele, porque achava que talvez ele pudesse atacar o menino devido ao instinto perverso da sua espécie. Assim sabia o seu coração:

Embora seja um mau filho, indisciplinado, feio, tolo, propenso aos vícios e malévolo, ele pode dar alegria ao coração dos homens. (19)

O mundo diz que o sândalo é refrescante de fato; mas o contato com o corpo do filho é muito mais refrescante do que o sândalo. (20)

Os homens desejam menos a ligação afetiva com o irmão, com o pai, com o benfeitor e até com o soberano do que com o filho. (21)

Certa vez, ela deitou o menino na cama, pegou o cântaro de água e recomendou ao marido:

– Brâmane, eu vou até o poço para trazer água. Você deve proteger o nosso filho do mangusto.

Logo que ela saiu, o brâmane saiu também para coletar doações e deixou a casa sem proteção. Enquanto isso, por vontade dos deuses, uma serpente negra saía da sua toca. O mangusto, entretanto, lembrou-se de que serpentes são inimigas da sua espécie, lutou com essa para proteger o irmão e a deixou em pedaços. Depois, com o focinho coberto de sangue, foi alegremente ao encontro da mãe para exibir a sua façanha.

---

<sup>110</sup> Devaçarman, “que tem a proteção da divindade”.

Quando ela o viu com o focinho molhado de sangue, pensou angustiada:

– Esse desalmado comeu o meu filho!

E, tomada de fúria, atacou-o com o cântaro cheio d'água e o matou. Entrou na casa soluçando e encontrou o filho adormecido, na mesma posição em que o deixara. Perto dele viu uma serpente negra despedaçada e, percebendo o que fizera, começou a bater-se na cabeça e no peito, pela dor da morte do filho-mangusto.

Nisso o brâmane chegou trazendo doações e viu a esposa desesperada de dor por causa do filho. Ela gritou-lhe entre soluços:

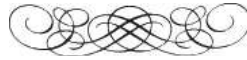
– Homem de alma gananciosa! Dominado pela avidez, você não se importou com o que eu pedi. Agora experimente o fruto da árvore do sofrimento pela morte do filho. É com razão que isto foi dito:

Não se deve cobiçar demais e não se deve renunciar inteiramente à cobiça; gira uma roda na cabeça daquele que é dominado pela cobiça desmedida. (22)

O brâmane perguntou:

– O que quer dizer isso?

A brâmani contou:





## FÁBULA II

História do homem portador  
de uma roda na cabeça





iviam, em certa cidade, quatro filhos de brâmanes engajados em mútua amizade. Acabrunhados com a própria penúria, eles se reuniram para deliberar:

– Basta! Chega dessa miséria! A tradição mesma nos ensina:

É preferível a vida numa floresta habitada por tigres, elefantes e outras feras, sem água, com espinhos em abundância, num leito de grama e vestindo roupa feita com casca de árvore do que a vida sem riqueza no meio da família. (23)

– E também:

Os homens que não têm dinheiro são odiados pelo mestre, apesar de servi-lo com diligência; são abandonados por seus parentes; têm as suas virtudes apagadas; são rejeitados pelos filhos; veem os seus infortúnios se multiplicarem; não são respeitados pela esposa vinda de boa família e são desertados pelos amigos, embora tenham valores elevados e justos. (24)

Seja ele corajoso, belo, amável, eloquente, exímio nas armas e nos livros, se não tiver riqueza, um mortal não alcançará honra e glória aqui no mundo dos homens. (25)

Os sentidos infalíveis são os mesmos, o nome é o mesmo, a inteligência aguçada é a mesma, a fala é a mesma; desprovido do calor da riqueza, o homem é o mesmo, mas num momento torna-se um estrangeiro. Isto é espantoso. (26)

– Vamos para outra cidade em busca de riqueza!

Tendo assim deliberado, abandonando a sua terra, a sua cidade e a sua casa, a proximidade dos amigos e a companhia dos parentes, eles partiram. Isso, porém, pode ser dito de modo mais estético:

Aqui no mundo, um homem cuja mente é povoada por mil pensamentos desconsidera a realidade, despede-se de todos os parentes,

abandona até a mãe, deixa para trás a terra natal e vai ligeiro para um povo almejado em terra estrangeira. (27)

E os quatro brâmanes, caminhando sem desvios, chegaram a Avantī<sup>111</sup>. Banharam-se nas águas do rio Sivrā<sup>112</sup>, reverenciaram o Mahākāla<sup>113</sup> e, quando voltavam, encontraram o iogue chamado Bhairavānanda<sup>114</sup>. Saudaram-no de acordo com os preceitos bramânicos e depois o acompanharam até o seu mosteiro. O iogue perguntou-lhes:

– De onde vêm vocês? Para onde vão? O que procuram?

– Peregrinamos para obter um poder mágico, com o qual possamos prosseguir até encontrar riqueza ou morrer. Essa é a nossa resolução, pois é dito:

Os bens desejados, mas muito difíceis de obter, são conseguidos por homens audaciosos que sabem avaliar a ocasião propícia. (28)

Às vezes a água cai das nuvens, às vezes flui das regiões inferiores até o poço. O destino é incompreensível e poderoso, mas não é assim também a ação humana? (29)

A realização dos desejos de um homem acontece inteiramente pelas ações deste. O que chamamos de destino é uma qualidade do ser humano, denominada o imprevisível. (30)

Os audaciosos avaliam corretamente como palha o medo desmedido que se tem das pessoas poderosas. A vida é uma aventura maravilhosa, pois é a aventura das almas nobres. (31)

---

<sup>111</sup> Avantī, “favorável”, “agradável”, “aprazível”; nome antigo da cidade indiana de Ujjain.

<sup>112</sup> Sivrā, nome antigo do rio que banha a cidade de Ujjain.

<sup>113</sup> Mahākāla, nome do conhecido monumento que é uma representação simbólica do deus Çiva, em Ujjain.

<sup>114</sup> Bhairavānanda, “alegria de Bhairava”; *bhairava*, “assustador”, epíteto de Viçnu e de Çiva.

Sem submeter o corpo ao trabalho árduo não se conseguem felicidades neste mundo: o matador de Madhu<sup>115</sup> abraça Lakṣmī<sup>116</sup> com os braços que sustentaram a batedura do oceano<sup>117</sup>. (32)

Viṣṇu pode ter a forma de homem-leão, mas como a sua esposa poderia não ser inconstante, se ele permanece durante quatro meses dormindo na água?<sup>118</sup> (33)

A supremacia é difícil de obter enquanto o homem não demonstra seu heroísmo; mesmo o sol só vence os tetos de nuvens quando ascende em Libra.<sup>119</sup> (34)

---

<sup>115</sup> Madhu, “doce”; nome de um *asura* (“espiritual”, “incorpóreo”; nome de entidades das trevas, oponentes dos deuses). Matador de Madhu, epíteto de Viṣṇu.

<sup>116</sup> Lakṣmī, deusa da fortuna e da beleza; esposa de Viṣṇu, um dos tesouros produzidos pela batedura do oceano.

<sup>117</sup> A batedura do oceano é um episódio do segundo *avatāra* (“descida”) ou encarnação de Viṣṇu. Um dilúvio fizera desaparecer grande quantidade de tesouros divinos, inclusive a *amṛta* (“ambrosia”), a bebida da imortalidade. Viṣṇu encarnou-se como uma imensa tartaruga e mergulhou até o fundo do oceano cósmico. Para baterem o oceano, do mesmo modo que os indianos batem a manteiga, os deuses colocaram sobre as costas da tartaruga o monte Mandara, que seria o batedor, e circundaram-no com a divina serpente Vāsuki, que seria a corda. Depois fizeram girar a montanha, puxando a serpente para lá e para cá. Dessa batedura emergiram vários tesouros, inclusive a *amṛta* e a deusa Lakṣmī.

<sup>118</sup> De acordo com o *Skandapurāṇa* (“Purāṇa do deus Skanda”; Purāṇa é a denominação de diversas obras hinduístas formadas por compilações de lendas e instruções religiosas), Viṣṇu e todos os outros deuses adormecem no solstício de verão no hemisfério norte, quando o sol começa o *dakṣiṇāyana* (o movimento aparente na direção sul) e só despertam quatro meses depois. Isso é assim porque o tempo de um ano para os homens equivale ao de um dia e uma noite para os deuses; no tempo do *dakṣiṇāyana* é noite para os deuses.

<sup>119</sup> Na Índia, a estação das chuvas termina em setembro, quando o sol entra no signo de Libra. Estrofe igual à de número 333 do primeiro livro da coleção (cf. 1º. volume, p. 180).



– Ensine-nos um meio de encontrar riqueza – pediram eles ao iogue –, seja entrar numa caverna, subjugar uma *çākinī*<sup>120</sup>, morar num cemitério, vender carne humana, usar um *varti*<sup>121</sup> mágico ou outra coisa. Ouvimos dizer que o senhor tem poderes extraordinários. Nós somos extremamente audaciosos, e os livros ensinam:

Só os mais competentes realizam os projetos dos grandes: além do oceano, quem mais poderia suportar o fogo submarino?<sup>122</sup> (35)

Bhairavānanda presenteou-os com um meio poderoso de sucesso, que consistia de quatro *varti* mágicos que ele trançara, e deu-lhes esta orientação:

– Andem na direção da cordilheira do Himalaia. Chegando lá, no local em que cair um *varti*, vocês encontrarão um tesouro, sem dúvida. Cavem o solo, peguem o tesouro e retornem.

Eles seguiram o conselho. Enquanto iam caminhando, o *varti* caiu da mão de um deles, que cavou no local; a terra era puro cobre. Ele propôs aos amigos:

– Vamos, peguem cobre à vontade!

Mas os outros responderam:

– Bobalhão, o que é que se faz com isso? Mesmo em abundância, não fará desaparecer a pobreza. Levante-se, e vamos em frente.

– Vão vocês; eu não vou prosseguir. – Assim dizendo, ele juntou cobre o quanto conseguia levar e foi o primeiro a regressar.

<sup>120</sup> *çākinī*, “poderosa”; nome de uma entidade demoníaca feminina.

<sup>121</sup> *varti*, “enrolado”, espécie de cordão torcido ou trançado, geralmente usado como pavio de velas e de lampiões.

<sup>122</sup> Fogo submarino, cf. nota 21, estrofe 26 do quarto livro da coleção, neste volume.

Os outros três seguiram adiante. Percorriam já uma parte do caminho, quando caiu o *vartido* que ia à frente. Ele começou a cavar; e o solo era pura prata. Propôs aos amigos:

– Vamos, peguem prata à vontade! Não precisam ir mais longe.

– Ora – retrucaram eles –, lá atrás a terra era cobre, aqui na frente é prata, então mais adiante será ouro. Com a prata, mesmo em abundância, não haverá o fim da pobreza. Nós vamos prosseguir.

Dito isso, foram em frente.

O que ficou recolheu quanta prata podia carregar e voltou para casa.

Os dois brâmanes continuavam a caminhada, quando caiu o *vartido* que estava à frente. Feliz, ao cavar, viu que a terra era puro ouro e disse ao companheiro:

– Vamos, pegue ouro à vontade! Não encontrará nada mais precioso.

O outro contestou:

– Imbecil, você não sabe de nada. Encontramos primeiro cobre, depois prata e agora ouro; certamente, mais além, encontraremos pedras preciosas, tais que, com apenas uma, poderemos afugentar a pobreza. Levante-se, e vamos em frente. De que serve o ouro, se em grande quantidade é uma carga muito pesada?

O amigo que encontrara o ouro discordou:

– Prossiga você. Eu ficarei aqui e esperarei pela sua volta.

Assim combinados, o outro brâmane partiu sozinho e logo ficou a perambular de lá para cá, desviado do caminho certo, estonteado pela sede, com o corpo atormentado pelo calor do sol de verão. Estando nesse vaguear, viu sobre uma elevação do terreno um homem com o corpo coberto de sangue e com

uma roda girando em cima da sua cabeça. Aproximando-se dele com rapidez, o brâmane indagou:

– Olá! Quem é você? Por que tem na cabeça essa roda que gira? Diga-me: existe água por aqui?

Enquanto ele falava, num instante a roda se transferiu da cabeça do homem para a sua. Ele ficou muito espantado:

– Amigo, o que foi isso?

O homem respondeu:

– Foi desse mesmo modo que a roda caiu na minha cabeça.

– Diga-me – tornou o brâmane –, quando ficarei livre disto? É uma tortura atroz!

O outro informou:

– Quando alguém chegar com um *varti* mágico na mão e conversar com você, então essa roda se transferirá para a cabeça dele.

– Há quanto tempo você estava parado assim?

– Quem reina sobre a terra atualmente?

– É o rei Viṅāvatsa<sup>123</sup> – respondeu o brâmane com a roda na cabeça.

– Eu não tenho mais a noção do tempo – contou o homem –, mas eu me lembro que, quando o rei era Rāma<sup>124</sup>, eu cheguei aqui por esse caminho, acabrunhado pela pobreza e trazendo um *varti* na mão. Vi um homem que suportava uma

<sup>123</sup> Viṅāvatsa, “filho da *vīṅā* (instrumento de cordas, semelhante à cítara)”; o sanscritista Wilson sugere que se trata de um rei chamado Udayana ou Vatsa, famoso pela destreza com aquele instrumento. (H. H. Wilson’s Works, vol. IV, p. 60)

<sup>124</sup> Rāma, rei de Kosala, herói da epopéia *Rāmāyana*.

roda sobre a cabeça e perguntei-lhe o que acontecera. E aí me aconteceu o mesmo que aconteceu agora com você.

– Amigo, como você conseguiu obter água e comida enquanto estava nessa situação?

O homem explicou:

– Dhanada<sup>125</sup>, com receio de que roubem seus tesouros, exhibe esse espetáculo para amedrontar os que têm poderes mágicos e afastá-los dessa região. Se alguém consegue chegar aqui, fica livre de fome, sede e sono e também de velhice e morte; experimenta somente o tormento da dor. Bem, agora me dê licença. Estou livre e vou voltar para casa.

Dito isso, partiu.

Entrementes, o brâmane que encontrara ouro, estranhando a demora do companheiro, foi procurá-lo seguindo a trilha das suas pegadas. No interior da floresta, encontrou-o sentado, com o corpo coberto de sangue, gemendo de dor por causa da áspera roda que girava sobre a sua cabeça. Aproximou-se dele e perguntou, com os olhos cheios de lágrimas:

– Amigo, o que aconteceu?

– Foi o rumo adverso das circunstâncias.

– Como foi isso? – insistiu o brâmane do ouro. – Conte-me a causa.

O brâmane da roda, respondendo à pergunta do amigo, contou toda a aventura da roda. Depois de ouvir a história, o do ouro repreendeu-o:

---

<sup>125</sup> Dhanada, “doador de riquezas”; epíteto de Kubera, deus da riqueza, guardião de vários tesouros.

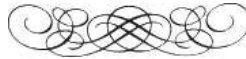
– Raios, bem que eu lhe pedi para desistir<sup>126</sup>, mas você não escutou o que eu falei. O que se pode fazer? De que vale um sábio de boa família, se não tem inteligência? Melhor dizendo:

É melhor ter inteligência e não sabedoria, pois a inteligência é superior à sabedoria. Os que não têm inteligência morrem como aqueles sábios que ressuscitaram um leão. (36)

O brâmane da roda perguntou:

– Como foi esse caso?

O amigo contou:



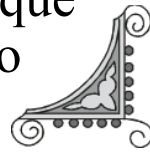
---

<sup>126</sup> Na verdade, o brâmane do ouro não pediu para que o companheiro desistisse de continuar procurando o seu tesouro, apenas se dispôs a ficar esperando por ele.



## **FÁBULA III**

Os brâmanes estúpidos que  
ressuscitaram um leão





Em uma certa cidade viviam quatro filhos de brâmanes que devotavam uns aos outros sincera amizade. Três dentre eles estudaram todas as ciências, mas não tinham inteligência. O outro, ao contrário, era apenas inteligente, mas tinha aversão pelas ciências. Um dia, eles se reuniram e deliberaram:

– Qual é o valor da nossa ciência, se não formos para uma cidade estrangeira, onde poderemos alegrar os reis e ganhar riquezas? Vamos partir para a região vizinha.

Assim decidido, puseram-se a caminho e, pouco depois, o mais velho comentou:

– Que pena! Um de nós, o quarto, é um ignorante, apesar de inteligente. E com inteligência, mas sem sabedoria, não se recebem presentes dos reis. Não lhe daremos nada do que ganharmos. Ele que volte para casa.

O segundo brâmane reforçou:

– Isso mesmo, inteligência rara! Volte para a sua casa, já que não possui nenhuma ciência.

O terceiro, porém, discordou:

– Amigos, não é correto agir dessa forma, pois nós brincamos juntos desde a infância. Que ele venha junto. Ele é digno de ficar com a sua parte da riqueza que nós recebermos. E dizem:

O que se pode fazer com uma riqueza, que, como uma esposa, é exclusiva e não pode ser utilizada, como uma prostituta, que é compartilhada pelos que passam?<sup>127</sup> (37)

– E também:

---

<sup>127</sup> Estrofe igual à de número 138 do segundo livro da coleção (cf. 2º. volume, p. 83).

“Isto é meu e isso é teu” é o cálculo dos de pensamento tacaño, mas, para os que agem com magnanimidade, o mundo inteiro é uma família. (38)

– Que ele venha conosco, então!

Assim ficou decidido. Perambulavam eles por uma trilha na selva, quando viram os ossos de um leão morto. Um dos brâmanes teve uma ideia:

– Ei, vamos fazer uma demonstração da nossa ciência! Eis aqui um animal morto, que faremos retornar à vida com o poder dos nossos conhecimentos. Eu colocarei os ossos todos em seu devido lugar.

Com cuidado, ele reconstituiu o esqueleto. O segundo brâmane acrescentou pele, carne e sangue ao corpo do leão. O terceiro, quando ia dar-lhe vida, foi impedido pelo inteligente:

– Pare, por favor! Esse leão já está completo. Se você lhe der vida, ele matará a todos nós.

Apesar dessa advertência, o terceiro protestou:

– Arre, imbecil! Eu não permitirei que a minha ciência fique inútil.

– Nesse caso – pediu o inteligente –, espere um instante, para que eu suba numa árvore.

Feito isso, quando o leão ganhou vida, levantou-se e matou os três. E o inteligente, algum tempo depois, desceu da árvore e voltou para casa.

Por isso eu digo:

É melhor ter inteligência e não... [*çloka* 36]

– Além dessa – continuou o brâmane do ouro –, também recitam esta outra estrofe:

Embora versados nos livros de ciência, todos os que desconhecem as práticas do mundo caem no ridículo, como os eruditos mentecaptos. (39)



Os brâmanes estúpidos que ressuscitaram um leão

O brâmane com a roda na cabeça perguntou:

– Como é que aconteceu?

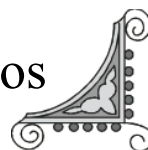
O que encontrara ouro contou:





## **FÁBULA IV**

Os eruditos mentecaptos





Em uma cidade moravam quatro brâmanes que nutriam mútua e verdadeira amizade. Desde a infância concebiam esta ideia:

– Se formos para outra região, poderemos obter muito mais conhecimentos.

Certo dia, tomaram todos juntos a decisão de partir e dirigiram-se para a cidade de Kānyakubja<sup>128</sup> a fim de aperfeiçoar a sua erudição. Nessa cidade, numa escola monástica, iniciaram os seus estudos. Depois de doze anos dedicados inteiramente aos textos manuscritos, todos eles se tornaram sábios eruditos. Então os quatro se reuniram e conversaram:

– Nós já chegamos ao ápice de todo conhecimento; é hora de pedir licença ao mestre e voltar para a nossa cidade. Vamos fazer isso mesmo.

Pediram ao mestre licença para deixar o mosteiro, receberam essa permissão, recolheram seus manuscritos e partiram. Quando haviam percorrido uma parte do caminho, chegaram a uma encruzilhada. Todos se sentaram. Um deles falou:

– Por qual dos caminhos seguiremos?

Naquela ocasião, morrera, naquela cidade, o filho de um mercador, por isso passava uma grande quantidade de pessoas que iam assistir à sua cremação.

Dentre os quatro, um deles consultou um manuscrito:

– “O caminho é o que é trilhado pela maioria”<sup>129</sup>. Portanto iremos atrás da multidão.

---

<sup>128</sup> Kānyakubja, cidade da Índia, atual Kananj.

<sup>129</sup> Os brâmanes eruditos interpretam os textos ao pé da letra e de acordo com a situação que se lhes apresenta.

Acompanhando a multidão, os eruditos viram um jumento perto do crematório. O segundo brâmane abriu um manuscrito e leu:

Parente é aquele que permanece próximo nas festas, na ocorrência de calamidade, na escassez, no confronto com o inimigo, na entrada do palácio e no crematório. (40)

– Vejam, esse aí é nosso parente! – exclamou ele.

Então um dos companheiros abraçou o pescoço do jumento e outro lhe banhou os pés.

Observando o local, os eruditos avistaram um camelo e se perguntaram:

– O que é aquilo?

O terceiro abriu um manuscrito e recitou:

– “O movimento de Dharma<sup>130</sup> é rápido”. Logo aquele é Dharma.

O quarto leu:

– “O que se ama deve ser atrelado ao Dharma”.

Prontamente eles ataram o jumento no pescoço do camelo. Alguém foi depois contar isso ao dono do jumento, que era um tintureiro, mas, quando este chegou com a intenção de bater nos eruditos mentecaptos, eles já haviam desaparecido.

Os quatro amigos continuavam a sua caminhada. Percorreram apenas um pequeno trecho do caminho, quando encontraram um rio. Viram uma grande folha boiando no meio da água e um dos eruditos exclamou:

– Ótimo! Essa embarcação<sup>131</sup> que se aproxima nos transportará até a outra margem.

<sup>130</sup> Dharma, “estatuto”, “lei”, “justiça” etc.; nome de uma divindade que é a personificação da Justiça.

<sup>131</sup> *patra*, em sânscrito, pode significar “pena de ave”, “folha de planta” ou qualquer tipo de meio de transporte, como carro, barco, cavalo, camelo etc.

Assim dizendo, já foi pulando sobre a folha, caiu no rio e se afogou. Vendo que ele estava sendo levado pela correnteza, um companheiro o segurou pelas pontas do cabelo e recitou:

Na iminência de perder tudo, o homem prudente desiste da metade e, com a metade que mantém, faz o que pode ser feito, pois a perda total é difícil de ser superada.<sup>132</sup> (41)

Seguindo a sugestão da estrofe, ele cortou a cabeça do afogado.

Após uma longa jornada, os três chegaram a uma vila. Foram bem acolhidos pelos moradores, que os hospedaram, cada um em uma casa.

Ao primeiro ofereceram *sūtrikā*<sup>133</sup> com manteiga e açúcar para comer. O erudito refletiu um momento e declamou:

– “O que tem longos fios perece”.

Assim falou, rejeitou a comida e foi-se embora.

Ao segundo serviram *maṇḍaka*<sup>134</sup>. Ele se recordou:

– “O que é espalhado em excesso não tem vida longa”.

Recusou a comida e partiu.

Ao terceiro deram um prato de *vaṭikā*<sup>135</sup>. O erudito então recitou:

– “As calamidades multiplicam-se nas falhas”.

Desse modo os três eruditos, com a garganta ressecada pela fome, ridicularizados pelos habitantes dessa região, saíram de lá e voltaram para casa.

<sup>132</sup> Estrofe igual à de número 28 do quarto livro da coleção, neste volume.

<sup>133</sup> *sūtrikā*, alimento que consiste de massa em forma de espaguete, feita com farinha, açúcar e manteiga.

<sup>134</sup> *maṇḍaka*, espécie de bolo largo e extremamente achatado, feito com farinha de trigo, açúcar e coco.

<sup>135</sup> *vaṭikā*, espécie de pequeno bolo frito, arredondado e com muitos buracos pequenos, feito de uma mistura de farinha de arroz e feijões moídos.

Ao final da narrativa, falando diretamente ao amigo, o brâmane do ouro continuou:

– Também você, desconhecendo as práticas do mundo, apesar de prevenido por mim, não quis parar e agora está nessa situação. É por isso que eu digo:

Embora versados nos livros de ciência... [*çloka* 39]

O brâmane com a roda na cabeça, depois de ouvir calado essas duas histórias, exclamou:

– Ah, não! Isso não é verdade. Homens muito inteligentes morrem destruídos pela vontade adversa dos deuses, enquanto homens de pouca inteligência quase sempre vivem felizes em casa com a família, como ensina a tradição:

Um desprotegido, se recebe proteção dos deuses, permanece vivo; um bem-protegido, se é ferido pelos deuses, perece. O desvalido sobrevive, mesmo abandonado na floresta; o bem-assistido até em casa morre.<sup>136</sup> (42)

– E também:

Levaram Çatabuddhi<sup>137</sup> sobre a cabeça e Sahasradhī<sup>138</sup> dependurado, mas eu, Ekabuddhi<sup>139</sup>, mergulho na água cristalina, minha querida. (43)

– O que quer dizer isso? – perguntou o brâmane do ouro. O amigo contou:

<sup>136</sup> Estrofe igual às de número 20 e 326 do primeiro livro da coleção (cf. 1º volume, p. 33 e 178).

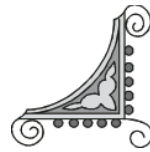
<sup>137</sup> Çatabubbhi, “que tem inteligência igual à de cem pessoas”.

<sup>138</sup> Sahasradhī, “que tem inteligência igual à de mil pessoas”; no corpo da fábula o nome é Sahasrabuddhi, com o mesmo significado, pois o vocábulo *buddhi* pode ser traduzido, entre outras acepções, por “inteligência”, “intelecto”, “razão”, e *dhī*, por “pensamento”, “intelecto”, “meditação”.

<sup>139</sup> Ekabuddhi, “que tem inteligência igual à de uma pessoa”.



**FÁBULA V**  
A rã e os peixes





iviam em certa represa dois peixes, Çatabuddhi e Sahasrabuddhi, que se tornaram amigos de uma rã de nome Ekabuddhi. Os três costumavam encontrar-se na beira da praia, onde permaneciam algum tempo em agradáveis conversações a respeito de temas edificantes e depois mergulhavam na água.

Uma vez, estavam reunidos ao pôr do sol, quando uns pescadores, segurando redes e transportando muitos peixes mortos sobre a cabeça, chegaram àquela represa. Ao vê-la, conversaram entre eles:

– Que beleza! Esta lagoa parece ter muitos peixes e pouca água. Voltaremos aqui amanhã de manhã.

Dito isso, foram para as suas casas.

Os amigos, com o desânimo estampado nos rostos, ficaram trocando ideias. Ekabuddhi exclamou:

– Que horror, Çatabuddhi e Sahasrabuddhi! Vocês ouviram o que os pescadores disseram? O que é conveniente fazer agora? Fugir ou permanecer aqui? Determinem depressa o que convém.

Ao ouvi-lo, Sahasrabuddhi respondeu sorrindo:

– Ora, amigo, não fique assustado, porque não se deve ter medo de meras palavras ouvidas. Não há o que recear, pois dizem:

As intenções das serpentes, dos malvados e de todos os perversos não se realizam; por isso, esse mundo gira.<sup>140</sup> (44)

---

<sup>140</sup> Estrofe que se assemelha à de número 159 do primeiro livro da coleção (cf. 1º. volume, p. 77).



– Desse modo a vinda deles não acontecerá – continuou ele –, mas, se acontecer, protegerei você com o poder da inteligência e o levarei comigo, pois conheço muitas maneiras de nadar na água.

Ouvindo-o, Çatabuddhi aprovou e acrescentou:

– O que você disse é correto. Você tem mesmo inteligência de mil, conforme o seu nome. E isso é dito com razão:

Não há nada no mundo inacessível à inteligência dos homens que a possuem. Com a sua inteligência Cāṇakya<sup>141</sup> exterminou os Nanda que mantinham as espadas nas mãos. (45)

– E também:

Onde não há acesso para o vento e para os raios do sol é onde sempre penetra rápida a inteligência dos homens que a possuem. (46)

– Por isso – continuou ele –, não devemos abandonar esse lugar do nosso nascimento, transmitido aos nossos pais por herança, só por causa de meras palavras ouvidas, pois:

Nem mesmo no céu resplandecente pelo contato com seres divinos pode haver, para os homens, a felicidade que encontram no lugar em que nasceram, por pior que seja. (47)

– Não devemos partir de modo algum. Eu também protegerei você com o poder da minha inteligência.

A rã ponderou:

– Amigos, a minha una, e única, inteligência compele-me a fugir o quanto antes. Partirei para outra lagoa com a minha esposa hoje mesmo.

Dito e feito. Partiram durante a noite.

---

<sup>141</sup> Cāṇakya é o autor de um tratado de ética e política, que auxiliou Candra-gupta, fundador da dinastia Maurya, a exterminar os príncipes da dinastia Nanda e a tomar o trono de Pāṭaliputra (capital do reino de Magadha).

Na manhã seguinte chegaram os pescadores e capturaram os habitantes da água: peixes, tartarugas, rãs, caranguejos e todos os demais, pequenos, médios e grandes. Çatabuddhi e Sahasrabuddhi fugiram com as esposas por algum tempo, defenderam-se com o que sabiam de movimentos especiais, mas por fim caíram na rede e morreram.

Ao meio-dia, os pescadores exultantes voltaram para as suas casas. Por causa do seu peso, Çatabuddhi foi carregado sobre a cabeça de um deles e Sahasrabuddhi foi conduzido dependurado.

Aproximando-se pela parte estreita da lagoa, a rã viu os dois amigos sendo levados daquele modo e chamou a companheira:

– Querida! Veja! Veja só!

Levaram Çatabuddhi sobre a cabeça e Sahasradhi dependurado, mas eu, Ekabuddhi, mergulho na água cristalina, minha querida. (48)  
[çloka 43]

O brâmane com a roda prosseguiu:

– Por isso eu digo: inteligência não é necessariamente percepção correta.

– Ainda que seja assim – retrucou o brâmane do ouro –, as palavras dos amigos não devem ser desprezadas. O que fazer agora? Eu o preveni, mas você não quis parar por excesso de cobiça e por orgulho da sua ciência. Na verdade, alguém já comentou com sarcasmo:

Bravo, meu tio! Apesar dos meus conselhos, você não desistiu de cantar. Essa joia incomparável atada em você é o prêmio da sua proficiência musical. (49)

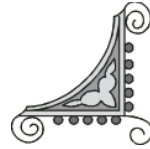
O brâmane da roda perguntou:

– Como foi isso?

O do ouro contou:



**FÁBULA VI**  
O jumento Uddhata





Em certo povoado, um jumento de nome Uddhata<sup>142</sup>, que vivia na casa de um tintureiro, sempre transportava cargas durante o dia e, à noite, saía a vaguear a seu bel prazer. Ao amanhecer, com receio de ser capturado, retornava por si mesmo à casa do tintureiro, que então o amarrava com uma corda.

Uma noite, perambulando pelos campos, conheceu um chacal com quem entabulou amizade. Com a sua robustez, conseguiu abrir uma brecha na cerca de uma plantação de *cirbhaṭī*<sup>143</sup> e nela entrou junto com o amigo. Desse modo, os dois comiam frutos à vontade todas as noites e, ao nascer do sol, cada um voltava para a sua moradia.

Certa vez o asno, estufado de orgulho, parou no meio do campo e disse ao chacal:

– Sobrinho, veja, veja só! A noite está linda demais. Fiquei com vontade de cantar. Diga-me, qual dos modos devo escolher?

O chacal objetou:

– Tio, por que criar levemente uma agitação que não trará proveito? Nós dois estamos exercendo o ofício de ladroagem, e os ladrões e os amantes devem permanecer ocultos. Até dizem:

Quem está com tosse deve se abster de roubar, quem está sonolento também deve evitar o roubo e quem está doente deve dominar a gula, se é que desejam viver aqui no mundo. (50)

<sup>142</sup> Uddhata, “inchado de orgulho”, “orgulhoso”, “arrogante”, “presunçoso”.

<sup>143</sup> *cirbhaṭī*, *Cucumis utilissimus*, nome de uma planta de fruto comestível, da mesma família dos pepinos e dos melões.

– Além disso – continuou ele –, o seu canto não é melodioso, ressoa como uma concha<sup>144</sup> e pode ser ouvido a grandes distâncias. Há guardas dormindo aqui nesta plantação. Se eles acordarem, você será morto ou capturado. Vamos, coma esses *cirbhaṭī*, doces como ambrosia, e não se preocupe com assuntos que não são seus.

Depois de ouvir as palavras do amigo, Uddhata retrucou:

– Ora, você não conhece o prazer do canto porque se abriga na floresta. Eis o motivo para você ter dito isso, mas os poetas ensinam:

Quando o luar de outono expulsa as trevas para longe, o néctar feito de murmúrios dos cantos penetra nos ouvidos dos felizes que estão junto da pessoa amada. (51)

O chacal ponderou:

– É isso mesmo, meu tio, mas você não sabe cantar, somente zurrar. Por que insiste em agir contra os nossos interesses?

– Deixe disso, pateta! – protestou o asno. – Eu não sei cantar? Pois ouça bem quais são as divisões da música:

Sete notas, três escalas, vinte e uma modulações e quarenta e nove ritmos – eis a totalidade dos sons musicais. (52)

Há três posições de pausa, seis durações de pausa, nove sentimentos, trinta e seis modos e quarenta emoções, de acordo com a tradição. (53)

Também há cento e oitenta e cinco elementos da música mencionados. Foi Bharata<sup>145</sup> quem primeiro os mencionou, depois dos Veda<sup>146</sup>. (54)

<sup>144</sup> Na Antiguidade, os indianos utilizavam como trombeta a carapaça de um grande molusco que era soprada através de um furo feito na ponta. O som, considerado auspicioso, tinha a finalidade de iniciar uma batalha ou chamar a população para eventos importantes.

<sup>145</sup> Bharata, autor do *Nāṭyaśāstra* (“tratado de artes dramáticas”).

<sup>146</sup> Veda, “sabedoria”; nome dado ao conjunto de quatro livros de conteúdo ritualístico que todo brâmane deveria conhecer.

Não se vê no mundo nada mais agradável do que a música, até mesmo para os deuses. Rāvaṇa<sup>147</sup> prendeu o Deus de Três Olhos<sup>148</sup> pelo deleite dos sons de um instrumento de cordas feitas de tendões secos. (55)

– Por que então, sobrinho, você me chama de ignorante e me proíbe de cantar?

Respondeu o chacal:

– Se é assim, meu tio, eu ficarei postado na entrada da cerca e observarei o guarda do campo. Depois você pode cantar à vontade.

Isso foi o combinado. O guarda, porém, quando ouviu aquele zurro, saiu a correr, rangendo os dentes de raiva. Ao deparar com Uddhata, começou a espancá-lo com um cajado; e bateu tanto que o jumento caiu por terra. E ainda amarrou um pilão de madeira esburacado no pescoço do animal vencido e foi dormir novamente.

O jumento, pela índole da própria espécie, levantou-se em seguida, logo que passou a dor, pois todos sabem:

No caso dos cães, dos cavalos e dos jumentos em especial, a dor causada por espancamento não dura mais do que um instante. (56)

Ele destroçou a cerca e se pôs a fugir, levando consigo o pilão.

Quando o chacal o avistou, ainda à distância, recitou esta estrofe com um sorriso irônico:

Bravo, meu tio! Apesar dos meus conselhos, você não desistiu de cantar. Essa joia incomparável atada em você é o prêmio da sua proficiência musical. (57) [*çloka* 49]

---

<sup>147</sup> Rāvana, rei de Lañkā (atual Sri Lanka), inimigo do herói da epopéia *Rāmāyaṇa*

<sup>148</sup> Epíteto do deus Çiva.

O brâmane que encontrara ouro continuou:

– Você também, quando eu tentei fazê-lo parar, não desistiu.

– Ai, amigo – respondeu o brâmane com a roda na cabeça –, isso é verdade. E isto é dito com razão:

Quem não tem inteligência própria nem segue os conselhos dos amigos vai ao encontro da morte, como o tecelão Mantharaka<sup>149</sup>. (58)

O brâmane do ouro perguntou:

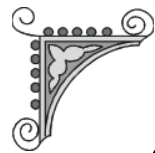
– Como foi isso?

O da roda contou:

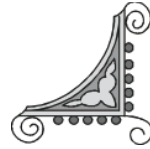


---

<sup>149</sup> Mantharaka, “lento”, “vagaroso”; é o mesmo nome da tartaruga que aparece na narrativa-quadro do segundo livro da coleção – *A aquisição de amigos*.



**FÁBULA VII**  
O tecelão chamado  
Mantharaka







Um tecelão chamado Mantharaka morava num povoado. Certo dia, quando ele estava tecendo, todas as réguas de tecer se quebraram. Pegando um machado, dirigiu-se à floresta em busca de madeira. Perambulando, chegou à beira do oceano, onde avistou uma árvore *çimçāpā*<sup>150</sup>. Pensou:

– Estou vendo uma árvore muito grande que, cortada em pedaços, será transformada em instrumentos para tecer.

Com essa ideia, ergueu o machado. Entretanto, naquela árvore, habitava um *vyantara*<sup>151</sup>, que lhe pediu:

– Por favor, esta árvore, que é o meu lar, deve ser preservada de qualquer maneira, para que eu aqui permaneça feliz, satisfeito com a brisa refrescada pelo contato com as ondas do oceano.

– Pelos deuses – lamentou o tecelão –, o que posso fazer? Sem os apetrechos de madeira a minha família será oprimida pela fome. Encontre ligeiro alguma outra árvore onde possa morar, para que eu possa cortar essa.

– Estou satisfeito com a sua consideração. Peça-me algo que você queira, mas preserve esta árvore – propôs o *vyantara*.

O tecelão concordou:

– Se é assim, irei à minha casa e voltarei, depois de consultar um amigo e a minha esposa. Você então me dará o que eu pedir.

– Está bem – concedeu a entidade.

---

<sup>150</sup> *çimçāpā*, nome indiano da árvore *Dalbergia Sisu*.

<sup>151</sup> *vyantara*, nome de uma classe de divindades.

O tecelão voltou para casa exultante. Quando já estava chegando, na entrada da aldeia, viu o seu amigo barbeiro a quem revelou as palavras do *vyantara*:

– Amigo, um *vyantara* concedeu-me um benefício. Diga-me o que devo pedir. Vim para perguntar isso a você.

O barbeiro aconselhou:

– Meu caro, nesse caso peça a realeza; você se tornará rei e eu, seu ministro. Nós dois gozaremos a felicidade aqui neste mundo e depois gozaremos a felicidade no outro mundo, pois dizem:

Um rei cujo objetivo é sempre dar a sentença justa alcança a glória neste mundo e ainda, por seu poder, torna-se igual aos deuses no céu. (59)

O tecelão concordou:

– Está certo, mas vou perguntar à minha mulher também.

– Meu caro – ponderou o barbeiro –, os livros de sabedoria desaprovam pedir conselho às mulheres e afirmam:

O homem sábio deve dar às mulheres comida, vestuário, relações conjugais no período de procriação, joias e outros presentes, mas jamais deve receber conselhos delas. (60)

Uma casa governada por mulher, por jogador ou por criança, ó rei, essa casa vai para a ruína – assim disse Bhārgava<sup>152</sup>. (61)

Um homem pode ter o rosto sereno e amar seus mestres, contanto que não ouça em segredo as palavras da esposa. (62)

As mulheres interesseiras desejam apenas a sua felicidade; não tem amor por ninguém, nem pelo próprio filho, se este não contribui para a sua felicidade. (63)

---

<sup>152</sup> Bhārgava, “descendente de Bhṛgu”; também conhecido como Uçanas ou Çukra, autor de um tratado de ética.

O tecelão teimou:

– Está certo, mas vou consultá-la, porque é uma esposa devotada, e, de qualquer modo, não farei nada sem lhe perguntar.

Tendo dado ao amigo essa explicação, foi para casa e, quando lá chegou, contou para a esposa:

– Querida, hoje um *vyantara* concedeu-nos um benefício. Ele perguntou o que eu desejava, e eu vim consultar você. Diga o que devo pedir, pois o meu amigo barbeiro sugeriu-me que pedisse a realeza.

A esposa retrucou:

– Filho de nobres, que inteligência têm os barbeiros? Você não deve seguir os seus conselhos, pois a tradição ensina:

O homem prudente não deve ouvir conselhos dos atores ambulantes, dos bardos, dos inferiores, dos barbeiros, das crianças, nem dos mendigos. (64)

– Ademais, reinar é uma enorme sucessão de dissabores. A preocupação com acordos, discórdias, marchas, defensivas, refúgios, duplicidades e outras estratégias<sup>153</sup> nunca deixa tempo para o homem ser feliz, porque:

Desde o instante em que se deseja a realeza, a inteligência se volta para as calamidades, pois as ânforas derramam catástrofes junto com a água no momento da consagração dos reis.<sup>154</sup> (65)

– E também:

---

<sup>153</sup> Essas ações constituem os *ṣaḍguṇa*, isto é, as seis estratégias que um rei deve utilizar em política exterior, tema tratado no terceiro livro da coleção – *A história dos corvos e das corujas*.

<sup>154</sup> Variante da estrofe de número 231 do terceiro livro da coleção (cf. 2º. volume, p. 217)

Tendo em mente a jornada de Rāma, a exclusão de Bali, a floresta dos filhos de Paṇḍu, a destruição dos Vṛṣṇi, a perda do reino do rei Nala, a transformação de Saudāsa, o assassinato de Arjuna e vendo o rei de Lañkā escarnecido<sup>155</sup> – tudo por causa da realeza –, conclui-se que ela não é algo que se deva desejar.<sup>156</sup> (66)

Visto que os irmãos e até os filhos dos reis desejam a morte destes para obterem a realeza, esta deve ser deixada à distância. (67)

O tecelão concordou:

– Você tem razão, querida. Diga-me, entretanto, o que devo pedir.

– Você – disse ela –, tece sempre uma só peça de cada vez e, com isso, todas as despesas são pagas sem dificuldade. Por isso, peça para você outro par de braços e uma segunda cabeça para fabricar duas peças ao mesmo tempo, uma na frente e outra nas costas. O que receber por uma cobrirá as despesas da casa, como antes, e o que receber pela segunda ficará para as despesas de ocasiões especiais. Desse modo você viverá feliz, sendo festejado no meio da própria linhagem e ganhará os dois mundos.

<sup>155</sup> Menção a vários heróis que passaram por enormes dificuldades: Rāma, protagonista da epopéia *Rāmāyana*; Bali, nome de um *daytya* (nome genérico dos filhos da deusa Diti) que se apoderou de quase todo o Universo, mas foi contido por Viṣṇu e relegado aos mundos subterrâneos; filhos de Paṇḍu são os cinco protagonistas da epopeia *Mahābhārata*; Vṛṣṇi, nome da família de Kṛṣṇa, destruída por dissensões internas; Nala, rei que perde o reino e a esposa em jogo de dados; Saudāsa, rei de uma linhagem Solar, foi transformado por uma maldição em *rākṣasa* (entidade demoníaca) comedor de homens; Arjuna (que não é o Arjuna filho de Paṇḍu), herói que teve morte violenta; o soberano de Lañkā (Sri Lanka) é Rāvana, personagem da epopéia *Rāmāyana*.

<sup>156</sup> A primeira metade dessa estrofe é igual à primeira metade da estrofe de número 232 do terceiro livro da coleção; a segunda metade apresenta algumas alterações com a finalidade de provar que a realeza não é desejável. (cf. 2º volume, p. 217).

Entusiasmado com o que ouviu, ele exclamou:

– Muito bem, esposa devotada, muito bem! É certo o que você sugeriu e é isso mesmo o que farei. Essa é a minha resolução.

Saiu em seguida e foi pedir ao *vyantara*:

– Por favor, se você quer satisfazer o meu desejo, dê-me um segundo par de braços e uma segunda cabeça.

Assim que ele falou, viu-se, no mesmo instante, com duas cabeças e quatro braços. Ficou exultante. Ao voltar para casa, no entanto, as pessoas pensaram que ele fosse um *rākṣasa*<sup>157</sup> e atacaram-no com golpes de cajados e pedras; e ele morreu.

É por isso que eu digo:

Quem não tem inteligência própria... [*çloka* 58]

O brâmane com a roda na cabeça continuou:

– Veja, também é certo que todo homem que nutre esperanças enganosas impossíveis torna-se ridículo. Isso, entretanto, alguém já expressou melhor:

Quem contempla no futuro eventos impossíveis fica deitado todo branco, como o pai de Somaçarman<sup>158</sup>. (68)

O brâmane que encontrara ouro perguntou:

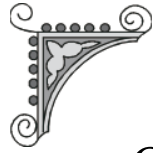
– Como foi isso?

O da roda contou:

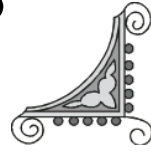


<sup>157</sup> *rākṣasa*, entidade demoníaca perigosa para homens e animais com a capacidade de mudar de aparência.

<sup>158</sup> Somaçarman, “que tem a proteção do Soma (nome de uma bebida ritualística; divinização dessa bebida)”.



**FÁBULA VIII**  
O brâmane chamado  
Svabhāvakṛpaṇa





ivia em certa cidade um brâmane chamado Svabhāvakṛpaṇa<sup>159</sup>, que recebia habitualmente esmolas de farelos de arroz. Comia um pouco e guardava as sobras num pote, que pendurara num gancho da parede. Colocara a sua cama embaixo e sempre contemplava o pote com olhos fixos. Uma noite, deitado, ficou pensando:

– Esse pote já está bem cheio de farelos. Se houver um período de escassez, ele poderá render umas cem rúpias, com as quais poderei obter duas cabras. As cabras parem a cada seis meses, logo, em pouco tempo, haverá um rebanho. Com a venda das cabras, conseguirei muitas vacas; com as vacas, búfalas; com as búfalas, éguas. As éguas parindo, terei muitos cavalos, cuja venda renderá muito dinheiro. Com o dinheiro comprarei uma casa com quatro alas e um pátio central. Algum brâmane virá à minha casa e me oferecerá a sua filha rica em beleza e recém chegada à puberdade. Ela me dará um filho, ao qual darei o nome de Somaçarman. Ele crescerá e logo será capaz de engatinhar sobre os joelhos. Um dia eu me sentarei na parte de trás do estábulo de cavalos para ler um manuscrito. Enquanto isso, Somaçarman me verá, deixará o colo da sua mãe para engatinhar e virá para perto de mim, passando junto dos cascos dos cavalos. Encolerizado, gritarei para a brâmani: “Segure essa criança!” Ela, porém, inteiramente ocupada com as tarefas domésticas, não ouvirá as minhas palavras. Eu me levantarei e lhe darei um pontapé.

Absorvido em seu devaneio, o brâmane realmente desferiu um pontapé tão forte que quebrou o pote e ficou todo branco com os farelos de arroz.

---

<sup>159</sup> Svabhāvakṛpaṇa, “miserável por natureza”.

É por isso que eu digo:

Quem contempla no futuro... [çloka 68]

O brâmane do ouro, depois de ouvir a história, concordou:

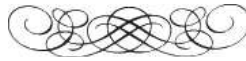
– Isso é verdade. Qual é a sua culpa então, já que todos os ludibriados pela cobiça sofrem no final? E a tradição ensina:

Aquele que age por cobiça e não se preocupa com as consequências só obtém mortificação, como aconteceu com o rei Candra<sup>160</sup>. (69)

O brâmane da roda perguntou:

– O que foi que aconteceu?

O do ouro contou:



---

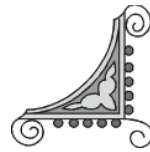
<sup>160</sup> Candra, “lua”, “que tem o brilho da lua”.





# FÁBULA IX

O rei Candra





hamava-se Candra o rei de uma certa cidade. Seus filhos estavam sempre brincando com os macacos e costumavam alimentá-los com muitas iguarias, gulodices e outros manjares. O chefe protetor desse bando era um sábio macaco que conhecia e praticava os preceitos de Uçanas, Bṛhaspati e Cāṇakya<sup>161</sup> e ensinava esses preceitos a todos.

No palácio havia um rebanho de carneiros, que eram atrelados ao carrinho de transporte dos jovens príncipes. Um dos carneiros, muito guloso, não tinha receio de entrar na cozinha dia e noite, para devorar tudo que via. E os cozinheiros imediatamente batiam nele com os objetos à sua vista: recipientes de barro ou madeira ou utensílios feitos de cobre ou bronze.

O protetor dos macacos, ao perceber isso, pensou:

– Ai! Essa discórdia entre o carneiro e os cozinheiros trará a ruína para os macacos, pois esse carneiro é muito glutão e os cozinheiros enfurecidos atiram nele o primeiro objeto que lhes cai nas mãos. Se, na falta de outra coisa, alguma vez baterem nele com um tição, mesmo com pouco fogo, a copiosa lã do carneiro incendiar-se-á. Em chamas, o animal entrará no estábulo dos cavalos que está ao lado da cozinha e lá a palha abundante prenderá fogo e logo os cavalos sofrerão queimaduras. Ora, Çālihotra<sup>162</sup> ensina que gordura de macaco acalma a dor de queimaduras nos cavalos. Por isso, agora é preciso encontrar um modo de evitar essa possibilidade.

---

<sup>161</sup> Três autores de conhecidos tratados de Ética e Política.

<sup>162</sup> Çālihotra, “que recebe oferendas de arroz”; nome de um sábio escritor de tratados sobre veterinária.

Tendo assim ponderado, reuniu todos os macacos e recitou-lhes:

A discórdia que irrompe entre o carneiro e os cozinheiros trará a ruína para os macacos, sem dúvida. (70)

Portanto quem deseja viver deve fugir para longe da casa em que sempre há discórdia sem causa. (71)

– E também:

A discórdia destrói as mansões; os insultos arruinam as amizades; os maus reis debilitam os reinos e as práticas perversas anulam a fama dos homens. (72)

– E portanto – recomendou ele –, antes que sejamos todos destruídos, abandonemos o palácio do rei e partamos para a floresta.

A macacada presunçosa, porém, depois de ouvir esse conselho inaceitável, caiu na risada e respondeu:

– Ora, o senhor sugeriu isso porque o seu discernimento deve estar enfraquecido pela velhice, como dizem:

Boca sem dentes, baba sempre escorrendo e nenhuma faísca do intelecto caracterizam a criança e principalmente o velho. (73)

– Nós não abandonaremos os alimentos variados, especiais, com sabor de ambrosia, como prazeres do céu e que recebemos das próprias mãos dos príncipes. E para quê? Para irmos morar na selva e comermos frutos adstringentes, ácidos, amargos, cáusticos e sem sumo?

Ouvindo isso, o chefe ficou com os olhos turvos de lágrimas e suspirou:

– Ai, ai, quanta tolice! Vocês não sabem no que vai se transformar essa felicidade. Pois ela, que consiste essencialmente no gozo do sabor, tornar-se-á veneno no final. Eu, contudo,

não verei a destruição da minha família. Irei para a floresta agora mesmo, pois:

Afortunados aqueles que não viram um amigo caído em desgraça, a sua casa ocupada por outros, o seu país oprimido e a sua família destruída. (74)

Com essas palavras, o protetor do bando abandonou todos eles e partiu para a selva.

Depois que ele se foi, certo dia, o carneiro guloso entrou na cozinha e um cozinheiro, não encontrando nenhum objeto, bateu nele com um graveto aceso. Com o corpo em chamas, balindo desesperado, o carneiro entrou no estábulo ao lado. Enquanto ele rolava no chão recoberto por palha abundante, erguiam-se labaredas de fogo que se espalharam por tudo. Alguns cavalos ficaram cegos e morreram; outros, que conseguiram romper as peias e ficaram com queimaduras nos corpos, relinchavam e corriam para lá e para cá, criando confusão em todo mundo.

O rei Candra, muito triste, mandou chamar os especialistas versados na ciência de Çālihotra e pediu-lhes:

– Por favor, indiquem algum remédio para acalmar as dores das queimaduras desses cavalos.

Os especialistas, pensando nos ensinamentos dos manuais, responderam:

– Majestade, a respeito desse assunto diz o venerável Çālihotra:

As chagas dos cavalos produzidas por queimaduras desaparecem quando tratadas com a gordura dos símios, assim como a escuridão desaparece ao nascer do sol. (75)

– Empregue esse tratamento de imediato – eles aconselham –, antes que os cavalos morram por causa das chagas.

Dando ouvidos a esse conselho, o soberano ordenou a matança de todos os macacos. Em resumo, todos eles foram exterminados com cajados, pedras e vários outros tipos de armas.

O protetor dos macacos soube da chacina sofrida por seus filhos, netos, irmãos, sobrinhos e todos os outros membros do bando e foi tomado por extrema tristeza. Tendo renunciado à comida e ao divertimento, vagueava pela floresta e ia pensando:

– De que modo poderei prejudicar esse monarca arrogante? O que me compensaria dessa perda? Ensinam os sábios:

Aqui no mundo, quando um homem tolera, por medo ou por interesse, que um ultraje seja perpetrado por outrem aos membros de sua linhagem, ele deve ser considerado o mais vil entre os homens. (76)

E o velho símio, vagueando por toda parte, atordoado pela sede, encontrou um lago encantador coberto de flores de lótus. Enquanto ele observava com o olhar atento, notou que as séries de pegadas de homens e animais entravam na água, mas não saíam. Ele refletiu:

– Certamente no fundo dessa água existe uma entidade maligna. Beberei água de longe, utilizando um canudo feito de talo de lótus.

Quando ele assim fez, surgiu no meio do lago um *rākṣasa* com o colo adornado por um colar de pedras preciosas. A criatura falou:

– Quem quer que entre aqui neste lago torna-se comida para mim. Nunca vi alguém tão astuto quanto você, utilizando esse meio para beber água. Gostei disso. Peça o que o seu coração desejar.

– Bem... Quantas pessoas o senhor é capaz de comer? – perguntou o macaco.

O *rākṣasa* respondeu:

– Dos que entram na água, eu posso comer cem, mil, dez mil, cem mil... Fora da água, até um chacal me deixa envergonhado.

O macaco fez uma proposta:

– Sinto uma hostilidade sem limites contra um rei. Se o senhor me der esse colar de pedras preciosas, eu atrairei esse rei e seus súditos para cá, utilizando muita conversa, e depois farei com que todos entrem nessa lagoa.

O demônio acreditou no que ouviu e concordou com isso, entregando o colar:

– Amigo, faça o que for necessário.

O símio adornou seu colo com o colar do *rākṣasa* e depois foi perambular pelas árvores e pelo palácio do rei até ser percebido por algumas pessoas que lhe perguntaram:

– Olá, chefe do bando! Onde o senhor ficou morando por todo esse tempo? E onde conseguiu esse colar de pedras preciosas cuja luminosidade supera até a do sol?

O símio respondeu:

– Em certa floresta há um grande lago bem escondido, criado por Dhanada. Naquele lago, qualquer um que mergulhar no momento em que o sol nascente se mostrar só pela metade retornará com um presente do deus, um colar de gemas preciosas no pescoço.

Quando o rei Candra soube disso, mandou chamar o macaco e perguntou-lhe:

– Protetor do bando, é verdade isso? Existe em algum lugar um lago cheio de joias?

– Majestade – respondeu o velho macaco –, a prova do que eu disse é este colar aqui no meu pescoço, diante dos olhos de Vossa Majestade. Se deseja ter um igual, envie alguém comigo para que eu lhe mostre a localização.

Ao ouvi-lo, o soberano resolveu:

– Nesse caso, irei eu mesmo com todos os meus súditos, para obtermos maior quantidade de colares.

O macaco concordou:

– Convém fazer isso, Majestade.

Assim foi combinado. Estimulados pela cobiça dos colares de pedras preciosas, as esposas, os familiares e os servidores – todos os habitantes da corte – acompanharam o rei. E no regaço dele, o macaco ia satisfeito, pois eram conduzidos suavemente, bem acomodados num palanquim. Também é possível dizer:

Glória a ti, Deusa Tṛṣṇā<sup>163</sup>! Tu compeles até os abastados a cometer atos inidôneos e a andar por lugares intransitáveis. (77)

E assim:

Quem tem cem deseja mil; quem tem mil quer cem mil; o possuidor de cem mil deseja um reino; o que obteve o reino quer o céu. (78)

Os cabelos do ancião embranquecem, os dentes deterioram, bem como os olhos e os ouvidos; só a sua cobiça rejuvenesce.<sup>164</sup> (79)

Quando chegaram ao lago, na hora do sol nascente, o macaco falou ao rei:

– Majestade, os que entrarem na água enquanto o sol se mostrar pela metade terão sucesso. Todos devem entrar de uma só vez. Depois entraremos nós dois para irmos ao local que eu já vi, onde lhe mostrarei uma infinidade de colares.

Então a multidão entrou no lago, e todos foram comidos pelo *rākṣasa*. Como estivessem demorando a voltar, o rei perguntou:

– Chefe dos macacos, por que meu povo está demorando?

Ouvindo a pergunta, imediatamente o símio trepou numa árvore e respondeu lá de cima:

<sup>163</sup> Tṛṣṇā, “sede”, “avidez”, “cobiça”; nome de uma deusa mencionada nos textos hinduístas, num drama filosófico e na literatura budista.

<sup>164</sup> Estrofe igual à de número 17 deste quinto livro da coleção.

– Soberano perverso! Um *rākṣasa* que vive no fundo da lagoa devorou a sua comitiva! A hostilidade que eu sentia por causa da destruição do meu bando agora está vingada. Vá embora! Não o fiz entrar na água porque me lembrei que Vossa Majestade é o meu soberano. Eis o que se diz:

Um benefício deve ser recompensado com outro benefício, uma injúria deve ser revidada com outra injúria e eu não vejo crime nisso; um malvado deve ser tratado com maldade. (80)

– Vossa Majestade destruiu a minha família e eu, em troca, destruí a sua.

Ao ouvir essas palavras, o rei Candra sentiu-se mortificado e teve de voltar a pé e sozinho pelo mesmo caminho em que viera.

Após a partida do rei, o *rākṣasa*, saciado, saiu das águas e recitou sorrindo:

Você abateu um inimigo, ganhou um amigo e conservou um colar somente por ter tomado água com um canudo de lótus. Bravo, macaco da figueira! (81)

É por isso que eu digo:

Aquele que age por cobiça... [*çloka* 69]

Tendo terminado de contar essa história, o brâmane que encontrara ouro pediu ao que estava com a roda na cabeça:

– Amigo, agora permita-me voltar para a minha casa.

Respondeu o brâmane da roda:

– Companheiro, a aquisição de amigos e de riquezas se faz com a finalidade de usá-los nos momentos de adversidade. Como é que você quer partir, deixando-me nesta situação? Até dizem:

O amigo ingrato que abandona um companheiro na adversidade torna-se desumano e, por causa dessa maldade, vai para o inferno, sem dúvida. (82)



O brâmane do ouro defendeu-se:

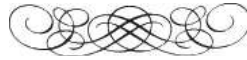
– Bem, isso é verdade quando se tem poder para agir na situação que se apresenta. Esta situação aqui, ao contrário, não está ao alcance dos homens. Não há ninguém capaz de libertar você. Além disso, quanto mais vejo a perturbação no seu rosto causada pela agonia da roda que gira, tanto mais eu percebo que devo partir logo, para que não me aconteça alguma desventura, pois:

Tal como se vê pela cor da sua face, ó macaco, você foi agarrado pelo Crepúsculo. Aquele que fugir é o que viverá. (83)

O brâmane da roda perguntou:

– O que significa isso?

O amigo contou:





# **FÁBULA X**

O rei chamado Bhadrasena





Em certa cidade, vivia um rei chamado Bhadrasena<sup>165</sup>, cuja filha Ratnavatī<sup>166</sup> apresentava todos os sinais auspiciosos.

Um *rākṣasa* queria tê-la só para si. Ele vinha à noite e a possuía, mas não conseguia raptá-la, pois a princesa era bem vigiada. Nesses momentos, ela experimentava um estado de tremores e outras reações, causadas pela proximidade da entidade demoníaca.

Assim passava o tempo. Certa vez, alta noite, o *rākṣasa* permanecia num canto da casa, enquanto a filha do rei conversava com uma amiga:

– Amiga, veja só! Na hora do crepúsculo, ele sempre vem para me atormentar. Será que existe algum meio de repelir aquele desalmado?

Ouvindo isso, o *rākṣasa* conjecturou:

– É claro! Assim como eu, alguém que se chama Crepúsculo vem sempre com a intenção de se apoderar dela, mas também não a consegue levar. Então, depois de me transformar em cavalo, ficarei na cavalaria e verei a forma e a força desse intruso.

Assim, tomando a forma de cavalo, o ser demoníaco foi para a cavalaria.

Naquela mesma noite, um ladrão de cavalos penetrou no palácio do rei, observou todos os animais e montou no *rākṣasa*, escolhido por ser o mais bonito. Este então pensou:

---

<sup>165</sup> Bhadrasena, “que tem um exército afortunado”.

<sup>166</sup> Ratnavatī, “que tem jóias”.

– Agora esse tal de Crepúsculo tomou-me por um ladrão e veio, furioso, para me matar. O que posso fazer?

Enquanto ele refletia, o ladrão fixou-lhe o freio na boca e castigou-o com uma chibatada. O *rākṣasa* pôs-se a correr com o coração acelerado pelo medo. Quando já estavam bem longe, o ladrão tentou pará-lo, puxando as rédeas, mas o demônio passou de veloz para velocíssimo.

Percebendo que puxar as rédeas não causava nenhum efeito, o ladrão estranhou:

– Ora, não existem cavalos assim como este, que não faz caso do freio. Deve ser, então, um *rākṣasa* em forma de cavalo. Tão logo eu perceba uma região com solo de areia macia, vou jogar-me no chão. Não há outro modo de me salvar.

Ele assim meditava, invocando a divindade de sua devoção, quando o cavalo passou em baixo de uma figueira. O ladrão agarrou-se a um galho e lá ficou pendurado.

Ao ver que estavam separados, ambos sentiram imensa alegria e recuperaram a esperança de não perder a vida.

Acontece que naquela figueira se encontrava um macaco, amigo do *rākṣasa*. Ao ver seu amigo assustado, o macaco disse:

– Ei, amigo, por que você está fugindo assim, cheio de medo absurdo? Esse aqui é um homem. Que você pode até comer. Coma!

Escutando essas palavras, o *rākṣasa* tornou à própria forma e voltou cauteloso, com passos vagarosos.

O ladrão, ao se dar conta do que dissera o macaco, segurou-lhe a cauda, colocou-a na boca e a mordeu com raiva.

O macaco, por sua vez, considerando-o mais forte do que o *rākṣasa*, não disse nada por causa do medo e só ficou imóvel, pálido, de olhos fechados, tremendo de dor.

Notando o aspecto do amigo, o *rākṣasa* recitou esta estrofe:

Tal como se vê pela cor da sua face, ó macaco, você foi agarrado pelo Crepúsculo. Aquele que fugir é o que viverá. (84) [*çloka* 83]

E desapareceu.

– Agora – pediu o brâmane do ouro novamente –, dê-me licença, pois quero voltar para casa. Você, ao contrário, fique aqui e coma o fruto da árvore de sua cobiça.

O brâmane com a roda na cabeça protestou:

– Oh, não! Não é assim. Os acontecimentos felizes ou infelizes na vida dos homens são ditados pela vontade dos deuses. E se diz:

Rāvaṇa<sup>167</sup>, apesar de ter a montanha Trikūṭa<sup>168</sup> como fortaleza, o oceano como fosso, o exército formado por guerreiros *rākṣasa*, a riqueza doada por Kubera<sup>169</sup> e o código de conduta composto por Uçanas, pereceu por capricho dos deuses. (85)

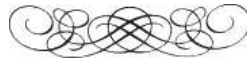
– E também:

Um cego, um corcunda e até mesmo uma princesa com três seios foram curados de forma estranha, num momento em que os deuses foram propícios. (86)

O brâmane do ouro perguntou:

– Como é que isso aconteceu?

O da roda contou:



<sup>167</sup> Rāvaṇa, rei do país de Laṅkā (hoje República de Sri Lanka), inimigo de Rāma na epopéia *Rāmāyaṇa*.

<sup>168</sup> Trikūṭa, “três picos”; nome de uma montanha em Laṅkā.

<sup>169</sup> Kubera, deus da riqueza.



# **FÁBULA XI**

O rei chamado Madhusena





avia na superfície da terra, na estrada que leva à região norte, uma cidade de nome Madhupura<sup>170</sup>. Lá vivia um rei chamado Madhusena<sup>171</sup>. Visto que ele sempre fruía os prazeres dos sentidos, um dia nasceu-lhe uma menina com três seios. Ao ouvir dizer que a sua filha nascera com três seios, o rei ordenou aos guardas do harém:

– Homens! Façam com que essa menina desapareça. Vão até bem longe na floresta e a deixem lá, para que ninguém saiba disso.

Ao ouvir essa ordem, os guardas protestaram:

– Grande Soberano! Sabe-se que uma menina de três seios é portadora de má sorte. Por isso Vossa Majestade deve convocar os brâmanes e consultá-los, para que não haja acusação de ofensa em nenhum dos dois mundos. Dizem:

Cresce, como o lótus sob os raios do sol, a inteligência de quem sempre pergunta, ouve a resposta e a retém na memória com cuidado. (87)

– E também:

O homem com discernimento deve ser sempre inquisitivo. Outrora um brâmane, apesar de preso por um *rākṣasa* poderoso, libertou-se graças a uma pergunta. (88)

O rei perguntou:

– Como foi isso?

Os guardas do harém contaram:



---

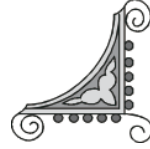
<sup>170</sup> Madhupura, “cidade do mel”, a moderna Mathurā.

<sup>171</sup> Madhusena, “senhor da cidade do mel”.



## FÁBULA XII

O *rākṣasa* chamado  
Caṇḍakarman







ajestade! Em certa região de floresta vivia um *rākṣasa* chamado Caṇḍakarman<sup>172</sup>. Um dia, quando vagueava pela floresta, encontrou um brâmane. Montou sobre os ombros deste e ordenou:

– Vá até aquele lago, lá em frente.

O brâmane, com a mente agitada pelo medo, segurou-o e saiu andando. Então, notando que o *rākṣasa* tinha os pés suaves como o interior do lótus, perguntou:

– Escute, como é que o senhor tem os pés tão suaves?

– Ah – respondeu a entidade demoníaca –, é um voto religioso: eu nunca toco o chão com os pés molhados.

Ao ouvir essa resposta, o brâmane, enquanto se aproximava do lago, ficou conjecturando num meio de se libertar. Aí, o *rākṣasa* disse:

– Veja bem! Vou fazer abluções, realizar um rito em homenagem aos deuses e depois voltar. Enquanto isso, você não deve sair daqui para nenhum outro lugar.

Assim acertado, o religioso previu:

– Agora, na parte final do rito em homenagem aos deuses, ele vai me devorar. Vou para bem longe, de modo que ele, estando com os pés molhados, não venha atrás de mim.

Ele assim fez e o *rākṣasa* não o perseguiu, com receio de quebrar o seu voto religioso.

É por isso que eu digo:

O homem com discernimento... [*çloka* 88]

---

<sup>172</sup> Caṇḍakarman, “que comete ações cruéis”.

Após ouvir a história que os guardas lhe contaram, o rei convocou os brâmanes e falou-lhes:

– Veneráveis brâmanes! Minha filha nasceu com três seios. Existe algum meio de reverter isso, ou não?

Eles responderam:

– Ouça, Majestade:

Uma filha dos homens que nasce sem algum membro ou com membros em excesso pode causar a frustração do marido e atrofiar o próprio caráter. (89)

Se a criança nascida com três seios aparecer no seu campo de visão, o pai será destruído sem demora; não há nenhuma dúvida disso. (90)

E aconselharam:

– Por isso, Majestade, nunca olhe para ela. Depois, se alguém a quiser como esposa, dê-lhe a jovem e ordene que ambos abandonem o país. Agindo assim, não poderá ser acusado de ofensa em nenhum dos dois mundos.

Tendo escutado a sugestão dos brâmanes, o rei ordenou que se fizesse esta proclamação ao som de tambores por todo o reino:

– Ouçam todos! Quem quiser desposar uma princesa com três seios receberá cem mil *suvarṇa*<sup>173</sup> e deverá deixar a região.

Embora a proclamação pública tenha sido feita, muito tempo foi passando e ninguém queria casar com ela. Ela vivia sob intensa vigilância em local secreto, mas a puberdade já estava próxima.

Acontece que naquela cidade morava um cego em companhia de um corcunda chamado Mantharaka<sup>174</sup>, que era seu guia

<sup>173</sup> *suvarṇa*, “ouro”, “medida de peso de ouro”, “moeda de ouro”.

<sup>174</sup> Mantharaka, “lento”, “vagaroso”; é o mesmo nome da tartaruga do segundo livro da coleção (cf. 2º. livro, p. 35) e também do tecelão da fábula VII deste livro.

e responsável pela sua bengala. Quando escutaram os tambores e a proclamação, deliberaram um com o outro:

– Se alguém tocar esse tambor, poderá ter a sorte de obter a jovem e também receber o dinheiro. Com o dinheiro recebido, o tempo passará prazerosamente. Se, entretanto, por azar, a princesa trouxer a morte, será o fim da dor causada pela pobreza. E até se diz:

Pudor, afeição, voz doce, inteligência, satisfação da mente, vitalidade, paixão, interesse pelos familiares, ausência de dor, prazeres, virtude, ciência, sabedoria do preceptor dos deuses, pureza, meditação sobre conduta – tudo isso é concedido aos mortais que têm o pote chamado estômago cheio de grãos. (91)

Dito isso, o cego foi tocar o tambor:

– Ouçam! Se o rei me der a princesa, eu me casarei com ela.

Então os servos foram informar ao rei:

– Majestade, o tambor foi tocado por um cego. Nesse ponto, Vossa Majestade é a autoridade. O que devemos fazer?

Respondeu o rei:

Cego ou surdo ou leproso ou nascido em casta inferior, que receba a princesa com os cem mil *sudarṇa* e que se vá para outro país. (92)

Por ordem do rei, os guardas conduziram o cego à margem do rio, casaram-no com a princesa conforme os ritos e deram-lhe o dinheiro. Depois, mandaram todos subir em um barco e disseram aos remadores:

– Escutem bem! Vocês devem levar esse cego, sua esposa e o corcunda para outro país e deixá-los em alguma cidade.

Assim fizeram.

Quando chegaram a outra região, numa cidade indicada pelos remadores, os três conseguiram comprar uma casa onde passavam o tempo prazerosamente. O cego só ficava dormindo no divã. Mantharaka cuidava dos trabalhos domésticos.

Assim foi passando o tempo e, enquanto isso, os sentimentos da princesa em relação ao corcunda iam mudando. E, com certeza, pode-se dizer isto:

Se o fogo pudesse ser frio, se a luz da lua fosse ardente, se a água do oceano fosse doce, então existiria a fidelidade conjugal das mulheres.<sup>175</sup> (93)

Um belo dia, a princesa sugeriu ao seu novo amor:

– Querido, se esse cego morresse de algum modo, aí sim é que o tempo transcorreria prazerosamente para nós. Vamos procurar um veneno nas redondezas e dar para ele. Isso me deixará feliz.

Estava o corcunda perambulando em certa ocasião, quando encontrou uma serpente negra morta. Pegou-a contentíssimo, levou-a para casa e orientou a princesa:

– Querida, encontrei esta serpente que você deve cortar em pedaços, preparar com muito gengibre e outras especiarias e oferecer a esse que não enxerga nada, dizendo que é peixe. E peixe é o que ele mais gosta de comer, portanto vai morrer num instante.

Dito isso, foi embora.

A princesa picou a cobra em pedacinhos, colocou-a num caldeirão sobre o fogo aceso, acrescentou manteiga com água e, como estava ocupada com os trabalhos domésticos, pediu ao cego com deferência:

– Filho de nobres! Comprei peixe, de que o senhor tanto gosta, pois é o que sempre me pede. E os peixes estão no fogo para cozinhar. Enquanto eu cuido dos serviços da casa, o senhor poderia pegar uma colher e mexer o caldeirão de vez em quando.

---

<sup>175</sup> Esta estrofe assemelha-se, em forma e conteúdo, à de número 51 do quarto livro da coleção, neste volume.

Logo que ouviu isso, lambendo os beijos, alegre, o cego se levantou ligeiro, pegou a colher e começou a mexer com vigor.

Aconteceu, porém, que, enquanto ele mexia, seus olhos foram atingidos pelos vapores venenosos e a película escura foi se dissolvendo. Percebendo que aqueles vapores tinham efeito benéfico, especialmente para os seus olhos, postou-se de modo que estes recebessem maior quantidade de vapor. Depois que recuperou a visão, ele olhou para o caldeirão e só o que viu, no meio da manteiga, foram meros pedaços de serpente. Ficou intrigado:

– Ora, mas o que é isso? Ela me disse que era peixe, mas são pedaços de cobra. Agora preciso descobrir com certeza se isso é obra da princesa de três seios ou é um plano para me matar imaginado pelo corcunda ou por outra pessoa.

Após essas reflexões, disfarçou sua verdadeira condição e continuou procedendo como se ainda estivesse cego.

Nesse meio tempo, Mantaraka havia chegado e se aproximado da princesa, sem nenhum receio, dando-lhe abraços, beijos e outras carícias. Vendo isso, o cego ficou cego de fúria e, como não encontrou nenhuma arma, foi direto para a cama e puxou o corcunda pelos pés com tanta força que este girou, descrevendo um círculo, subindo e descendo, e caiu contra o peito da mulher. A violência do choque fez o terceiro seio afundar. E a força do rodopio endireitou as costas do corcunda.

É por isso que eu digo:

Um cego, um corcunda e até mesmo... [*çloka* 86]

O brâmane que encontrara ouro, depois de ouvir essas histórias, concordou:

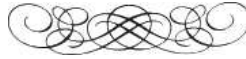
– É, isso é verdade. Tudo se torna favorável com a benevolência dos deuses. Mesmo assim, convém ouvir o que é dito pelos homens veneráveis. Quem procede de modo contrário é destruído como você, pois:

Os que agem com discórdia destroem a si mesmos como os pássaros *bhāraṇḍa*<sup>176</sup>, que têm um só estômago, mas dois pescoços separados, comendo frutos cada um por si. (94)

O portador da roda perguntou:

– Como foi isso?

O do ouro contou:



---

<sup>176</sup> *bhāraṇḍa*, nome de uma ave lendária, que supostamente vive no país dos Uttarakuru (“Kuru do Norte”) região ao norte da Índia, além do Himalaia, descrita como lugar de eterna beatitude.



## FÁBULA XIII

História do pássaro *bhāraṇḍa*





ivia, à margem de um certo lago, um pássaro *bhāraṇḍa*, que tinha um só estômago, mas dois pescoços separados. Perambulando à beira d'água, encontrou um fruto trazido pelas ondas que era quase como ambrosia. Comeu um pedaço e comentou:

– Hum! Já comi muitos frutos que as ondas do mar trouxeram e que se pareciam com ambrosia, mas nunca ouvi falar deste aqui. Será que provém das árvores do paraíso de Indra<sup>177</sup>? Ou será um fruto de ambrosia que inadvertidamente caiu aqui por acaso?

Nem tinha terminado de falar quando o segundo bico pediu:

– Ótimo! Se é assim, dê-me um pedacinho para que a minha língua também sinta esse prazer.

Respondeu o primeiro bico com uma risadinha:

– Se nós dois temos um só estômago e uma só satisfação, por que então comer em separado? É melhor que a nossa amada experimente essa sobra.

Assim dizendo, deu o resto do fruto à *bhāraṇḍī*<sup>178</sup>, que ficou extasiada, agradecendo com abraços, beijos, carinhos e muitas lisonjas.

O segundo bico, a partir desse momento, ficou aborrecido e desanimado. Certo dia, porém, ele encontrou um fruto venenoso e disse para o outro bico:

– Veja só, criatura impiedosa, vil e desdenhosa! Encontrei um fruto venenoso que vou comer por causa do seu desprezo.

O outro levou um susto:

---

<sup>177</sup> Indra, deus da atmosfera e do céu, senhor da chuva e dos raios.

<sup>178</sup> *bhāraṇḍī*, feminino de *bhāraṇḍa*.



– Seu tolo! Não faça isso! Se você comer esse fruto, nós dois morreremos.

Enquanto ele falava, porém, o segundo bico já estava comendo o fruto por vingança. Em resumo, morreram os dois.

Por isso, eu digo:

Os que agem com discórdia... [*çloka* 94]

O brâmane da roda concordou com a moral da história:

– É verdade isso. Você agora deve voltar para a sua casa. Entretanto, você não deve ir sozinho, pois dizem:

Não se deve comer guloseimas sozinho, não se deve velar sozinho enquanto os outros dormem, não se deve viajar sozinho e não se deve planejar empreendimentos sozinho.<sup>179</sup> (95)

– E também:

Mesmo insignificante, um companheiro de viagem garante a segurança; a vida de um viajante foi salva pelo caranguejo que levava consigo. (96)

O brâmane que encontrara ouro perguntou:

– Como foi isso?

O da roda contou:



---

<sup>179</sup> Esta estrofe está no *Mahābhārata*, V. 33. 46.



## **FÁBULA XIV**

História do brâmane  
chamado Brahmadata





ivia em certa povoação um brâmane chamado Brahmadatta<sup>180</sup>. Por necessidade dos seus deveres, aprontou-se para ir à cidade, mas a sua mãe o advertiu:

– Filho, por que você vai fazer essa caminhada sozinho? Procure alguém para ir junto com você.

Ele respondeu:

– Mãe, não tenha medo. Essa estrada não é perigosa. Meus deveres me obrigam, mesmo que tenha de ir sozinho.

Quando a mãe compreendeu que ele estava decidido, pegou um caranguejo do tanque perto dali e sugeriu:

– Filho, se você tem absoluta necessidade de ir, este caranguejo será seu companheiro. Tome-o e vá.

Ele, em obediência ao pedido da mãe, pegou o caranguejo com as duas mãos, colocou-o na bolsa de cânfora e esta no alforje e partiu rápido. Ao caminhar, sentiu-se fatigado pelo calor do verão, sentou-se em baixo de uma árvore à beira do caminho e lá mesmo dormiu.

Enquanto ele dormia, uma naja saiu dum oco da árvore e se aproximou. Devido à atração natural pelo perfume da cânfora, a serpente desviou-se de Brahmadatta, dilacerou o alforje, entrou nele e foi comendo a bolsa de cânfora com extrema gula.

Lá estava o caranguejo, e foi ele quem tirou a vida da serpente.

Quando o brâmane acordou, viu que a serpente negra estava morta bem ao seu lado e o caranguejo estava sobre a bolsa de cânfora. Ao ver isso, pensou:

– Foi esse caranguejo que a matou.

---

<sup>180</sup> Brahmadatta, “dado por Brahman”.

E acrescentou com grande contentamento:

– Céus! Minha mãe tinha razão: deve-se ter um companheiro, mesmo insignificante, e não viajar sozinho. Por isso segui o seu conselho com o coração cheio de confiança. O caranguejo impediu que a serpente me matasse. Mas pode-se dizer isso com mais clareza:

Assim como é a confiança de um homem num conselho, num local de peregrinação, num brâmane, numa divindade, num astrólogo, num medicamento, num mestre espiritual, assim também será o sucesso que ele alcançará. (97)

Dito isso, Brahmadatta prosseguiu a viagem até a cidade para onde pretendia ir.

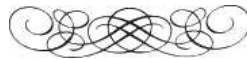
É por isso que eu digo:

Mesmo insignificante, um companheiro... [*çloka* 96]

Depois de ouvir essa última história, o brâmane que encontrara ouro, tendo recebido a permissão do brâmane que portava a roda, partiu de volta para a sua casa.

Conclui-se, assim, o quinto livro do *Pañcatantra*, intitulado **A ação impensada**, composto pelo venerável Viṣṇuçarman.

Conclui-se também o tratado de moral intitulado *Pañcatantra*.





# Bibliografia



## **Texto básico:**

KĀLE, M. R. *Pañcatantra of Viṣṇuṣarman*. Delhi: Motilal Banarsidass, 1991 (1. ed. 1912).

## **Textos sâncritos de apoio:**

BÜHLER, G. *Panchatantra II & III*. Bombay: The Education Society's Press, Byculla, 1891.

\_\_\_\_\_. *Panchatantra IV & V*. Bombay: The Education Society's Press, Byculla, 1891.

ÇRĪÇYĀMĀCARAṄAPĀṄḌEYA. *Çrīviṣṇuṣarmaḥpraṇītaḥ Pañcatantram*. Vārāṇasī: Motilal Banarsidass, 1975.

## **Traduções do *Pañcatantra*:**

BOLUFER, J. A. *Pañchatantra, o Cinco Series de Cuentos*. Madrid: Libreria de Perlado, Pérez y C<sup>a</sup>, 1908.

CHANDIRAMANI, G. L. *Panchatantra*. New Delhi: Rupa & Co., 1991.

\_\_\_\_\_. *Das Panchatantra*. Düsseldorf: Eugen Diederichs, 1971.

LANCEREAU, E. *Pañcatantra* (Introd. Louis Renou). Paris: Gallimard, 1965.

ROBLES, F. S. e GIL, L. F. Pereira. *Panchatantra ou Cinco Séries de Contos*. Lisboa: Edição Amigos do Livro, 1975.

RYDER, A. W. *The Panchatantra*. Bombay: Jaico Publishing House, 1992 (1. ed. 1949).

### **Dicionários:**

APTE, V. S. *The Practical Sanskrit-English Dictionary*. Delhi: Motilal Banarsidass Publishers Private Limited, 1992.

MONIER-WILLIAMS, M. *A Sanskrit-English Dictionary*. Oxford: Clarendon Press, 1974.

STCHOUPAK, N.; NITTI, L. e RENO, L. *Dictionnaire sanskrit-français*. Paris: Adrien-Maisonneuve, 1972.

### **Gramáticas:**

FONSECA, C. A.; FERREIRA, M. *Introdução ao sânscrito clássico*. São Paulo: FFLCH-USP, 1978.

MACDONELL, A. A. *A Sanskrit Grammar for Students*. Oxford: Oxford University Press, 1986.

WHITNEY, W. D. *Sanskrit Grammar*. Cambridge: Oxford University Press, 1950.

### **Obras de referência:**

BASHAM, A. L. *The Wonder that was INDIA*. New Delhi: Rupa & Co., 1994.

BUITENEN, J. A. B. van (Trad.) *The Mahābhārata*, Books I, II, III, IV, V. Chicago: The University of Chicago Press, 1973.

FRANCO, A. (Trad.) *Calila y Dimna*. Buenos Ayres: Emecê Editores, s/d.

- KEITH, A. B. *A History of Sanskrit Literature*. London: Oxford University Press, 1961.
- LANMAN, C. R. *A Sanskrit Reader*. Cambridge/Massachusetts: Harvard University Press, 1947.
- MACDONELL, A. A. *A History of Sanskrit Literature*. New York: Haskell House, 1968.
- MÜLLER, M. “Sur la migration des fables”, in *Essais sur la mythologie comparée. La traditions et les coutumes*. Trad. George Perrot. Paris: Librairie Académique, 1873.
- PAWATE, C.I. *The Panchatantra and Aesop's Fables*. Delhi: Motilal Banarsidass, 1986.
- RENOU, L. e FILLIOZAT, J. *L'Inde classique*. Tomo I. Paris: Payot, 1947.
- \_\_\_\_\_. *L'Inde classique*. Tomo II. Paris: Imprimerie Nationale et Hanoi: Ecole Française d'Extrême Orient, 1953.
- SASTRI, G. *A Concise History of Classical Sanskrit Literature*. Delhi: Motilal Banarsidass, 1987.
- TAWNEY, C. H. (Trad.) *Somadeva's Kathāsaritsāgara* (“The Ocean of Story”). Vol. V. Delhi: Motilal Banarsidass, 1923.
- TESHEINER, M. G. e FLEMING, M. E. *Pañcatantra* – Prólogo; Livro I, Conto I. Tradução, notas e comentários. Revista *Magma*. São Paulo: DTLLC/FFLCH-USP, 1995. n. 2, p. 89-97.
- VARGAS, M. V. A. M. *Do Pañcatantra a La Fontaine: tradição e permanência da fábula*. Tese (Doutorado). São Paulo: FFLCH-USP, 1991.
- \_\_\_\_\_. Elementos para a análise da estruturação das fábulas sânscritas. *Estudos Lingüísticos. XIX Anais de Seminários do GEL*. Bauru: UNESP, 1990. p. 59-64.

\_\_\_\_\_. A ética das máximas no formulário sânscrito. *BHARATA, Cadernos de Cultura Indiana*. São Paulo: FFLCH-USP, 1990. n. 1, p. 29-39.

\_\_\_\_\_. A fábula indiana e sua expansão para o ocidente. *Revista de Estudos Árabes*. São Paulo: FFLCH-USP, jul./dez. 1994. Ano II, n. 4, p. 35-50.

\_\_\_\_\_. Marcas da oralidade na composição dos textos narrativos sânscritos. *Revista de Estudos Orientais*. São Paulo: Humanitas, dez. 1999. n. 3, p. 129-38.

\_\_\_\_\_. Práticas intertextuais e interdiscursivas de leitura da fábula. *Linha d'Água*. São Paulo: FFLCH-USP, 2002, n. 15, p. 31-39.

\_\_\_\_\_. Reflexos da fábula indiana nos textos de Monteiro Lobato. *Revista Magma*. São Paulo: DTLLC/FFLCH-USP, 1995. n. 2, p. 74-85.

\_\_\_\_\_. Representações e transformações da fábula clássica nas atividades didáticas. *Ciência para o Progresso da Sociedade Brasileira. 48ª. Reunião Anual da SBPC. Anais*. Vol. I. São Paulo: PUC-SP, 1996. p. 284-90.

\_\_\_\_\_. Sujeito e interdiscurso no universo dialógico da fábula. *Via Atlântica*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008, p. 143-155.

\_\_\_\_\_. A tradição indiana da fábula. A tradição da fábula. In DEZOTTI, M. C. C. (Org.). *A tradição da fábula. De Esopo a La Fontaine*. Brasília/São Paulo: Editora da Universidade de Brasília/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003, p. 111-127.

WINTERNITZ, M. Classical Sanskrit Literature. *History of Indian Literature*. Vol. III. Delhi: Motilal Banarsidass, 1985.



## SOBRE AS AUTORAS

**MARIA VALÍRIA ADERSON DE MELLO VARGAS**, Mestre em Filologia e Língua Portuguesa e Doutora em Filologia e Linguística Românica pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), é docente aposentada da FFLCH/USP onde atuou na Área de Língua e Literatura Sânscritas do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas e da Área de Semiótica e Linguística Geral da pós-graduação do Departamento de Linguística da FFLCH-USP. Foi orientadora do projeto de pesquisa intitulado “Tradução das fábulas do *Pañcatantra* e considerações sobre a atualidade e a universalidade do gênero fábula”, desenvolvido por **MARIA DA GRAÇA TESHEINER** e **MARIANNE ERPS FLEMING**, originalmente, no âmbito do Programa de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/USP-CNPQ), no período de 1994 a 1997, enquanto ambas eram alunas do Curso de Sânscrito da FFLCH e já bacharéis em Filosofia. O projeto ampliou-se, com a proposta de tradução da coleção completa do *Pañcatantra*, levada a efeito durante o período de 10 (dez) anos, e publicada, em três etapas, pela Editora Humanitas, da FFLCH-USP, nos anos de 2003 (1º volume, com reedição em 2004), 2008 (2º volume) e 2013 (3º volume).